BIZZ

Direto de Londres
DURANDURAN
na intimidade

★

ROGER WATERS
conta a origem
de "The Wall"

★

CHRISSIE HYNDE
(Pretenders)
"Tudo é sexo
e comida"

★

Estilo
GRACE JONES
no Brasil

★

LULU SANTOS
não perdoa,
mata

num **ENTREVISTÃO**
histórico

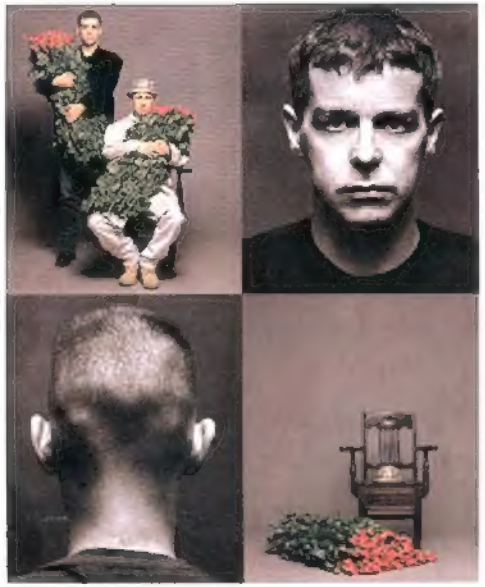
NOVA YORK **EXCLUSIVO**

INFORMATION SOCIETY

DE VOLTA ÀS PISTAS DE DANÇA

AO VIVO
O maior festival
Heavy do mundo
NAS FICHAS
GENESIS ★ MADONNA
★ CHUCK BERRY
★ SEX PISTOLS

Chegou.



Behaviour.

PET SHOP BOYS

em LP, K7 e CD

EMI

Dançar ou não dançar — eis a questão que aflige muitos roqueiros da gema. Inconformados com a irresistível ascensão das infinitas modalidades de dance music ao topo das paradas, muita gente que se criou ouvindo rock encontra dificuldades em engolir o baticum que vazou das pistas para o mundo. Não dá nem para ler a BIZZ sem trombar com matérias sobre *dance* — especialmente em São Paulo, onde a revista traz encartado o *Dance Chart* da Jovem Pan/DMC.

Isso tem irritado alguns leitores, que andaram protestando contra a invasão desta música "comercial" na revista. Seguinte: o rock'n'roll foi inventado para ser música de baile, e desde aquele tempo praticamente tudo que se fez nessa área estimula a dança — seja ela twist ou headbanging. E "comercial" é tudo que esteja à venda, seja Sex Pistols ou *dance*.

Nosso objetivo é dar um panorama de *tudo* que acontece na música pop. É o caso desta edição. Na capa e na página 38 temos o americano **Information Society**, bem acompanhado pelo inglês DuranDuran. Mas também tem Roger Waters, Chrissie Hynde e um *Entrevistão* com **Lou Reed** e **John Cale** (pág. 45). Quer música de raiz? Tem Buckwheat Zydeco e Stevie Ray Vaughan. Música negra? Leia sobre o novo trabalho de Prince no *FF* e no *Ao Vivo*. A nação metálica vai curtir Living Colour e a cobertura exclusiva do maior festival heavy do mundo, o Monsters Of Rock. E os cafonas que nos perdoem, mas estilo é fundamental. **Grace Jones** está no superbem-sucedido *Estilo Bizz* (pág. 58).

Fotos da Capa: Sheila Information Society: EMI-Odeon; Duran Duran: W. Abbott; Lou Reed/John Cale: Gary N. Gibson-Stills

Achamos que este número está a) bem democrático e b) bem legal. Nada que chegue perto, no entanto, da nossa megaedição natalina, que terá a estréia de sete — é isso mesmo, *sete* — seções novas, mais uma reformulação total do visual da revista. Até dezembro.

ÍNDICE

6 **SHOWBIZZ**
Cure, R.E.M., Sisters, ricaços

12 **FAST FORWARD**
MTV Awards, Lulu Santos, Skowa

28 **DURANDURAN**
De novo *fabulous five*

34 **ROGER WATERS**
A gênese de *The Wall*

38 **LIVING COLOUR**
O segundo disco

54 **CHRISSIE HYNDE**
Um papo com a musa dos Pretenders

66 **DANCE MUSIC**
Deee-Lite, Boy's Own

68 **CONEXÃO BRASIL**
Reggae em São Paulo, Squonks, zines

70 **AO VIVO**
Technotronic, Donnington, Prince

75 **JUKEBOX**
The Dave Clark Five

77 **DISCOS**
Todos os lançamentos do mês

86 **LETRA TRADUZIDA**
"Brick By Brick", Iggy Pop

88 **PARADA**
Leitores, Brasil, EUA e Inglaterra

90 **CARTAS**
Pau no Scandurra e na "nova geração"

92 **DISCOTECA BÁSICA**
Surrealistic Pillow, Jefferson Airplane

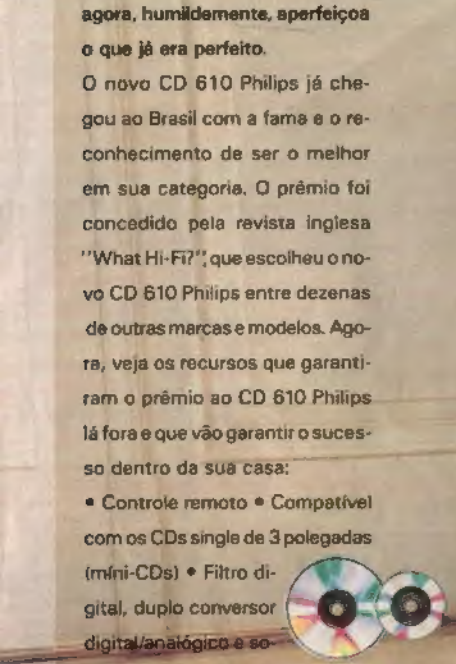
94 **HÁ 5 ANOS**
Éramos todos jovens

A PHILIPS ACABA DE ULTRAPASSAR A BARREIRA DO SOM.

A Philips, que já tinha simplesmente inventado o Compact Disc, agora, humildemente, aperfeiçoa o que já era perfeito.

O novo CD 610 Philips já chegou ao Brasil com a fama e o reconhecimento de ser o melhor em sua categoria. O prêmio foi concedido pela revista inglesa "What Hi-Fi?", que escolheu o novo CD 610 Philips entre dezenas de outras marcas e modelos. Agora, veja os recursos que garantiram o prêmio ao CD 610 Philips lá fora e que vão garantir o sucesso dentro da sua casa:

• Controle remoto • Compatível com os CDs single de 3 polegadas (mini-CDs) • Filtro digital, duplo conversor digital/analógico e sobreamostragem quádrupla: altíssima relação sinal/ruído com distorção praticamente inexistente • Programação de até 20 faixas em qualquer ordem • Random: programação automática que permite a reprodução das faixas do disco em inúmeras seqüências diferentes da original • Display FTD: indica simultaneamente o tempo transcorrido de cada faixa, o número de faixas de cada disco, o número da faixa selecionada e outras informações • Repetição A-B: você programa um trecho da música e o CD 610 repete quantas vezes você quiser • Saída para headphones.



PHILIPS

COMPACT disc DIGITAL AUDIO

PRODUZIDO NA ZONA FRANCA DE MANAUS

BEM-VINDO AO FUTURO.

BEM-VINDO À PHILIPS

O X DO INXS

Três anos depois de alcançar o estrelato com o multimilionário LP *Kick*, o australiano **INXS** está de volta à ativa. O novo álbum chama-se simplesmente *X* e o primeiro single é o funkinho "Suicide Blonde". As más línguas dizem que a tal "loira suicídio" é a barbie Kylie Minogue, namoradinha do cantor do INXS, Michael Hutchence.

TRINTA ANOS DA MOTOWN

As comemorações pelos trinta anos da gravadora Motown já começaram: antes mesmo da completíssima compilação que o selo de Detroit está preparando para festejar a ocasião, foi lançada nos EUA a caixa **THE MARVIN GAYE COLLECTION**. Composta de quatro discos, ela resume em suas 82 faixas, 34 delas inéditas, o *must* da produção de Marvin, desde as primeiras gravações pela Motown (de 61) até os últimos trabalhos antes de sua morte, em 84. O primeiro volume (*20 Top 20s*) é dedicado aos *greatest hits* em ordem cronológica e compreendendo vinte anos de sua carreira. O segundo disco (*The Duets*) traz não só os encontros vocais mais famosos com Mary Wells, Tammi Terrell e Diana Ross como também faixas não editadas anteriormente, em duetos com Oma Page e Kim Weston. As gravações inéditas dão a tônica do terceiro volume (*Rare, Live And Unreleased*): dentre as doze presentes, canções de Smokey Robinson ("My Girl") e Norman Whitfield ("Down And Under When You Limbo"), além de uma versão ao vivo de "Come To Get This" não incluída no álbum *Marvin Gaye Live* (74). O último disco (*The Balladeer*) concentra os números lentos, desde sucessos de Nat King Cole até sete músicas de um LP inédito (*Vulnerable*). Atenção, BMG-Ariola: vamos apagar essas velinhas por aqui também...

ENO VOLTA AO POP

Brian Eno está às voltas com três projetos distintos. No recém-lançado *Wrong Way Up*, ele retoma a colaboração com John Cale (oba!). Eles já haviam trabalhado juntos no LP *The End*, da ex-Velvet Underground Nico, em 74. O novo LP traz dez (dez!) composições da dupla, que também é responsável pela produção. Está sendo anunciado como a volta de Eno ao pop.

Ainda este ano deve sair um outro álbum com músicas de Brian Eno remixadas pelo DJ Alex Patterson, chefão do selo *dance* Waul Mr. Modo e integrante do grupo The Orb — o criador da ambient house. E para fevereiro de 91 está previsto um novo disco solo, mais experimental, do ex-membro do Roxy Music.

ABERTURAS

Quem havia estranhado a conexão Titãs/Bowie, armado pelo Poladian em setembro, deve ter ficado ainda mais surpreso com as associações insólitas reservadas para o mês seguinte. Senão, vejamos: o sambalançante Lulu Santos abrindo para Eric Clapton e o gauchesco Nenhum de Nós aquecendo o público para os macabros Sisters Of Mercy. Alguém aí é capaz de imaginar combinações menos recomendáveis? O pior ainda vem aí: o Rock In Rio II, em janeiro.

RÁPIDO & RASTEIRO

• Susanne Hoffs, das Bangles, está lançando seu primeiro LP solo, que inclui cover para "Boys Keep Swinging", clássico setentista de David Bowie.

• Em outubro, o barbudo ZZ Top dou a largada na sua turnê americana — a primeira em quatro anos. A excursão é apropriadamente patrocinada pela cerveja Miller.

• Tudo indica que os Dire Straits estejam prestes a se reunir novamente. O grupo detona uma turnê americana em julho de 91.

• Uma professora americana aposentada de 66 anos fundou a associação *Parents For Rock and Rap*. Mary Morello, mãe de um integrante do grupo heavy Lock-Up, pretende combater a feroz onda de censura nos Estados Unidos.

• Jesus & Mary Chain, R.E.M. e Primal Scream são alguns dos grupos presentes no LP *Where The Pyramid Meets The Eye*, uma coletânea de covers do grupo psicodélico-*garage* Thirteenth Floor Elevators. O LP homenageia Roky Erickson, ex-integrante do grupo que saiu recentemente da cadeia.

• O ônibus que transportava o Soul II Soul sofreu um acidente em Illinois, EUA. Jazzie B ficou com ferimentos leves nas costas — o que não impediu o prosseguimento da turnê do grupo.

• Os Pet Shop Boys planejam sua primeira tour mundial para o início do próximo ano. Mais detalhes em entrevista exclusiva com o grupo na BIZZ de dezembro.

• Isso é que é rádio. A Kiss FM, que funcionava ilegalmente há mais de um ano, na Inglaterra, foi oficializada. A melhor emissora de dance music de Londres conta com um elenco de DJs de primeira linha — entre eles, Coldcut, Danny Rampling, Jay Strongman, Richie Rich e David Rodigan.

RETARDADO PELO AMOR

Saiu na Inglaterra o novo LP dos cultuados **Cocteau Twins**, que leva o título de *Heaven Or Las Vegas*. O lançamento do sucessor de *Blue Bell Knoll* foi retardado por causa do nascimento da pimpolha Lucy Belle, filha dos integrantes Liz Fraser e Robin Guthrie. O grupo prepara para breve uma tour mundial, a primeira em quatro anos.

A REUNIÃO DAS TRIBOS

"Uma celebração de música, unidade, consciência e comunicação." Foi assim que o super-hippie **Ian Astbury** definiu o festival *Gathering Of The Tribes*, programado para acontecer em outubro, na Califórnia. O vocalista do **Cult** encarregou-se da organização do evento "cabeça", para o qual foram convidados mais de cem pop stars — entre eles Guns N'Roses, Iggy Pop, Public Enemy, Ice-T, Lenny Kravitz, MC Hammer, Mission e Happy Mondays. O festival foi inspirado no lendário Monterey Pop, realizado em 67.

R.E.M. NEWS

O R.E.M. está trancado em um estúdio, em Nova York, gravando seu novo LP. A produção é de Scott Litt — o mesmo de *Document* (87) e *Green* (88) —, e a previsão é de que o álbum fique pronto em fevereiro de 91.

Antes disso, chega às lojas (da América, claro) um vídeo com trechos da megaturnê de 88, num total de dezessete canções. O originalíssimo título (não confirmado) é *Tour Film*. Existe ainda a possibilidade de um LP ao vivo, que seria lançado este ano.

Nos últimos meses, os integrantes do R.E.M. dedicaram-se a projetos paralelos. O verdinho Michael Stipe, além de abrir uma produtora de filmes ecológicos, está no disco *Civilisation Or Technology*, rap radical do Boogie Down Productions. Enquanto isso, seus coleguinhas tocam com o veterano cantor e guitarrista *wave* Warren Zevon no LP *The Hindu Love Gods*.

MICHAEL STIPE

MISCELÂNEA

E continua o desfile de produtos que ainda não aterrissaram no Brasil. LIVROS *12 Days On The Road: Sex Pistols And America*, de Noel E. Monk e Jimmy Guterman (Morrow), recupera a tour americana dos Pistols; os autores foram testemunhas oculares da queda do maior dos grupos punk. VÍDEO *Lifestyles Of The Ramones* (Warner, US$ 19.98) revisita toda a carreira do quarteto de Nova York, com clips que são verdadeiros clássicos da estupidez humana como "Teenage Lobotomy" e "Something To Believe In", mais aparições especiais de gente como Debbie Harry e David Byrne. *The Value Of Ignorance* (PolyGram, US$ 14.95) tem Sinéad O'Connor no auge de sua raiva, em junho de 88, cuspindo o repertório de seu primeiro disco sem o menor glamour (nem lágrimas falsas escorrendo dos olhos). E, para ter uma visão aguda do que representou Bob Marley na Jamaica, a origem do rastafarianismo e da crise política em que vive o país, uma ótima opção é *Caribbean Nights* (Island, US$ 19.95), documentário feito para a TV inglesa. CINEMA Um dos filmes que conseguiram um sucesso inesperado nos EUA nesta temporada — apesar de não ter nem efeitos especiais nem um grande orçamento — é *Pump Up The Volume*, em que Christian Slater (*Young Guns 2*) faz um DJ pirata numa cidade do interior. O filme é pura MTV, só que com uma trilha de primeira que inclui AR Kane e Peter Murphy. E Billy Idol vai mesmo ser o parceiro de Schwarzenegger em *O Exterminador do Futuro 2*, que estréia em julho do ano que vem.

CURE FUNDA RÁDIO

Robert Smith, atacando de DJ? Acredite se quiser: já está no ar a Cure FM, mais uma entre as inúmeras rádios piratas de Londres. A emissora foi criada para uso pessoal do grupo, que colocou na programação suas músicas favoritas (do Cure ou não), além de fofocas e curiosidades sobre a banda. Na estréia, a Cure FM soltou no ar a versão da banda para "Hello, I Love You", dos Doors — que será incluída em *Rubaiyat*, uma coletânea de covers comemorativa do aniversário da Elektra.

Mas a maior surpresa foi a execução, em primeirissima mão, de várias faixas do próximo LP da banda, *Mixed Up*, que traz apenas remixes dançantes de canções já conhecidas. Foram ao ar novas versões para "A Forest", "The Walk" e "Inbetween Days". Robert Smith encerrou a programação apresentando ao público o mais recente single da banda, "Never Enough".

ROBERT SMITH

NO MUNDO: MÚSICA

Mais uma listinha de discos fantásticos que nunca, em tempo algum, vai chegar aqui — quem tiver grana ou contatos decentes que corra para alguma loja de importados. Primeiro barulho: quatro estréias do cão na área do metal, o Bomb Everything com *Guess What*, o sexteto japonês Boredoms com *Soul Discharge*, o Soul Asylum com *And The Horse They Rode On* e o Babes In Toyland, cujo LP *Spanking Machine* está sendo extremamente idolatrado por cultores do noise rock. Menos pesados mas igualmente indispensáveis são o novo do sombrio Crime And The City Solution, *Paradise Discotheque* (alô góticos, vem aí uma entrevista com o pessoal do Crime) e os clones loirinhos do Birdland, de volta com o provocativo *Rock'n'Roll Niggers*. Os ex-reis do rock independente inglês Prefab Sprout soltaram *Jordan: The Comeback*, e Bob Mould (ex-Hüsker Dü) lançou seu segundo disco solo, *Black Sheets Of Rain*. Finalmente: fãs dos Pogues já têm à disposição *Hell's Ditch*, produzido por Joe Strummer; e hip-hoppers podem encontrar o rap matador do Boogie Down Productions no LP *Edutainment*.

SHANE MCGOWAN (POGUES)

ROCK IN RIO 2

No momento em que fechávamos essa edição, Roberto Medina reuniu a imprensa para anunciar as atrações do Rock In Rio II. A lista, porém, não estava completa: os pesos pesados deverão ser divulgados até dezembro — Rolling Stones, Prince e U2 estariam bem cotados, segundo os boatos.

A dance music e rock pesado são as tendências marcantes nessa primeira seleção. O peso fica por conta dos Guns N'Roses, Robert Plant (uma participação de Jimmy Page está nos planos, mas não foi confirmada), e Dave Lee Roth. Os números dançantes incluem Information Society, Donna Summer, Lisa Stansfield, Run-DMC, Yazz e Deee-Lite. Do primeiro time pop, vêm A-ha (que vai compor o tema do festival, segundo Medina), George Michael, INXS e Billy Idol. Ainda na lista internacional, Ziggy Marley e o ex-Men At Work Colin Hay. Os nacionais já confirmados são Engenheiros do Hawaii, Lobão, Paralamas do Sucesso e Alceu Valença.

Os ingressos devem estar à venda a partir do dia primeiro de novembro, em todas as agências do Banco do Brasil e nos principais shoppings. Cada entrada custará aproximadamente dez dólares (arquibancada) e quinze dólares (pista).

OUÇA ESSA

"Sempre que eu atacava uma *groupie*, minha mulher me pegava em flagrante."
Mick Fleetwood

"Ganhei 367 milhões de dólares em dezesseis anos. Eu devia estar fazendo algo certo."
Berry Gordy, fundador da Motown

"Kylie é a bonequinha dos jornais. Eles não gostam que ela ande por aí com um roqueiro vagabundo. Eles falam que eu estou corrompendo sua inocência. E é o que estou fazendo, claro, ha-ha..."
Michael Hutchence, INXS

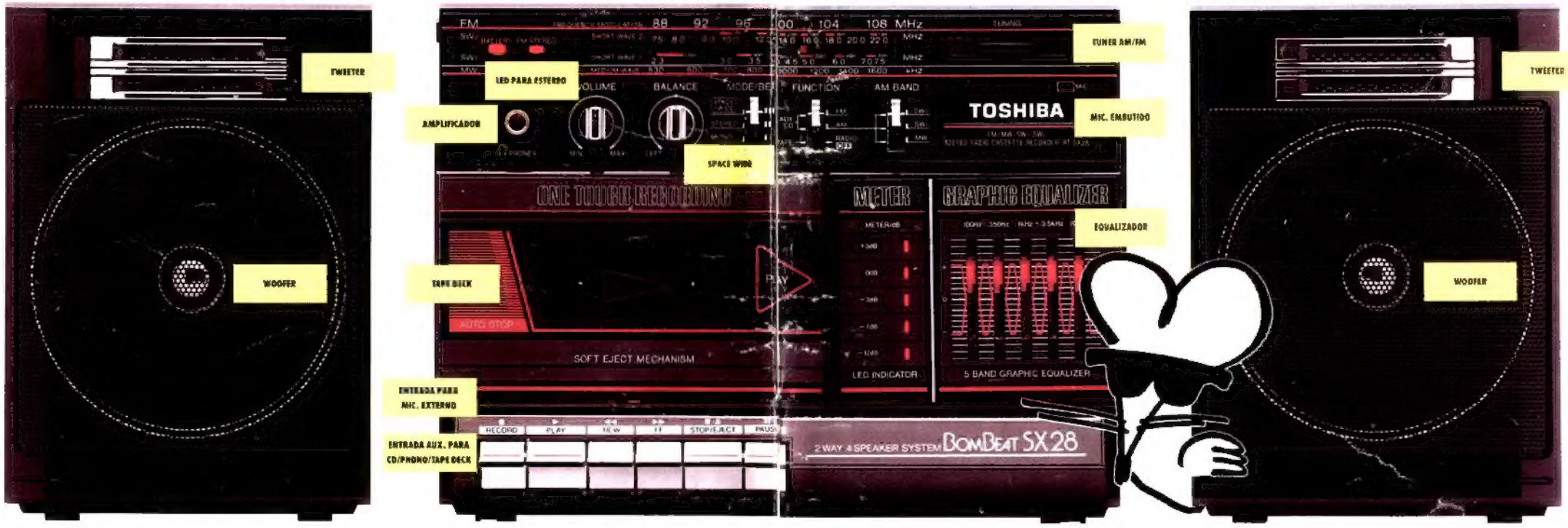
"Eu curtia Manchester. Mas hoje setenta por cento das pessoas são turistas com calças boca-de-sino te pedindo ecstasy."
Mark E. Smith, Fall

MICHAEL HUTCHENCE

O MUNDO É DOS VELHOS

Bem fazem os velhinhos transviados que reagrupam seus dinossauros para faturar uns dólares a mais e se garantir na terceira idade. O negócio dá certo. A revista Forbes sentencia: The Who está em 7.º lugar entre os músicos pop que mais faturaram em 89 e 90, nos EUA, com um total de 35 milhões de dólares. O psicodélico The Grateful Dead ficou em 13.º, com trinta milhões. Os vovozinhos do Pink Floyd e do Aerosmith e o ancião Billy Joel também figuram na lista, que ainda inclui os tradicionais Stones, os andróides Madonna e Michael Jackson (o campeão, com US$ 100 milhões), e os pentelhinhos do New Kids On The Block, estreando direto em 3.º lugar, rendendo 78 milhões.

NOVO TOSH IBA MOUSE. FAZ UNS POUC OS CRUZEIROS SOAREM COMO UMA FORTUNA.



Pra ter um som da pesada no sua sala, no quarto, na praia ou no escritório, você não precisa mais gastar quilos de dinheiro.

O novo Toshiba Mouse RT-SX28 é um system que tem tudo o que um bom equipamento de som compacto precisa ter: um eficiente amplificador, receiver AM/FM, tape deck com microfone embutido, equalizador com 5 bandas, duas caixas acústicas com woolers e tweeters, entrada para toca-discos e disc laser. O que ele não tem é tamanho. Pesa apenas 4 quilos e tem 25W (PMPO) de potência.

Novo Toshiba Mouse RT-SX28. Mais uma prova de que a tecnologia Toshiba está fazendo tudo o que é bom ficar menor, mais simples, mais prático. E, melhor ainda, sem avançar no seu bolso.

PRODUZIDO NA ZONA FRANCA DE MANAUS

SEMP TOSHIBA
SEMPRE UMA SOLUÇÃO MELHOR.

NOVO TOSHIBA MOUSE.
MICRO NO PREÇO,
ESPANTOSO NO SOM.

TOSHIBA

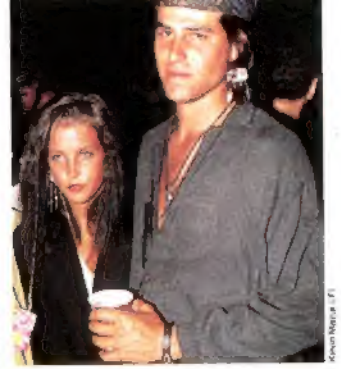
MTV Awards

O que rolou nos bastidores do maior prêmio da música pop

MC Hammer se recusou a dar autógrafos para os fãs aglomerados à porta do anfiteatro da Universal e acabou ganhando uma tremenda vaia quando sua limusine, pateticamente, ficou sem bateria no meio da multidão. Sinéad O'Connor tremia tanto, depois de receber seu prêmio, que mal conseguia segurar o microfone para as entrevistas e agradecimentos de praxe.

Os cinco do Faith No More abobalharam-se no chão da sala de imprensa e fizeram malcriação quando a afilita divulgadora ameaçou tirá-los de lá. "Não vamos embora", disseram em coro. "Vamos ficar aqui e bater papo com os jornalistas. Aliás, o que nos queremos mesmo é entrevistar Sinéad. Nós amamos Sinéad." Os Titãs passeavam pela área descoberta atrás do teatro, apreciando a vista deslumbrante de Los Angeles à noite. "Está muito quente lá dentro", resmungou Toni Bellotto. Billy Idol, ainda manco depois do acidente de moto que esmigalhou suas pernas e já exigiu cinco cirurgias, apareceu a caráter, com uma pesada calça de couro incrustada de tachas e crucifixos (apesar do calor de 40 graus) e fez seu clássico esgar: "Até que a dor não me incomoda. Nunca fui um grande dançarino, mesmo. E a dor é mais rock'n'roll, me faz ficar... grrr!"

A galera do Motley Crue, que, no ano passado, saiu no braço com o Guns N' Roses ("não vamos falar sobre isso", eles entoaram, em coro), desta vez distribuía e recebia beijos das garotas presentes (todas metidas em minivestidos pretos, aparentemente saídas de um clip de Robert Palmer). Michael Hutchence, do INXS, perambulava com um copo de cerveja na mão e pés descalços ("me sinto melhor assim") e Curt Smith, do Tears For Fears, fez cara de desentendido quando alguém lhe perguntou se gostava da música de Manchester. "Manchester? Sei lá, eu moro em Nova York." No final da noite escaldante de 6 de setembro, depois de uma festa "popular" nos estúdios da Universal para seis mil convidados, o cortejo de limusines partiu para as festas de verdade, no circuito de clubes privês de Los Angeles: Bar One, Formosa Café, China Club.



Descolados a roldão: Kim Basinger, Lisa-Marie Presley com o maridão, INXS e Billy "perna-de-pau" Idol

Era o sétima entrega dos prêmios da MTV, a quarta em Los Angeles e um sucesso, por todos os parâmetros. Na TV, Arsenio Hall, em pique de pura adrenalina, conduzia as três horas de transmissão com seu humor funk, e Sinéad O'Connor roubava de Madonna os troféus mais cobiçados da noite (Madonna acabou ficando com três prêmios técnicos por "Vogue", e encerrou a noite com uma versão picante/rococó de seu hit, metida num decotadérrimo vestido do século 18, à la *Ligações Perigosas*).

Nos bastidores, distribuídos por um labirinto de salas improvisadas sob uma gigantesca tenda branca, jornalistas e celebridades suavam profusamente (a tenda não tinha refrigeração) e disputavam a tapas as bebidas e cubos de gelos, que se esgotaram aos vinte minutos do primeiro tempo. As frases de efeito, é claro, eram mais constantes que as gotas de suor. E, este ano, concentradas no tema "censura" que, sob diversos disfarces (rótulos em discos, processos contra artistas, a prisão do grupo de rap 2 Live Crew) está recrudescendo na outrora democrática América. Entre o patética ("não me importo o que façam com meu vídeo, desde que ele seja exibido na MTV", disse Devoe, do trio pós-New Edition, Bell Biv Devoe, que teve um clip reeditado pelo canal a cabo) e o alienado — "Ih! Isso nunca aconteceu com a gente", disse Michael Hutchence — os protestos, alguns veementes, pipocaram. Depois de uma apresentação apoteótica no palco, circundado por MC Hammer e Flavor Fav do Public Enemy, Luther Campbell, do 2 Live Crew, cuspiu fogo nos bastidores: "Por que nunca perseguiram *Playboy* ou *Penthouse*? Por que perseguem a gente? Porque somos negros, gravando para um pequeno selo negro".

Mais serena e articulado, apesar da tremedeira, Sinéad O'Connor comentou que "censura em si já é horrível. Censura misturada com racismo é insuportável". E Tom Hamilton, do Aerosmith, foi filosófico: "É, os tempos estão difíceis. Mas isso alimenta cada vez mais nas pessoas o desejo de se rebelarem. E isso é o que faz o rock'n'roll, não é?"

ANA MARIA BAHIANA

ALTA ROTAÇÃO

A REDAÇÃO RECOMENDA

Total elasticidade muscular, rotação dos quadris e evacuação de toxinas cerebrais oriundas do trabalho assalariado. Tudo isso em 60 do BOB Stein (Stockhausen dançat) e THE KINKS do Todomundo. J.A.L.

O verão está aqui e é a época certa de dançar nas ruas e ouvir muito rock australiano. Para entrar no clima, o melhor pedido são os três primeiros discos do MIDNIGHT OIL, de 78, 79 e 81. Punk bronzeado e inteligente, para surfistas ou não. A.P.

THE LAST WALTZ — The Band Um álbum triplo deve ser muito bom para valer o investimento. Neste caso você fica com o melhor da banda e ainda leva Bob Dylan, Muddy Waters, Neil Young, Van Morrison e outros brindes. C.M.

COLD SNAP, Albert Collins/JUMP FOR JOY, Koko Taylor/STICKIN' TO MY GUNS, Etta James O ás do Telecaster e duas das mais valiosas damas do blues e r & b são a melhor cartada entre os lançamentos no rastro dos *Blues Festivals*. C.P.

COMES A TIME, Neil Young Ainda que não seja o mais indicado para a série Discoteca Básica, este é um belíssimo LP, com baladas folk deliciosas como "Look Out..." e o hit "Lotta Love". M.A.G.

DE VOLTA AO TOPO

Em Graffiti Bridge, Prince recupera a criatividade e comete um de seus melhores discos

Pegue o nome Graffiti Bridge e decore. Você vai precisar dele em festas, conversas, eventos sociais etc. Este é o nome da trilha sonora dupla do novo filme de Prince. E como é? Genial, genial, genial é óbvio!!!

Não, não é óbvio. Desde *Lovesexy*, um álbum nota 6, e a babaseira que foi a trilha sonora de *Batman*, o reinado de Prince Rogers Nelson parecia estar seriamente abalado. É lógico, o *hype* deslumbrado continuava sólido, mas aqui e ali opiniões mais sérias começavam a achar que Prince estava ficando auto-indulgente, dotado e chato. Mas a luz voltou a baixar sobre Paisley Park, e *Graffiti Bridge* é um dos mais brilhantes discos a sair de lá. (Quanto ao filme, vamos ver...)

Confira os convidados: a cantora Mavis Staples, ex-líder do trio soul Staple Singers, nos anos 60 e 70, um tanque vocal. George Clinton, um fugitivo do hospício com a alma empesteada de funk que fez discos, puxando do rock e jazz, tanto solo como com seus grupos Parliament e Funkadelic. The Time, banda que surgiu no início dos 80 e que reúne Jimmy Jam, Terry Lewis, Monte Moir, Jelly Bean Johnson, Jesse Johnson, Morris Day e Jerome Benson, produtores e músicos polivalentes, especialmente os dois primeiros, que se incluem entre os produtores-chave da música pop da segunda metade dos 80.

O som é Prince, reconhecível a léguas. E isso não é nada ruim, pois é o Prince de "When Doves Cry", "Pop Life", "Little Red Corvette", o Prince da sonoridade única, dos infalíveis melodias pop, do experimentalismo de estúdio na medida, da dose essencial de loucura.

O funk está vigorosa como nunca. "We Can Funk" e "The Latest Fashion" são extremamente covardes. A primeira, Prince com George Clinton; a segunda, com o Time. É muita covardia, não é? Mais plutônio para pistas de dança vem em "The Love Machine" e "Round And Round", combinação do vocal feminino certo com a batida seca e destacada; "Mrs. Melody", com Mavis Staples no vocal e a melhor abertura do LP, meio gospel; "Release It", do Time, que dá umas jazzeadas e cai num funk poderoso.

O rock soa incrivelmente fresco. Recheado de clichês MOR bobo-alegres em "Can't Stop This Feeling I've Got", marcado por teclados debilóides e vocais femininos sessenta em "Shake", do Time, ou misturado ao funk em "New Power Generation" e "Elephants & Flowers". Só peca, pelo excesso, na pomposidade progressivo de "Thieves In The Temple".

Sobre as baladas não é preciso dizer que são das melhores já saídas de Minneapolis. "Question of U", até a metade contada e depois um rico instrumental, ou a lânguida "Joy In Repetition".

O espantoso é que cada uma das músicas tem cara de hit. Se você compra ao menos uma trilha sonora, um álbum duplo e um LP de Prince por ano, economize: leve o maravilhoso *Graffiti Bridge*. *CAMILO G. ROCHA*

The Chimes

Uma cover do U2 coloca um grupo britânico na linha de frente do soul mundial. Mas Pauline Henry, a voz dos "sinos", diz que Bono não sabe cantar e de quebra mete o pau em Lisa Stansfield e Technotronic

"Afinal, achei alguém que sabe cantar essa música direito. Melhor que eu." Foi o único comentário de Bono Vox sobre a cover de "I Still Haven't Found What I'm Looking For" feito pelos Chimes. A versão é pura soul. Mantém o tom religioso/épico do original do U2, mas introduz um componente a mais na receita: a sensualidade.

A voz elogiada por Bono está agora na minha frente. Pertence a uma inglesa negra, de rosto lindo e corpo mais para o gordinho — Pauline Henry. Como uma britânica descolou este vozeirão de crioula americana? "Quando eu era criança, ia à igreja todo domingo. Foi lá que comecei a cantar, junto com meus irmãos e irmãs."

Anos mais tarde, Pauline participou de duas bandas que tentavam o fusão funk-jazz-rock, mas decidiu que o negócio para ela seria uma carreira solo. Foi então que o tecladista-baterista James Locke e o baixista Nike Poden, procurando desesperadamente por uma cantora para sua nova e recém-montada banda, The Chimes, entraram em contato com ela.

A CBS logo viu que o som dos Chimes servia como uma luva para a gravadora embarcar na onda do novo soul e contratou a banda rapidinho. Pauline: "Esta foi a primeira vez na minha vida que eu não estava a procura de um contrato!"

Os singles "1-2-3" e "Heaven" (grandes hits de pista) venderam decentemente, mas foi com a versão de "I Still Haven't Found What I'm Looking For" que os Chimes explodiram, na Grã-Bretanha e internacionalmente. Tem uma história por trás disso. "Nós estávamos fazendo um programa de TV onde tocamos 'Halfway To Paradise', e eles nos pediram para mostrar um outro lado nosso, tocando uma cover. Eu vivia cantando 'I Still Haven't Found ...' em casa. Gostava da música, ela tem uma vibração muito espiritual. Então resolvemos tocá-la. O pessoal da gravadora adorou. Eu achei que estávamos péssimos" *(risos)*.

"Bono Vox devia só compor e deixar para eu cantar"

Espera aí, uma cantora de soul que é fã do U2? "Mais ou menos. Eu sempre achei que o forte do Bono é seu estilo de compor, não sua voz. Foi engraçado, porque mesmo antes de gravar 'I Still...', eu vivia brincando, dizendo que Bono deveria só escrever os músicas, e eu cantá-las *(risos)*. Eu adoraria trabalhar com ele".

Apesar do sucesso dos Chimes e da onda de soul que assola as paradas do mundo, Pauline não parece nada entusiasmada com certas coisas que andam se tornando hits. "Acho que as paradas vão muito mal... e tudo tão pouco criativo. Sinto que as pessoas estão procurando por algo novo, algo estranho e assustador, que não acontece desde o Soul II Soul." Diga-se que Jazzie B produziu o single "1-2-3", dos Chimes. "Estamos passando por uma fase fraca, com músicos do filme das Tartarugas Ninja chegando ao número um." Atenção: isso é uma agulhada no Technotronic.

Como é que Pauline vê a inclusão de sua banda nesse soul-trem? "Para mim, quando digo soul, estou falando de gente que canta com a alma, não do tipo de som. Mick Jagger, por exemplo, canta soul."

"Mas este soul de olhos azuis, tipo Lisa Stansfield... isso não é realmente soul. É forçado, é fabricado. Não sei quanto tempo este movimento vai durar e não me preocupo com isso. Sei que consigo cantar em diferentes estilos e é isso que importa." *ANAMARIA G. DE LEMOS*

NO EMBALO DA SANFONA

Um passeio pelos domínios do "príncipe" do zydeco

Poucos no Brasil haviam ouvido falar de Stanley Dural Jr. — conhecido também pela alcunha de Buckwheat Zydeco — antes do lançamento por aqui de seu mais recente LP *Where There's Smoke, There's Fire*. Porém, não seria surpresa se o disco conquistasse a atenção do grande público, especialmente devido ao instrumento pilotado por Buckwheat: a arcadeão, cuja sonoridade remete diretamente aos acordes dos sanfoneiros nordestinos e sertanejos.

Natural da cidade de Lafayette, Louisiana, Buckwheat fundamenta seu estilo musical no *zydeco* — o ritmo tradicional daquela região do sul dos EUA, introduzido pela colonização francesa no século XVIII e disseminado entre a população negra, de origem *creole*. Mas a este legado, acrescenta sólidas bases de rock'n'roll, r&b e soul, numa interação que se completa na contraposição de instrumentos elétricos e metais aos usados habitualmente no *zydeco*: o acordeão e o *rubboard* (lâmina de metal ondulado fixa ao peito, tocada com colheres ou abridores de lata). O resultado desta fusão é um convite à festa, comandado pela sanfona e os vocais de Buckwheat.

EMI-Odeon

Sua trajetória, contudo, não poderia ser mais errante: apesar de tocar piano desde a infância, ele só foi se interessar pelo acordeão em 79, depois de passar três dos seus 32 anos como organista da banda de Clifton Chenier, o "rei" do *zydeco*: "Até então, eu era como a garotada de hoje, que cai fora assim que ouve a palavra *acordeão*, dizendo que isso é para polcas". Depois de gravar oito LPs por pequenos selos, teve seu primeiro álbum lançado por uma grande gravadora. *On A Night Like This*. No repertório, além dos números originais de Buckwheat, covers de Bob Dylan (a faixa título), Booker T. And The MGs' ("Time Is Tight"), The Blasters ("Marie Marie") e do velho mestre Chenier ("Hot Tamale Baby").

O disco projetou-o como a principal figura no reemergência deste estilo centenário no universo pop, chegando a ser indicado para o Grammy, e foi seguido pelo LP *Taking It Home* (88) que consolidou seu nome nos EUA. Com a edição de *Where There's Smoke...*, mais uma vez Buckwheat detona sua sanfona unindo o *zydeco* ao mais autêntico espírito do rock'n'roll. Desta feita, as versões escolhidas a dedo são de Hank Williams ("Hey Good Lookin' "), Stones ("Beast Of Burden") e Bobby Troup ("Route 66"), além de pauladas de sua própria autoria como "Buck's Hat Rod" e "Be Good Or Be Gone". No entanto, todas estas influências não descaracterizam nem comprometem a missão maior de Buckwheat que, a exemplo da cumprida por seu mentor Chenier, é a de preservar a tradição musical do *zydeco*: "Esta música vem das minhas raízes... Se ninguém continuar a tocá-la depois de mim, ela estará perdido".

CELSO PUCCI

DE CASO COM A MÁFIA

Em seu segundo LP, Scowa & Máfia trocam automóveis por atitudes

"Eu não voto. Não tenho nem título de eleitor! Não acredito em eleições. É absurdo as pessoas precisarem de alguém para dizer o que devem ou não fazer..."

Enquanto aprecio a vista panorâmica da avenida Paulista, do janela do prédio da EMI-Odeon em São Paulo, Scowa me explica porque é contra o voto obrigatório. Na verdade, esse é apenas o fim de uma longa digressão sobre o sucesso.

Tento voltar à minha pergunta original, que era bem mais simples. Como ficou a situação de Scowa & Máfia, depois do sucesso de "Atropelamento E Fuga", em 89?

"Não foi um sucesso. As pessoas têm essa impressão, porque aparecemos bastante em TV. Mas só ficamos um pouco mais conhecidos. Hoje somos uma banda média."

Eppur Si Muove — Contraste e Movimento é o nome do segundo disco de Scowa & Máfia. A famosa frase de Galileu Galilei — "no entanto, se move" (em italiano) — assumiu um outro sentido, segundo Scowa: aqui, ela reafirma a relação da banda com a dança, já patente no primeiro LP, *La Famiglia*.

A primeira faixa do novo LP a chamar a atenção é "Ana Lógica", por um motivo bem simples: os autores são Akira e Alex Antunes — os mesmos de "Atropelamento E Fuga". Já funcionou uma vez...

"Não sei se 'Ana' vai fazer sucesso, ou mesmo se vai ser escolhida para puxar o disco. Quando escolhemos 'Atropelamento' foi porque representava todos as outras faixas. Desta vez, tem outros músicos que cumprem essa função: 'Atitudes', 'Gosto Demais'..."

"Gosto Demais", por sinal, reúne vários convidados especiais: Miles Davis, Jimi Hendrix, Três Paletas, Frank Zappa, Luis Melodia e Thaíde — todos sampleados, é claro.

"Essa música tem uma ligação com dance music. Mas não sou especialista. Não sei se dá para tocar nas rádios especializadas em dance music."

A maior novidade deste LP são as vinhetas. "Africa Brasil", que abre e fecha o disco, e apenas um remix de faixa do LP anterior. Já "High Tech, High Touch", "Porto Príncipe" e "Mutoto" representam propostas individuais dentro do grupo. A primeira é de James Muller, e mistura tecnologia e percussão tribal. "Porto" é uma composição para piano de Binga, e "Mutoto", composta num dialeto africano, é de autoria de Bukassa — que passou sua infância no Zaire.

O primeiro disco vendeu apenas 25 mil cópias, mesmo com a boa execução de duas de suas faixas. E se, desta vez, eles não emplacarem nenhum hit? "Tudo bem, eu vivo de música há cinco anos, já subi e desci tantas vezes! Só não venham tentar me derrubar!" Scowa ainda está furioso com um *Ao Vivo* publicado no BIZZ 53. "Meu trabalho pode até não ser bom, mas é honesto!"

MARIA ADAN GIL

Stevie Ray Vaughan

O blues perde uma estrela

Patrick Sitar

Na madrugada do último 27 de agosto o rhythm'n'blues perdeu a destreza, habilidade e inventividade do guitarrista e vocalista branco Stevie Ray Vaughan. Após um concerto de Eric Clapton (onde fez uma participação ao lado de seu irmão, o guitarrista do Fabulous Thunderbirds, Jimmie Vaughan) no Festival de Blues de Alpine Valley em Wisconsin, EUA, ele tomou seu lugar num helicóptero (Bell 206) da equipe de Clapton. Stevie tinha pressa de chegar a Chicago. Na escuridão, após um tempo da decolagem, o helicóptero bateu numa plataforma de esqui e caiu. Com Stevie morreram o piloto e membros de sua equipe. Durante o concerto, Clapton o havia apontado como o melhor guitarrista do mundo no momento.

Nascido em Austin, Texas, há 35 anos, Stevie explodiu com seu grupo Double Trouble (no básico guitarra/baixo/bateria) em 82, no Festival de Montreux. Na sequência participou como convidado especial de David Bowie em seu álbum *Let's Dance*, de 83. Logo foi contratado pela CBS para gravar e lançar seu primeiro disco, *Texas Flood*, onde já demonstrava algumas das influências *recebidas* de Albert Collins, B.B. King e Jimi Hendrix (entre outros).

A cada novo trabalho, Stevie demonstrava evolução e sensibilidade. Em 84 lançou *Couldn't Stand The Water*, onde regravou com muita identidade "Voodoo Chile (Slight Return)", de Hendrix. O LP de 85, *Soul To Soul*, tinha "Look At Little Sister" (de Hank Ballard) e "You'll Be Mine" (de Willie Dixon). O sucesso já era tanto que em 86 chegou a vez do álbum duplo *Live Alive*, com Vaughan em seu melhor elemento, o palco.

A esse altura, Stevie estava seriamente envolvido com bebedeiras e drogas pesadas. Em 87 resolveu dar um tempo para descansar da vida de estrada e se cuidar. Somente voltaria a gravar e lançar disco em 89, *In Step*, cuja faixa título falava desses problemas e da vontade de se recuperar. Nesse disco voltou a gravar W. Dixon com "Let Me Love You Baby" e B. Guy com "Leave My Girl Alone".

Stevie já tinha pronto um novo trabalho, *Family Style*, gravado com seu irmão Jimmie, que deve sair em breve nos EUA. Seus cinco primeiros trabalhos foram lançados no Brasil pela CBS e uma pequena parte daquela apresentação em Montreux em 82 está na coletânea *Atlantic Blues-Guitar*, lançada aqui há algum tempo pela WEA. E como sempre acontece nesses momentos, muitas raridades de estúdio e de seus concertos deverão virar discos. Stevie excursionou em 89 ao lado de Jeff Beck, que o considerou uma reencarnação de Hendrix por causa de seu estilo. Mas Stevie declarou certa vez à revista *Guitar Player* que não se considerava um herói da guitarra; simplesmente curtia tocar o verdadeiro blues, o blues negro.

LEOPOLDO REY

PAPO CABEÇA

Lulu Santos diz que quer revolucionar o pop mundial e dispara: "Eu inventei Lobão"

Existem pop stars idolatrados pela crítica, mas incapazes de pronunciar uma única frase publicável. O contrário é ainda mais comum: artistas a quem boa parte da imprensa adoraria dar os costas, mas não pode. Por uma razão muito simples: eles cospem manchetes, são mestres em criar polêmicas e fontes inesgotáveis de pequenas pérolas maldosas. Lulu Santos é um deles: um frasista nato, capaz de provocar reações exaltadas — a seu favor ou contra — toda vez que abre a boca.

O lançamento do LP *Honolulu* foi um bom pretexto para Lulu ativar mais uma vez sua metralhadora giratória — sobraram tiros para todos, de Roger Waters a Lobão. Com vocês, o "papo cabeça" de Lulu Santos.

POPSAMBALANÇO

"O LP *Popsambalanço* foi concebido para ser um marco no pop brasileiro."

"Esperava que esse disco mudasse o panorama de observação da música pop, quem sabe, no mundo inteiro."

"Queria que o pop encarasse de frente a possibilidade de ser inseminado pela música brasileira."

"Pode ser que, daqui a dez anos, tudo que fiz no disco se cristalize. Para a época, era um projeto meio futurista."

O ROCK ACABOU

"Foi exatamente isso que eu quis dizer. Mas é evidente que o meu background é de rock."

"Tenho inveja do compositor do violão de nylon. Não estou mais interessado no solo de guitarra, que é uma linguagem desgastada."

"Nos Estados Unidos, existe uma tradição histórica — o rock'n'roll veio do rhythm'n' blues, que já foi o blues, que veio dos negros do plantação. Seria genial se tivéssemos a possibilidade de observar isso aqui, do preto do carnaval mais recôndito da Bahia até uma manifestação como o Olodum."

MURO DE BERLIM I — O BABACA

"Jorge Ben é dez mil vezes mais legal do que aquele palhaço do Roger Waters. O que ele aprontou em Berlim..."

João Stevens Arq.

"Finalmente, ele conseguiu construir um muro do tamanho do ego dele. Aquele babaca do primeiro mundo, branco, hippie velho, conservado em barris de cocaína..."

"O show deveria ter sido com Soul II Soul, Technotronic, Jorge Ben e Gil."

MURO DE BERLIM II — O SAMBA

"Minha música 'Samba Em Berlim' é boa o suficiente para resistir o velhice do assunto."

VERSÕES

"Tem isso do crítica ser contrário? Não sabia. Sempre acho as minhas ótimas."

"No disco novo, tem uma de 'I'm A Believer', do Neil Diamond, gravada originalmente pelos Monkees. Virou 'Não Acredito'. Tem versos maravilhosos: 'Eu pensei que o amor fosse mole algo assim feito requeijão'."

POÉTICA

"Tudo parece ruim quando é só poético."

HONOLULU

"É uma das melhores músicas que já fiz. Escrevi depois das medidas econômicas. Em vez de reclamar, eu delirei."

CRÍTICA

"Não estou preocupado com a crítica. Ninguém é obrigado a gostar do que eu faço. Nunca pude contar com ela, nem a favor nem contra."

"As desavenças são mais insufladas pela imprensa. A matéria que o André Forastieri fez comigo na *Folha de S. Paulo* era uma tentativo de me fazer insultar todo mundo no rock *(que, aliás, deu certo — AF)*

UM MILHÃO DE AMIGOS

"O Herbert fala para mim: 'Você é meu baby'."

"Quantas vezes o Herbert foi ao camarim beijar os meus pés!"

"É bacana encontrar o Renato Russo e ficar falando aqueles absurdos. Eu adoro, por ele ser tão louco!"

"Eu dei força a praticamente todos eles, quando estavam no começo, e tive isso de volta em carinho."

O CRIADOR DE LOBOS

"Os ataques pessoais a gente deixa para o Lobão, que o papo dele é esse."

"Nada nele me espanta, porque o conheço desde os dezesseis anos. Praticamente, fui eu quem o inventou."

"Lobão era um menino coreta, de classe média alta, totalmente sem experiência. Agora é Lobão, o doidão de plantão."

"Tenho carinho por ele, compreendo que esse seja o formato dele *(rindo)*. Ele imagina que o personagem dele faz isso."

LORENA CALABRIA / MARISA ADÁN GIL

Muita água já rolou desde que surgiu Docksides. E até hoje, ele é o único porto seguro em resistência e durabilidade. Em um planeta com 2/3 ocupados pelos mares, nada mais natural, pra quem nasceu com vocação de marinheiro

Reme com a gente:

Taloneira com *toebox* para dar melhor acabamento e evitar deformações

Tento de couro especial super forte, tipo americano

Gáspea de couro com flor integral: charme e resistência. Costura *lands* com linha de náilon com algodão

Ilhoses de metal antiferrugem

Sola de látex natural, colada e costurada: mais durabilidade

Identificação das marcas Samello e Docksides: autenticidade. Mais conforto na palmilha com espuma de látex Docksides. Porque estamos na mesma canoa.

Couros do Curtume Progresso
Solados de borracha com qualidade MSM

Porque O Planeta Também É Água.

GIFA

DUAS SEMANAS DE BARBA SEM ENCHER O TANQUE.

Você está vendo a nova máquina de fazer a barba. Dispensa o uso de fios e suas baterias recarregáveis garantem até 2 semanas de barbear com apenas uma recarga. Tem duas cabeças com lâminas flutuantes e auto-afiáveis. Agora é assim: você escolhe onde e quando fazer a barba. Rapidinho.

NOVO PHILISHAVE TRACER RECHARGEABLE.

MUITO MAIS QUILOMETRAGEM POR RECARGA.

PHILIPS

NOVA YORK

EXCLUSIVO

INFORMATION SOCIETY

No mundo inteiro, o nome de Minneapolis que mais vende discos é Prince. No Brasil não, é o Information Society. Paul Robb, James Cassidy e Kurt Harland Valakuen, o trio tecnopop de Minneapolis, é um dos grupos estrangeiros mais bem-sucedidos no Brasil. Seu primeiro LP, *Information Society*, lançado aqui em 1989, vendeu 250 mil cópias (só em um mês setenta mil), recorde absoluto entre os títulos da gravadora Stiletto, que incluem Kylie Minogue, Bomb the Bass e S'Express. Deste LP, nada menos que seis faixas foram hits, massacrando por meses os ouvidos dos FManíacos do país. ▶

Fotos

NOVA YORK

EXCLUSIVO

"No Rock In Rio, nosso show vai arrasar. Vai ser uma coisa grande, com produção bem cuidada"

Agora, o grupo se prepara para lançar seu novo LP, *Hack*, com várias surpresas para quem esperava mais tecnopop de vocais europeizados e beats de Afrika Bambaataa. Possivelmente, o disco sairá antes aqui do que na matriz, em edição limitada de cinco mil cópias, numa tentativa da gravadora de driblar a pirataria feroz que o grupo atrai. A primeira música de trabalho, "Think", entrou no Top Ten na primeira semana em que chegou às mãos das rádios paulistanas.

BIZZ traz a seus leitores uma entrevista exclusiva com o líder do InSoc, Paul Robb, onde ele conta as origens do grupo, fala sobre dance music, drogas, tecnologia e... err... Sinead O'Connor.

Seu novo LP é radicalmente diferente do primeiro. Por quê?

A riqueza tecnológica desse LP é muito maior. Estamos usando um estilo diferente de sampling, mais sofisticado, utilizamos *loops* gravados digitalmente de material nosso e de outras pessoas que respeitamos. É um álbum conceitual, e há muito maior diversidade nos estilos do LP, desde industrial e alternativo até house e hip hop. O primeiro LP serviu mais como uma máquina de hits, de sucessos para o Top 40.

Então o último LP foi feito por puros motivos comerciais? Não havia prazer nenhum envolvido?

Não, ficamos muito contentes com ele, nos divertimos muito fazendo-o. Foi o seu sucesso que nos permitiu atravessar mais fronteiras neste novo LP. Mas nunca abandonamos nosso público original, então temos músicas que são hip hop, mas com um toque de alternativo nelas. Quanto às letras, mesmo nossas canções mais pop têm uma certa sofisticação. A maioria das músicas fala de referências pessoais, de experiências particulares, sobre relacionamentos — sem sermos muito específicos, permitindo ao ouvinte que aplique suas próprias imagens, suas próprias situações. Há estilos que sempre nos foram próximos e que sempre curtimos, mas com os quais nunca experimentamos. Chegou a hora de nos lançarmos a eles.

Já estamos planejando o próximo LP, que deve ser gravado ainda neste semestre. Queremos lançar em média um álbum por ano. Devido ao sucesso do primeiro, gastamos muito tempo excursionando, o que nos atrasou em um ano. Por outro lado, foi seu sucesso que nos permitiu fazer agora o LP que queríamos. Quer dizer, levamos dois anos para chegar à situação atual, mas, de agora em diante, queremos soltar um LP por ano.

Vocês tiveram muito dinheiro para fazer o LP anterior?

Veja bem, "Running" foi lançado inicialmente apenas como compacto. Entrou no Top Ten *dance* americano e foi um grande hit underground. Nos apresentamos em clubes durante quase um ano, com a força de apenas uma música. Graças a esse êxito, pudemos acertar um contrato sério para LP, com a Tommy Boy. "Running" saiu inicialmente numa pequena gravadora independente de Minneapolis e, depois do contrato, foi para a Tommy Boy.

Nesse meio tempo, boa parte da Tommy Boy foi comprada pela Warner, que passou a controlar todos os seus grupos, decidindo em quem deveria investir e promover. O InSoc foi um dos escolhidos, então conseguimos um contrato sério. O LP custou muito barato para padrões de Top 40, algo como 120 dólares a hora. Foi muito econômico. O primeiro single de trabalho, "What's On Your Mind", foi para número 3 na América e o vídeo foi número 1 na MTV. A gravadora não esperava isso, então o single estava em terceiro e simplesmente não havia discos suficientes nas prateleiras das lojas. O LP estava no Top 5 e as pessoas não podiam comprá-lo, pois a gravadora não mandou prensar o suficiente. Quando o fenômeno havia se dissipado um pouco é que eles foram mandar mais discos para as lojas. Mesmo com essa marcada, conseguimos vender oitocentas mil cópias. É ótimo, mas se a gravadora estivesse preparada para os hits, talvez chegasse a um álbum multiplatinado.

Isto não se repetirá com este novo LP, toda a estrutura foi muito bem orquestrada. O primeiro single, "Think" já virou hit em várias rádios da América antes mesmo de ser lançado oficialmente.

Vocês fizeram algum remix ou chamaram alguém para fazer?

Chamamos Justin Strauss para fazer algumas versões. Gosto muito da versão house dele. Little Louie Vega remixou uma versão em estilo hip hop. Apostamos que ia ser um último single pop, mas acabou sendo uma excelente faixa dance.

Você vai a muitos clubes?

Costumávamos ir a clubes seis noites por semana, algum tempo atrás. Hoje escutamos muita dance, mas quase não saímos para ir a clubes. Somos fãs absolutos de dance music.

Vocês vão promover esse disco na Europa? O primeiro passou completamente batido por lá.

Definitivamente sim. Temos cinco ou seis contratos pela Europa. O disco também será promovido no Japão e é claro, no Brasil.

Por que o primeiro LP não foi promovido na Europa?

Basicamente porque a nossa gravadora nos considerava apenas um "Depeche Mode de segunda", realmente não entenderam nada do grupo.

Aliás, não foram poucos os críticos musicais daqui que também acharam isso do grupo.

Bem, acho isso uma falta de visão... não tem nada a ver uma coisa com outra.

Não sei, talvez seja porque ambos usamos ostensivamente instrumentos eletrônicos, e as vezes de modos semelhantes. Nos misturamos elementos de rap, hip hop, dance music, letras alternativas, pop hits. Acho que o Depeche Mode é bem mais simples de delinir, é mais amarrado por um conceito, mais uniforme. Sei lá, eu nem sou um grande fã de Depeche Mode, não tenho nenhum de seus discos, mas eles abriram as portas para muitos grupos techno e, por isso, nos nos beneficiamos do seu sucesso. Mas para mim é muito claro que somos um grupo com personalidade. Este LP vai mudar muito este tipo de opinião sobre o grupo. Queremos mostrar um lado mais alternativo, mais sério. Queremos fazer do grupo algo mais alternativo desta vez.

Mas alternativo a que?

As paradas. Não vamos sacrificar o que estamos a fim de fazer só para conquistar uma posição na parada.

Voltando um pouco às opiniões sobre o grupo, a crítica em geral aqui é que vocês soam muito como bandas do começo dos 80, tecnopop new romantic, Duran Duran, Depeche Mode, OMD, Heaven 17, esse tipo de som. Certo crítico escreveu que "What's On Your Mind" era a melhor música que o Duran Duran não tinha gravado.

(Risos.)

E então, defenda-se!

Bom, certamente estamos em boa companhia...

Você não acha que está copiando o tipo de música que eles faziam?

Nem um pouco.

E eles não são influências?

De forma alguma.

Talvez seja porque vocês tenham as mesmas influências que essas bandas...

Isso pode ser. O que a maioria das pessoas não sabe é que temos nosso grupo há quase dez anos. Formamos nossa banda em 1-9-8-1. Estamos juntos desde o colegial. No começo éramos um grupo com pretensões vanguardistas. Seguíamos a linha do Devo, Kraftwerk, DAF, Yello, grupos como esses. Aí estão nossas raízes musicais. Neste LP estamos tentando trazer mais a tona estes elementos.

Vocês gravaram quantos discos antes do *Information Society*?

Bom, gravamos um LP, mas não faço questão que ninguém o ouça.

Por quê? É alternativo demais?

É horrível. Temos dois discos antes do LP *Information Society*: um deles se chama *Creatures Of Influence*, muito obscuro, deve haver se sentas cópias escondidas em algum porão provavelmente. O outro é um EP com cinco músicas, a primeira coisa que nos fizemos em 1982, e é bem legal. Fizemos tudo, até a mixagem. É ótimo.

Chegou a ser um hit local, underground, algo assim?

Não, pois não tínhamos a mínima ideia de como promover a coisa. Ficávamos sempre nos apresentando no mesmo lugarzinho, achando que a Warner ia cair do céu e nos descobrir. Tínhamos dezoito anos, éramos muito ingênuos.

Me conte sobre a experiência brasileira.

Nos divertimos muito. Foi do caceta. O público foi fantástico. Fiquei espantado que as pessoas soubessem as letras todas. Nos EUA tivemos um hit número 3, tocamos em 65 cidades, algumas platéias muito entusiasmadas, mas nunca tocamos para mais de cinco mil pessoas, como fizemos no Brasil. A experiência foi demais.

Se existissem singles no Brasil, vocês teriam algo como seis hits extraídos daquele LP...

É, alguns ao mesmo tempo. Me lembro de estar ouvindo rádio e pegar três estações diferentes tocando três músicas nossas diferentes. Foi um fenômeno muito bizarro. Quando voltarmos, para o Rock In Rio, nosso show vai arrasar. Vai ser uma coisa bem grande, com produção bem cuidada.

O que você acha de todo o fenômeno da dance music na Inglaterra, as raves, o acid house, etc?

Gosto muito. O problema é que as pessoas aqui vão achar ótimo só porque é legal lá. É aquela coisa de sempre: o que é bom para eles, é bom para nós.

Você acha que a dance music vai tomar conta da América como tomou da Inglaterra?

Com certeza. O meio-oeste acaba de descobrir a *dance*, o hip hop, a house, muitas rádios lá estão trocando o paradão e o rock n roll por um tipo de música mais dançante. A coisa já saturou um pouco nas costas, mas no meio da América só está começando. Eu acho que vai ser uma grande revolução nesse sentido. Definitivamente é incrível. Madonna agora faz house! Sempre fomos voltados para a *dance* mesmo quando éramos vanguardeiros precoces e pretensiosos *(risos)*. Não somos mais assim, é lógico.

De quem você gosta na dance music?

Tem esse grupo, o Information Society, que é bom.

Nunca ouvi falar deles.

Não? São tipo um Depeche Mode de segunda.

Certo, certo.

Gosto de alguma coisa de house, mas no geral acho meio chato. Se o ritmo for colocado junto a uma boa música, é bom, senão fica meio vazio. Prefiro coisas mais funky e soul do que aquele bum-bum-bum. Realmente não gosto muito desse lado meio branco, meio europeu que tem a house, essa relação com droga também acho que não ajuda. Prefiro beats mais negros, têm mais *groove*, tem mais a ver com um estilo de vida das ruas. House é feita para escapar, é uma coisa ligada a drogas, não creio que seja um tipo de música que pode se ouvir enquanto se trabalha ou se curte a vida, é mais para ouvir num clube. Gosto da música que se ouve nas ruas, no cotidiano da cidade.

Mas os clubes são a forma essencial de divertimento urbano.

Sim, concordo. Mas as pessoas também escutam música no carro, nos seus ghetto blasters (gravadores portáteis), nos walkmans, música mais comunicativa para o dia-a-dia, que aproxima mais, não totalmente apoiada na tecnologia, em máquinas, você entende o que eu quero dizer?

Sim, entendo o que quer di-

"Odeio grupos como U2. A musica é o pior lugar para a politica"

zer... Há algo errado em ser muito tecnológico. Muito estranho ouvir isso, vindo de você.

Eu sei. Nos, afinal, somos bem tecnológicos, mas eu falo do *feeling* humano que tem de existir por trás da tecnologia. Algo que eu acho que nós conseguimos passar muito no nosso LP novo, muito *feeling* pessoal.

Voltando às drogas, você poderia me dizer o que basicamente há de errado numa cultura ligada às drogas? Você disse que algo que lhe incomodava na house era o fato de que era muito ligada ao fator droga.

Sim, ao ecstasy

E você acha isso uma coisa ruim?

Sim, é muito ruim. É um desperdício da vida.

Mas você tem de concordar que muita coisa já foi produzida por movimentos culturais movidos a droga, e o rock e o pop estão cheios de exemplos disso.

Acho que o desejo, a vontade de expandir e ampliar a mente fez muito mais do que as drogas. Acho que as drogas foram só um fator secundário nesse desejo do homem de expandir a mente. Não acho que as drogas sejam a razão da criatividade e sim um mero fator secundário na busca das pessoas por uma mudança.

Você faria, então, uma canção antidrogas?

Não. Somos extremamente apolíticos. Acho que musica é o pior lugar para a política. Eu odeio quando misturam isso, odeio grupos como U2. É um meio nojento de conseguir promoção barata. A musica pop não é o lugar para isso. Musica pop é musica pop. Pessoas não percebem isso, que o pop não é lugar para esses assuntos sérios. É monstruoso o que certos grupos fazem. Como Sinéad O'Connor, é nojento, é de muito mau gosto. Essa menina vai arruinar sua carreira assim, aliás acho que já arruinou. Não resolve nada. Musica deve ficar separada disso. Se quer se meter em política vá ser advogado, político, vá ser eleito. Só o que estou tentando fazer é ganhar muito dinheiro e tocar em grandes shows e não considero isso política.

Falemos mais do LP. Você está envolvido na produção do LP?

O InSoc co-produz este LP. Escrevemos todas as canções. Nosso produtor é Fred Maher, o mesmo do LP anterior. Ele é muito bom. Produziu o LP *New York* de Lou Reed.

É um produtor de rock, então?

Bom, ele integrava o Scritti Politti tocando bateria, mas faz produções de rock na maioria das vezes. Somos a coisa mais tecnológica com que ele trabalhou desde o Scritti Politti, mas lá ele era só o baterista.

INSOC RECEBENDO O DISCO DE OURO NO BRASIL

E quando ele produz os seus discos, ele deixa de lado suas raízes roqueiras?

Não, de forma alguma. Ele trouxe para o nosso som uma característica meio sacana que tem bases no rock. Nosso trabalho não tem polimento, não é plano; gostamos das coisas um pouco mais mal-tratadas, sujas. Mas isso tem mais a ver com o lado conceitual, de produção. A musica em si não é nada rock. O bom é que Maher tem a mesma idade que nós, gosta de ouvir as mesmas coisas que nos, então falamos a mesma língua. Não é um fodão do meio, se bem que agora ele seja um fodão, depois de produzir Lou Reed. Mas como nos fomos a primeira produção que ele fez, é como se tivéssemos crescido juntos. Temos um relacionamento muito frutífero.

Todos do grupo, eu, Kurt e Jim, participamos de tudo que concerne ao grupo. Mesmo os que cuidam da parte administrativa são muito próximos a nós, não temos problemas legais. Cada um trata de bolar o outro de volta à realidade se alguém começa a ficar muito... muito Sinéad O'Connor da cabeça.

E quanto tempo vai durar o Information Society?

Definitivamente faremos outro LP. É realmente impossível prever quanto iremos durar. Pode ser que fiquemos juntos para o resto de nossas vidas, pode ser que nem consigamos fazer o próximo disco. Eu gostaria de estar fora do meio da musica antes de completar trinta anos, não tenho nenhum desejo de fazer carreira em gravadoras, no *music business*. Tenho meus próprios planos e sonhos, isto é o importante na vida para mim, sabe... mas, no momento, tenho uma banda a ser trabalhada, tenho de aproveitar, me divertir, quero viajar muito e estou orgulhoso da musica que faço.

Você garante que o Information Society não será visto daqui a vinte anos entrando com dificuldade num palco, carregando seus teclados obsoletos para um concerto beneficente.

Eu acho isso muito triste. Imagine, daqui a vinte anos ainda fazendo musica pop. E a vida, onde é que fica?

Musica pop tem de ser uma coisa feita por gente jovem para gente jovem?

Em princípio, sim. Mas não sei, há pessoas crescendo e amadurecendo ao som de musica pop, existe musica pop para adultos... É basicamente algo que faz parte da vida de todo mundo, um conceito com o qual as pessoas têm uma identificação, algo coletivo, algo para fazer seu corpo se mexer. A dança é a forma mais antiga de comunicação do planeta. Musica é algo muito mais ligado à dança do que ao intelecto, mais primal, e é isso que a torna fantástica. Popstars viram enormes fenômenos não por causa de suas ideias, mas porque mexem com os instintos primais das pessoas.

Finalizando, o Information Society está preparado para os 90?

Totalmente, acho que estamos com tudo em cima. Representamos algo que as pessoas querem, algo contemporâneo. Todo mundo se cansou de ficar ouvindo as mesmas coisas, de aturar tantos dinossauros, veja só como a house e o hip hop cresceram. Technotronic e MC Hammer nas paradas são um reflexo disso, desse desejo das pessoas por algo novo.

CAMILO C. ROCHA

DURAN DURAN

De novo um quinteto, o grupo lança um novo LP, Liberty, e revela em primeira mão suas fantasias sexuais, sonhos alienígenas e vícios incontroláveis

Duas rodas de jornalistas enchem a sala de reuniões da EMI. Encabeçando uma delas estão John Taylor, Nick Rhodes e o baterista Sterling Campbell, prontos para responder às milhares de perguntas sobre o disco novo, *Liberty*. John: "'Liberty' é o nome de uma das músicas. É uma palavra bonita, e desde que a escolhemos para o título surgiram mil motivos! Sterling: "Nós gravamos o disco numa fazenda, com piscina etc., então foi muito divertido. Nos nos sentávamos e tocávamos". John Taylor retoma: "Desta vez foi muito diferente. Para começar agora somos uma banda com cinco membros, e isso fez muita diferença na hora de compor.

Todo mundo quer saber como é que Sterling e o guitarrista Warren Cucurullo viraram membros permanentes do Duran. E Nick quem responde:

"Aconteceu no meio da turnê... nós decidimos que era assim que as coisas deveriam ser. Nos estávamos querendo voltar a ser um quinteto. Mas não é fácil encontrar os músicos certos, que tenham as ideias certas e que se encaixem, em termos de personalidade. Com o Sterling e o Warren foi fácil, e decidimos que os queríamos como membros fixos". Sterling era músico de estúdio, tocou com Cyndi Lauper, Cameo e Hall & Oates. Warren, depois de tocar na banda de Frank Zappa, formou a banda (quem se lembra?) Missing Persons.

Conte para a gente, então, o que aquele rap está fazendo no meio de "Hothead", uma das faixas do disco? Nick tenta nos convencer de que o rap é muito semelhante a um rap em 'New Religion', do LP *Rio*! Ninguém o escuta. Será que o DuranDuran (sim, agora é junto) está preocupado com as paradas? John, sempre calmo, responde: "Nos absorvemos influências contemporâneas. Rap é parte do dia-a-dia musical. É bom botar um pouco de tempero na música: rap, house, r n r.

E os projetos solo? "Todo o nosso tempo está sendo devotado ao Duran-Duran. Estamos muito empolgados com o próximo álbum, que começaremos a gravar em dois meses. E também", diz John, "acho que cada um de nós vê o DuranDuran como seu projeto pessoa

Chegou a hora do troca-troca: John, Sterling e Nick partem para a outra roda, enquanto Simon e Warren vêm para a nossa. Uma jornalista provoca o riso geral quando pergunta a Simon se é permitido perguntar sobre as letras. "So se você não me perguntar sobre o que elas são", ele responde e imediatamente se contradiz. "'Violente Of Summer' é sobre uma história que me veio à cabeça: uma garota de calças bem apertadas, dando em cima de um cara mas ele está morrendo de medo, pois sabe que ela namora o líder da gangue.

Você acha que música deve ter uma mensagem? Simon: "Não existe música sem mensagem, mesmo que seja 'Get Down On It', que é sobre dança ou sexo. Não há nada de errado nisso. Só que eu acho que deve haver também o elemento de diversão. Quando música é pura mensagem, fica chata.

Este ano, nada de turnê para o DuranDuran. Eles querem ter mais material novo quando finalmente botarem o pé na estrada. Então, vai ficar para o próximo disco. Mas Simon diz querer voltar à América do Sul. "No Brasil foi outro. Adorei a vibração do público. Eles foram muito diretos conosco. Quando tocamos no Rio, o show não foi dos melhores, e eles nos informaram disto. Não vaiando, mas apenas permanecendo muito frios. Então quando tocamos em São Paulo, demos duro para impressioná-los.

"E também", conclui Warren, o roqueiro da banda, "estava fazendo um calor infernal." Ele deve saber. Afinal sua namorada e o filho dela moram no Brasil.

A.G.L.

DURAN DURAN

Num papo rápido, confissões íntimas de John, Simon, Nick e Cia.

Quem é a pessoa que você mais admira?
Qualquer um que conseguiu manter a imaginação e trabalhar criativamente a vida toda. Picasso.

Qual é o seu maior prazer?
Me sentir bem. Eu acho que me sinto assim em dois quintos do tempo.

Qual é o seu maior medo?
Paranóia é a maior destruidora. Detesto ficar encanado com o que outras pessoas pensam de mim. Me olho no espelho e penso que há algo errado.

Qual é a sua peça de roupa preferida?
Minha Levi's branca, nunca visto qualquer outra coisa. Ela é superagarrada e eu nunca serei capaz de encontrar outra calça que se ajuste como essa. E também um cachecol branco com bolinhas azuis que Nick usou para embrulhar o meu presente de Natal. Mas eu o perdi na semana passada.

Que música você gosta de ouvir?
Qualquer coisa que me faça sentir bem. "Date With The Rain" do Prince, a trilha sonora de *Embalos De Sábado À Noite*.

Que músicos te inspiraram mais?
Keith Richards, pelo seu controle completo, economia, exatidão, sem excessos. E Warren; ele simplesmente me deixa pirado.

Palavra favorita ou aquela que você usa em excesso.
'Intenso', 'foda' e 'polêmico'.

Que coisas você sempre carrega consigo?
Cartão Visa e chaves.

Quem é o seu escritor favorito?
Dorothy Parker pela sua sabedoria e percepção. Ela andava com grandes pessoas em Nova York nos anos 30. Mas era muito trágica, tentou se matar três vezes — cortou os pulsos, tomou uma overdose e bebeu lustrador de botinas. Raymond Chandler, por *A Bela Do Abismo*, e Otto Friedrich, que escreveu *Cidade Das Redes*, o estudo definitivo da Hollywood dos anos 40.

Quem é o seu artista favorito?
Anselm Keifer — ácido, texturado, forte, multidimensional. Cézanne e Van Gogh, por seus tons e cores quentes.

Cite uma coisa que poderia melhorar a qualidade da sua vida.
Shampoo.

"Sou volátil demais para ter um amor"

John Taylor

Qual é o seu animal predileto?
O cão. Sempre gostei de afghans, mas acabei de comprar um filhote de labrador — escolha da minha namorada. De qualquer forma, ela é uma companheirinha amável. Então quando Simon traz fotos do seu bebê, posso trazer fotos da minha cachorrinha. Nunca tive de ficar em casa à noite. Será bem interessante.

Quem ou o que é o maior amor da sua vida?
Sou volátil demais para ter um.

Qual foi a última vez que você chorou?
Três semanas atrás, depois de meia garrafa de whisky e duas de vinho branco. Foi uma polêmica intensa e emocional.

Quando foi a última vez que você discutiu e quem ganhou?
Estou num constante estado de bate-boca com a minha namorada. Não consigo me lembrar exatamente sobre o tema do de ontem à noite. Eu nunca ganho. As mulheres sempre encontram uma saída. Elas estão sempre certas.

Qual é o seu maior arrependimento?
Não tenho nenhum.

Qual é a sua maior conquista?
Me sentir bem comigo mesmo.

Qual é a sua concepção de uma noite perfeita?
Boa atmosfera, bom espaço, conversa inspiradora, bom sexo.

Você tem uma fantasia sexual favorita?
Não.

Qual é o seu hábito mais compulsivo?
Comer.

Qual é a sua comida favorita?
Nunca como em casa. Gosto de comida japonesa, sopa de missô, sushi de salmão e tempura. É limpa e saudável.

Se você pudesse usar um boneco de vodu para machucar alguém, quem seria?
Políticos que tentam militarizar a polícia e privatizar o sistema de saúde.

Qual é a sua maior extravagância?
Carros. Mas eles estão sendo vendidos diariamente. Eu já me esqueci deles, de qualquer forma.

Como você gostaria de ser lembrado?
Com afeto.

Divulgação

Quem é a pessoa que você mais admira?
Yasmin (*Sua mulher*.)

Qual é o seu maior prazer?
Música, sexo e família. Sexo e família são a mesma coisa para mim. Depois de cinco anos de casamento, o sexo é mais do que físico, é uma expressão de amor. Ficamos tão íntimos que nos incorporamos. Amber Rose (*filha de Simon*) é a última expressão. Um testemunho da nossa imortalidade. Eu amo imergir-me na música, ouvi-la, escrevê-la, cantá-la — deixar os barulhos saírem.

Qual é o seu maior medo?
Ficar separado da minha família. Detesto quando temos de viajar em aviões separados. Se eu for morrer, quero que todos nos morrêssemos juntos.

O que faz você chorar?
Amber Rose consegue me fazer chorar porque ela é muito poderosa. Eu fico bastante choroso, naquele estado maníaco emocional que vem após uma ressaca quando você não teve muitas horas de sono.

Quem são os seus escritores favoritos?
Martin Amis, Gabriel García Marquez — *O Amor Nos Tempos Do Cólera* é mágico. E as primeiras linhas de *Las Vegas Na Cabeça*, de Hunter S. Thompson. Me fazem lembrar por que eu não uso drogas.

Qual droga você considera a mais violenta?
Eu equiparo a heroína com um flerte com a morte. Dois amigos morreram como resultado disso. Tomar heroína é como escorregar para a insensibilidade, é como desistir de se sentir vivo e esperar pelo nada, o que é igual à morte.

O que você tem ouvido ultimamente?
Public Enemy, De La Soul e *Spirit Of Eden* do Talk Talk.

Que músicos mais te inspiraram?
Prince, John Lee Hooker — ele toca guitarra melhor do que qualquer um —, Joni Mitchell, Jim Morrisson, Cocteau Twins e Patti Smith.

Qual é a sua peça de roupa mais querida?
Uma jaqueta que não é minha na verdade. Eu a comprei para o meu irmão Jonathon sete anos atrás. Ela era de um couro gasto na época, e, desde que ele teve um acidente de moto com ela, ela carrega tantas marcas que é quase camurça; mas foi reformada. Eu sempre vou buscá-la na casa dele quando ele está fora, velejando. Gosto dela porque pertence aos dois. E também um cordão preto e amarelo que uso em volta do meu roupão. O cordão fez parte do uniforme do meu pai.

"Adorei a vibração do público no Brasil"

Simon Le Bon

Quais são as suas palavras favoritas?
"Sexy", "preto" e "fênix".

Que coisas você sempre carrega com você?
Tento não carregar nada. Não quero ter sentimentos sobre coisa nenhuma porque elas acabam roubadas ou perdidas.

Como você gostaria de morrer?
De boa vontade. Quando eu fiquei preso embaixo do meu barco eu queria respirar, mas sabia que, se fizesse isso, morreria. Foi pura força de vontade e desespero que me mantiveram vivo. Muitas vezes eu penso sobre aquele poema do Dylan Thomas, "... e a morte não terá nenhum domínio".

Cite uma única coisa que melhoraria a qualidade da sua vida.
Um drinque.

Há algo que você gostaria de mudar em você mesmo?
Tudo.

Quem são os seus pintores favoritos?
Rafael, pelo seu uso da luz; Turner; Picasso, particularmente *Mulher Vista De Trás* — você consegue imaginar como ela é de frente pelo jeito que pintou suas costas. E também Clemente e Klimt.

Qual é o seu animal favorito?
Golfinhos e baleias-piloto, pelo seu ritmo na água, seu nariz pontudo e sua amizade.

Quando foi a última vez que você teve uma discussão, e quem ganhou?
Eu só discuto sobre coisas insignificantes, e sempre ganho. Foi sobre pedir comida para viagem chinesa ou italiana.

Qual é a sua comida favorita?
Macarrão cabelo de anjo com molho portini ou rigatoni à pomodoro.

Qual é o seu maior arrependimento?
Tirar meus sapatos para nadar num quebra-mar; eu escorreguei e quebrei o pé. E pagar a minha *poll tax* quando foi pedido. (*A poll tax é um novo imposto aplicado às pessoas que querem votar na Inglaterra, que causou polêmica.*)

Qual é a sua fantasia sexual favorita?
Ser levado para uma mansão cheia de mulheres e ser passado de uma para outra. Eu não recuso ninguém até que eu chego numa sala lá em cima onde algo muito especial acontece. Eu nunca fui tão longe assim.

Qual é a sua recordação mais querida?
1° de maio, eu descendo correndo por um morro ladeado por cerejeiras, sentindo o cheiro das flores de cereja. Eu estava com o meu uniforme de escola cinza-prateado, meias cinzas, sapatos pretos, sem blazer, o suor colava a camisa na pele. Foi o primeiro dia em que eu me lembro de ter suado.

Divulgação

Quem é a pessoa que você mais admira?
Cocteau. Ele inventou o século XX e permaneceu inovador até o fim. E também Oscar Wilde, Matisse e Orson Welles.

Qual é o seu maior medo?
Morrer antes de acabar o que eu tenho de fazer.

Como você gostaria de morrer?
Não gostaria. Mas, se eu tiver de morrer que seja sorrindo. Não gostaria de ser cremado; talvez congelado num túmulo com alguns compact discs, algumas pinturas, livros, e talvez um par de amigos para animar as coisas.

Quais músicas você anda ouvindo?
Noturno de Chopin, Erik Satie, Sly Stone, Velvet Underground, Iggy Pop e Neneh Cherry.

Quem foi o músico mais inspirado de todos?
Stravinsky — o primeiro músico verdadeiramente moderno. Mas os outros quatro membros da banda são os maiores inspiradores para a nossa música.

Qual é a peça de seu guarda-roupa que você mais aprecia?
Um terno Antony Price em azul Yves Klein.

Qual é o seu hábito mais compulsivo?
Pensar.

O que você sempre carrega consigo?
Esperteza e charme.

Quem é seu escritor predileto?
Lewis Carroll e Jean Cocteau. Mas, por outro lado, eu sempre julgo um livro por sua capa.

O que melhoraria a qualidade da sua vida neste exato momento?
Mais horas no dia. Nunca encontro tempo para dormir.

Quais são os seus pintores favoritos?
Cézanne, Matisse, Cocteau, Warhol, Yves Klein, Marcel Duschamp e Francesco Clemente.

Qual é a sua palavra favorita, ou aquela que usa e abusa?
"Desculpe, estou atrasado."

O que você gostaria de mudar em você mesmo?

"A força de vontade e o desespero me mantiveram vivo"

Simon Le Bon

Nada, no momento. Quando eu ficar mais velho, tenho certeza de que vou querer parecer mais jovem.

Que animais você mais gosta?
Panteras, pois elas sempre aparecem de preto.

Se você pudesse usar um boneco de vodu para machucar alguém, quem seria?
Não há ninguém por quem eu sinta um desejo tão forte assim. Não consigo suportar ignorância, fanatismo e maus modos.

Quando foi a última vez que você teve uma discussão com alguém, e quem ganhou?
Ontem. Eu ganhei. Acho que eu geralmente ganho.

Qual é o seu maior arrependimento?
Não tenho nenhum arrependimento, mas algumas das minhas maiores façanhas têm sido erros imaculados.

Qual é a sua concepção de uma noite perfeita?
Alienígenas aterrissando no meu quintal. E levá-los para coquetéis nas casas dos vizinhos — nunca conheci os vizinhos.

Qual é a sua comida favorita?
Comer é uma inconveniência para mim, é como ir a um posto de gasolina para reabastecer.

Qual é a sua maior extravagância?
Cartões de crédito. Não importa a cor.

Qual é a sua recordação mais apreciada?
Não ter de me barbear.

Você tem uma fantasia sexual preferida?
Ficar trancado na seção de roupas do Victoria and Albert (*um museu londrino*) com a pessoa certa por uma semana.

WARREN CUCCURULLO

Quem é a pessoa que você mais admira?
Arnold Schwarzenegger, porque ele é a pessoa mais confiante que eu já vi. Frank Zappa, porque ele não faz concessões. E Prince, porque ele me lembra Frank Zappa, e porque ele mudou a cena musical na década passada.

Qual é o seu maior vício?
Cultura física. Tenho feito musculação nos últimos quatorze meses. Faço exercícios duas horas por dia. Em qualquer lugar no mundo eu encontro uma academia de ginástica. Agora é como se fosse dormir, faz parte da minha vida. Eu também carrego um kit de culinária macrobiótica na mala.

Quem ou o que é o maior amor da sua vida?
A música. É triste, mas é verdade. Há também a minha namorada e o seu filho que eu amo, mas sem a música eu não sou nada, e eles sabem disso. Eles moram no Brasil.

Qual é o seu hábito mais compulsivo?
Um bom e outro mau. Exercícios e masturbação.

Como você gostaria de ser lembrado?
Por ser o melhor guitarrista dos últimos vinte anos e ter o melhor corpo.

STERLING CAMPBELL

Quem é a pessoa que você mais admira?
Minha mãe.

Quem foi o músico que mais te inspirou?
Stevie Wonder. E Prince.

O que poderia melhorar a qualidade da sua vida agora?
Estou experimentando um pouco de budismo.

Quem ou o que é o maior amor da sua vida?
Minha família é o mais importante.

Qual é o seu maior prazer?
Suponho que tenha de ser tocar música num concerto. A adrenalina me faz sentir pronto para explodir.

Qual é o seu maior arrependimento?
Não investir em mim mesmo.

Qual é o seu maior medo?
Trabalhar num armazém das nove às cinco. Só fiquei uma semana num emprego das nove às cinco na minha vida. Eu era um garoto de estoque, fazendo inventários e carregando caixas. Não suportava isso, não sei como tantas pessoas fazem as mesmas coisas todos os dias. Tive bastante sorte; quero manter o emprego atual.

POR TRÁS DO MURO

Roger Waters revela a gênese de The Wall e as dificuldades que enfrentou para montar o maior show do ano

É muito fácil para as pessoas pensarem que estive lá para celebrar a destruição do Muro de Berlim, vista como a vitória do consumismo Ocidental sobre o socialismo. Não celebrei nada disso. Fui lá para celebrar um símbolo da libertação do espírito humano, não especificamente o resultado de avanços e recuos políticos. A mídia do Ocidente está pondo em foco principalmente os alemães orientais, a atitude, esse desejo de ter aparelhos de televisão em suas lojas, etc e tal. Tenho certeza de que eles querem TVs, mas os alemães orientais com quem falei estão se esforçando em dizer "nós não estamos simplesmente tentando pôr as nossas mãos no marco alemão. Alguns de nós estão realmente orgulhosos da porção socialista que esperamos que o novo governo democrático vá manter: socializar a Medicina, programas escolares, e por aí vai.

Então, fiquei meio preocupado que a montagem desse show pudesse ser desviada do seu objetivo: tornar público o Memorial Fund For Disaster Relief, a instituição de caridade dirigida por Leonard Cheshire, cujo propósito maior é a cooperação internacional, particularmente no auxílio contra calamidades.

Foi difícil convencer as autoridades a tudo mais?

Todo mundo dizia: "Você nunca vai conseguir fazer um show lá, nunca. Isso fica entre o Oeste e o Leste e não há muita comunicação entre eles nesse sentido. E ninguém jamais esteve lá desde 1945, a não ser os guardas da fronteira. Esqueça."

Não esquecemos. Isso levou cinco meses de idas e vindas entre o Ocidente e o Oriente, passando por todos os estágios burocráticos que você possa imaginar. Foi um pesadelo total. Acho que o fato de se realizar um show, ou algo do gênero, é tão importante para ambos os lados que isso superou toda a burocracia. O problema maior era no Leste: quando você conseguia que um prefeito assinasse algum papel sem passar primeiro pelo Ministério da Defesa, de repente você notava que ele era removido, não estava mais lá. Era muito estranho.

Achamos uma casamata que até então só existia nos papéis. Estava lá, sem ser aberta. Tínhamos um contrato com o Exército da Alemanha Oriental, que tomava conta de tudo até uma profundidade de cinco metros, para retirada de bombas e tudo o que havia lá. Eles acharam uma casamata que deve ter sido alojamento de uma unidade de guardas da SS. A umas 60 ou 70 jardas de distância, encontramos a entrada de uma outra casamata em que ninguém havia estado desde a guerra. Estava cheia de água e eles tiveram que bombeá-la para fora. As paredes eram cheias de murais esquisitos, feitos pelos caras da SS. Pareciam uma mistura de gibi da Marvel com os seus piores pesadelos. Havia aqueles super-homens ultramusculosos e caras da SS com coisas estranhas que eram meio escudo, meio asas, protegendo o povo alemão, e os deuses olhando lá de cima. E lá longe havia soldados britânicos de mãos erguidas. Era uma coisa impressionante supertenebrosa. Decidimos cobrir tudo aquilo. A partir de então passei a trabalhar em outros detalhes e só tinha notícia do trabalho de montagem de palco através de fotos.

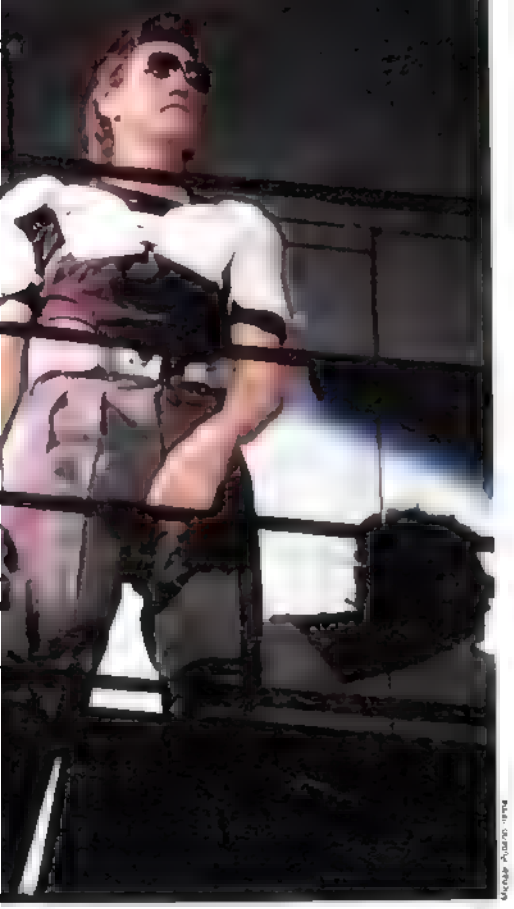
Você poderia dar uma retrospectiva da concepção original de *The Wall*?

A idéia original de fazer uma peça teatral com *The Wall* veio do meu sentimento de alienação ao fazer shows em estádios. Em 77, com o Floyd, fiz uma turnê americana que era grande o bastante para lotar dois estádios. Fiquei cada vez mais desencantado com a coisa toda porque rock n roll em estádios tem a ver com grana, com nenhuma outra coisa. Talvez seja um ritual tribal subliminar misturado a um grande movimento de dólares. E isso é atraente não só para a performance em si, mas parece que para o público também. Há uma parte perversa da natureza humana que gosta de se esmagar entre oitocentas pessoas, ficar em pé até não aguentar mais, não ter nada para comer ou beber, sentir se desconfortável e não ser capaz de ouvir nem ver nada. É muito estranho.

Dai, pensei: farei um show e construirei uma parede na frente do palco, e quando a parede estiver terminada aqueles bastardos saberão do que estou falando (*risos*).

Pensei nisso e adorei a idéia. Então comecei a me perguntar por que estava nessa vida de showbiz, por que a construção da parede, por que ela veio, por que eu estava naquela posição. Comecei a trabalhar em estilo autobiográfico.

Na verdade, a idéia é que, no começo, eu e todos aqueles que são músicos e todos aqueles que fazem parte do público estão nessa bela comunhão em que alguns de nós escrevem e tocam música e outros sentam-se e ouvem. Uma metáfora da vida numa situação inocente, o Jardim do Paraíso para todos. Então coisas acontecem durante nossas vidas e nos tornamos alienados. A parede se levanta por causa de professores autoritários ou mães dominadoras, ou problemas com sua mulher, ou qualquer outra coisa. Uma vez que estamos atrás da parede, caímos na total falta de contato com outros seres humanos e nos tornamos monstros, retratados em *The Wall* através do delírio fascista, o neo-nazismo britânico.



"Fazer The Wall foi muito construtivo para mim... qualquer coisa que afaste você das Tartarugas Ninja é válida"

Quando voltei ao trabalho, fiquei surpreso como isso estava enraizado na cultura britânica. No final, Pink acaba no National Front (grupo britânico de ultradireita). O começo é uma premonição. "In The Flesh?" diz: "Olha, isso é o que acontece no final da história" — quando um bando horrível de fascistas, meio heavy metal, chega fazendo coisas bem não-Pink Floyd, bem não-eu. Exceto pelo fato de termos um pouquinho de heavy metal em todos nós. Então eles congelam e desaparecem.

Daí voltamos para o começo da história, que é a morte do pai do protagonista na Segunda Guerra Mundial. A história se desenrola a partir daí, vagamente cronológica, através da infância, dos dias escolares, da adolescência, e então casamento, caindo na estrada, e finalmente colapso e degeneração, de volta à massa fascista do começo, só que pior. A virada de toda a história vem no final, quando o protagonista não aguenta mais ser um bastardo e decide se analisar. A cena final do julgamento representa o seu superego julgando o seu ego, e acusando-o. Mas a sentença é destruir a parede e expor seus sentimentos verdadeiros. No final ele consegue se sentir humano e é a salvação. *É eu me salvei!*

Bem, parece que você fez um bom trabalho sem precisar da ajuda de um psiquiatra para escrever essa história. É uma experiência impressionante.

Acho que isso corre paralelo ao próprio exercício da psicoterapia. Não estou certo, mas esse trabalho foi muito importante para mim, foi construtivo, revelador. Na verdade, qualquer tipo de arte funciona meio assim. Qualquer coisa que te afaste das Tartarugas Ninjas Mutantes é algo bom.

Você pode nos dar uma idéia de como foi esse evento na Alemanha? Ouvi falar em investimentos em torno de 7,5 milhões de dólares...

Bem, a principal diferença foi termos trabalhado num local aberto, o que encareceu a produção. Quando terminou, a parede tinha seis andares de altura e duzentas jardas de extensão, cobrindo o terreno de uma ponta a outra. Queria que ela atravessasse os limites, indo parar nos prédios de Berlim Oriental e nos bosques do outro lado, para que aparentemente continuasse para sempre. Mas dessa forma teríamos uma despesa de pelo menos uns dez milhões de dólares. Não seria viável.

Usei muitos balões e bonecos infláveis, como da outra vez, mas eles tiveram de ser redimensionados, tanto na forma quanto no funcionamento. A animação de Gerald Scarfe do show original também estava lá, além da animação preparada subsequentemente para o filme. Mas tudo apenas como decoração numa tela circular no fundo do palco, que tem sido minha marca registrada há uns vinte anos. É claro que, quando a parede é construída na frente de tudo, você não consegue ver mais as imagens ou o que está acontecendo. A idéia é que o público fique assim: "Pô, mas o que está acontecendo? Não consigo ver nada!" Foi esse o intuito.

Você estava contando só com o público presente no show para a promoção do Memorial Fund?

É claro que não. Todo o projeto dependia muito da mídia, principalmente a TV. É certo que ninguém consegue sublimar o espetáculo assistindo a um programa de televisão. As pessoas não conseguem entender direito o que se passa, e, por essa razão, os diretores de TV ficam com um pé atrás.

Mesmo assim, tem coisas que eu não consigo entender. Você sabe por que a Radio One (*principal rádio inglesa*) não transmitiu o show ao vivo? Foi substituído por um show ao vivo da Madonna. Essa ironia é extraordinária. Estávamos no maior evento roqueiro/teatral de que se tem notícia comparável talvez aos Beatles no Shea Stadium, ou a alguns dos maiores shows do Bruce Springsteen, ou às apresentações da Anistia Internacional: o maior show do ano, com certeza. E a nossa maior estação de rádio transmitiu uma garota cantando em playback, dançando e brincando com o próprio corpo! Isso não faz sentido nenhum. Todo mundo sabe, e até Madonna admite que ela não canta durante um show, ela apenas dança. Então, tê-la ao vivo no rádio é a maior imbecilidade já cometida. Tudo bem. O pessoal se interessa mesmo pelo jeito como ela atrai, pelo jeito que mexe o corpo e pelos seus sutiãs bocais.

Mas ninguém consegue vê-la dançando pelo rádio.

Pois é. E justamente isso que eu não consigo entender.

(Entrevista cedida pela CBS)

O Living Colour detona seu segundo petardo e declara: "Elvis Está Morto"

Caiu o queixo de meio mundo da indústria do rock quando foi anunciada a escalação definitiva dos convidados especiais que participaram do show de encerramento da turnê *Steel Wheels*, dos Rolling Stones.

Entre influências seminais — John Lee Hooker —, velhos amigos — Eric Clapton — e novos discípulos — Axl Rose e Izzy Stradlin, do Guns N'Roses —, faltava um elo importante na corrente de homenagens: o Living Colour, a banda nova-iorquina que abriria rigorosamente todos os shows dos Stones em 1989 nos Estados Unidos, com sua *mélange* de rhythm n'blues, metal e blues elétrico. Teria o quarteto sido jogado para escanteio aos 44 do segundo tempo? A ausência da banda tem alguma coisa a ver com Axl Rose, que num dos shows da turnê, em Los Angeles, soltou a língua numa diatribe desconcatenada, invocando seu direito "como artista" de dizer o que bem entende sobre "crioulos e bichas"?

"Eles nos convidaram, sim", explica Muzz Skillings, o baixista do Colour. "Não pudemos participar porque resolvemos fazer um show de encerramento da turnê num nightclub em Nova York, uma forma de agradecer aos nossos fãs por todo o apoio que tivemos nos últimos anos." E Axl Rose? "Bom", diz Muzz, "acho que Axl aprendeu uma lição", uma referência à bronca que Axl tomou depois do falatório, cortesia do Colour e do próprio Mick Jagger. "Da próxima vez ele vai pensar duas vezes antes de abrir a boca.

Os últimos anos são dois — os que separam o lançamento do álbum de estréia do grupo, *Vivid*, em 88, dos títulos alcançados pela banda. Entre eles, o de melhor banda americana estreante, por decisão dos leitores da *Rolling Stone* — o mesmo prêmio que receberam da indústria fonográfica norte-americana durante o primeiro International Rock Awards e do público telespectador da MTV. Isso, além da abertura para os shows dos Rolling Stones.

Com poderes corrosivos do sofrimento urbano ("Open Letter To A Landlord"), alertas contra o poder cego ("Cult Of Personality") e cutucadas na yuppanália ("Glamour Boys"), o Living Colour — formado pelo guitarrista *extraordinaire* Vernon Reid, o vocalista Corey Glover (ex-ator, trabalhou em *Platoon*), o baterista William Calhoun e Muzz — destacou-se facilmente da mediocridade pop que assolou o planeta em meses recentes. Alçou um vôo de notável lucidez, quebrando barreiras raciais que atestavam a impossibilidade de sobrevivência de uma banda negra de rock. Como se o mundo nunca tivesse ouvido falar de Jimi Hendrix, para começo de conversa.

Apesar do mercado fonográfico americano ser tão afeito a categorizações, é preciso que exista essa diferenciação entre coisas pretas e coisas brancas? "Man, isso é um papo muito profundo", suspira Muzz. "Fui criado achando que deveria ser assim, mas lendo Jorge Amado (*Jorge Amado?*), sim, Jorge Amado, entendi como e por que não deveria existir, necessariamente, este contraste."

Muzz condena a pressão que vem sofrendo o rap — a mais significativa expressão musical negra — ultimamente, mas oferece sua própria explicação para a pendenga: "O rap é a música rebelde dos anos 90, como o rock foi nos anos 60. E, botando as coisas em termos bastante simples, os brancos morrem de medo que os pretos estejam de olho nas filhas deles."

O novo álbum do Living Colour, *Time's Up*, sai aqui nos EUA ainda este mês. Entre as participações especiais, a banda conta com a diva rapper Queen Latifah e com um velho mentor e cabo eleitoral, Mick Jagger, produtor de algumas das faixas de *Vivid*. "A gente conseguiu que Jagger cantasse no disco", conclui Muzz, "é ele quem faz o coro de 'Elvis Is Dead'."

JOSÉ EMILIO RONDEAU

"Entendi que não há diferenças entre brancos e negros lendo Jorge Amado"

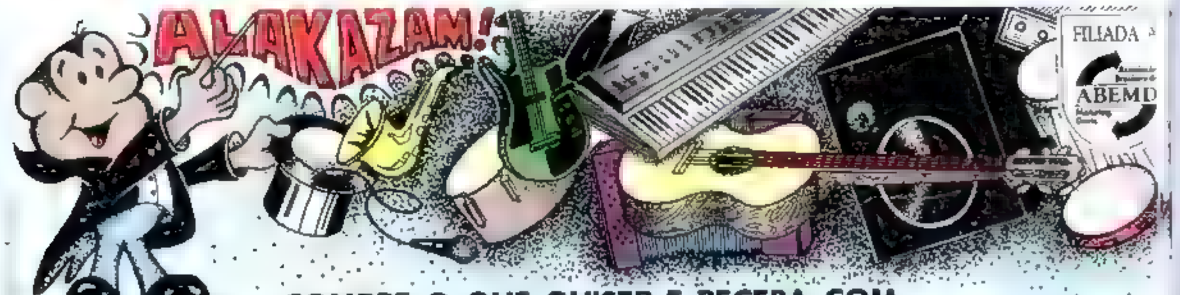
BLACK METAL

7ª Feira Internacional da Música.
7th International Music Fair.
Sao Paulo, Brazil.

Importar instrumentos estrangeiros e fabricar aqui mesmo no Brasil instrumentos de marcas famosas: foram essas as principais característica da 7ª Feira de Musica, que aconteceu na ultima semana de setembro no Pavilhão da Bienal, em São Paulo.

Entre as marcas que passam a ser comercializada no Brasil estão guitarras e baixos Fender, instrumentos de percussao Remo e Zildjian e captadores Shadow, trazidos pela Giannini; e guitarras Ibanez, baterias Tama e sintetizadores Korg, importados pela Micrologic, entre 61 marcas internacionais. Segundo a Associação dos Fabricantes de Instrumentos Musicais do Brasil (Afimbra), isto é só o começo; deve aumentar muito mais o numero de fabricantes que firmarão acordos com industrias estrangeiras para distribuir seus produtos no território nacional. É uma aposta na política anti-contrabando do governo e uma maneira de se antecipar à concorrência dos importados do varejo.

O setor atribui à importação destes instrumentos a responsabilidade pelo aumento no volume de negócios da feira, que nesta edição ficou em torno de US$ 40 milhões, superando os resultados da edição anterior em 100%. O numero de estandes saltou de 40 em 1989 para 60, e a área ocupada pela feira subiu de 2 500 para 4 500 metros quadrados. O setor prevê faturar US$ 130 milhões até dezembro, um crescimento de quase 50% com relação a 1989.



COMPRE O QUE QUISER E RECEBA COM TODA A GARANTIA EM SUA CASA. COMO NUM PASSE DE MÁGICA!

Shopostal

Instrumentos musicais, amplificadores, completa linha de acessórios e componentes, nacionais e importados. ENTREGAS EM TODO O BRASIL.

Preencha o cupom ao lado e receba, sem compromisso, um catálogo completo com centenas de informações.

CASO PREFERIR FAÇA SUA CONSULTA PELO TELEFONE ABAIXO.

Sucesso Musical Ltda.
AV. REBOUÇAS, 2.157 - CEP 05401
SÃO PAULO - SP - FONE: (011) 883-0299

SIM, DESEJO RECEBER GRATUITAMENTE O CATÁLOGO GERAL DE INSTRUMENTOS MUSICAIS E ACESSÓRIOS, PARA ESCOLHA DO QUE ME INTERESSAR.

NOME ____________________
END. ____________ FONE ________
CIDADE ____________ EST. ____ CEP ______

APRENDA COM OS MESTRES SEM SAIR DE CASA

Duda Neves, Roberto Sion e Paulinho Nogueira ensinam você, iniciante ou profissional, através dos vídeos educativos da MPO VIDEO

VIOLÃO EM HARMONIA
Um dos mais respeitados violonistas do Brasil, Paulinho Nogueira faz neste vídeo um verdadeiro panorama da MPB conteporânea, tocando, contando e ensinando a sua arte.

BATERIA TOTAL
Duda Neves, o único baterista brasileiro que entrou na lista dos cem melhores do mundo, ensina ritmos, exercícios e artimanhas para quem quer se iniciar no mundo da bateria e também para os bateristas já formados.

SOLOS PARA VIOLÃO
"Tema de Eurídice"
"Jesus, Alegria dos Homens"
Depois do sucesso de VIOLÃO EM HARMONIA, Paulinho Nogueira ensina como realizar solos complexos, através de um sistema simples e prático. Uma coleção de 12 vídeos indispensável para os iniciantes, que também agradará aos músicos experientes.

FALANDO EM SAX...
Um dos mais completos músicos do país, Roberto Sion passeia pelas principais técnicas de estudo do saxofone.

SOLOS PARA VIOLÃO - VOL. 2
Beatles
"Yesterday"
"Here, There And Everywhere"

PROJETO MUSICA: INTRODUÇÃO AO TECLADO
Primeiro volume da coleção apresentada por Roberto Sion. Em todos os volumes, Sion propõe exercícios e toca com você algumas musicas, permitindo um rápido aprendizado.
Neste vídeo o instrumento explorado e o teclado, explicado a você de maneira simples e objetiva.

SOLOS PARA VIOLÃO - VOL. 3
"Carinhoso"

PROJETO MUSICA: INTRODUÇÃO AOS INSTRUMENTOS DE SOPRO - SAXOFONE E FLAUTA.
Aprenda com um mestre as primeiras noções sobre os instrumentos e empenhadura. Sion focaliza em especial o saxofone e a flauta transversal.

SOLOS PARA VIOLÃO - VOL. 4
"Bachianinha N.º 4"

PROJETO MUSICA: INTRODUÇÃO O VIOLÃO
Com uma didática moderna, Roberto Sion ensina conceitos basicos que permitirão a você executar canções famosas e até criar suas próprias melodias. Ao mesmo tempo, Sion porpoê exercícios de ritmo e toca com você algumas músicas, complementando sua iniciação.

Escreva para

MPO VIDEO Ltda.
Rua Cristiano Viana, 857 Pinheiros CEP 05411
São Paulo SP - Telefone (011) 853-4690

ONDE ENCONTRAR
SÃO PAULO: ... SÃO PAULO INTERIOR: Casa do Musica (Campinas) ... RIO DE JANEIRO: ... BRASÍLIA: ... BELO HORIZONTE: ... PARANÁ: ... SANTA CATARINA: ... RIO GRANDE DO SUL: ... RECIFE: ... BAHIA: ... BELÉM: ...

NOVAS VOZES

A Le Son lança dois novos microfones na 7.ª Femus

Nem todas as novidades desta 7ª Femus vieram do exterior — algumas vão pra lá. É o caso de Le Son, cuja linha de tweeters desenvolvida no Brasil acaba de receber patentes nos EUA.

Entre os principais lançamentos da feira estiveram dois novos produtos da empresa: o microfone ML-S10 e o sem fio 201 VHF — "produtos que alcançaram sucesso muito maior que o esperado", segundo Fabio Vieira, diretor de marketing da Le Son.

O ML-S10 é ideal para instrumentistas que tem a música como hobbie ou estão em fase de formação. Tem um custo bastante acessível, apesar de possuir características técnicas de um microfone profissional.

Já o 201 VHF é um microfone indicado para profissionais. Graças a nova tecnologia "True Diversity", ele evita os problemas de recepção que costumam atrapalhar as transmissões dos microfones sem fios. Esta tecnologia garante a confiabilidade do sistema de transmissão/recepção e proporciona um alcance de 450 metros em campo aberto e de até 60 metros em condições desfavoráveis. Embalado em case profissional, o sistema Le Son 201 VHF vem acompanhado de cinco baterias e um adaptador AC/DC.

25 anos

ML·S10

UM PROFISSIONAL QUE ACREDITA NO SEU TALENTO.

O novo ML-S10 da LE SON é um microfone dinâmico com características realmente profissionais, e ao mesmo tempo com um preço acessível!
Ele possui conector profissional XRL-3P, com pinos banhados a ouro, e cabo coaxial blindado. Sua cápsula também é blindada, o que garante seu perfeito desempenho, eliminando interferências de origem elétrica.
O ML-S10 tem um peso adequado, com um design que oferece uma empunhadura agradável. É o microfone ideal tanto para instrumentos musicais e voz, quanto para uso em palestras ou instalações para convenções. E pode ser conectado em qualquer amplificador, mesmo doméstico.
Acredite em você, solte seu talento, tenha um ML-S10.

LE SON - Marca Registrada da Le Son - laboratório de Engenharia Sônica S.A.

le son
MICROPHONES

O MAIOR FENÔMENO DA MÚSICA POP AMERICANA

EM LP/K7/CD CBS

LOU REED JOHN CALE

Os dois criadores do Velvet Underground apresentam o seu requiem para Warhol

ENTREVISTÃO

Acima, Nico, musa de Warhol, Cale e Reed. A direita, o Velvet Underground em 68. Reed, Morrison, Cale e Tucker

A voz do chato da platéia soou como um canhão, atravessando a performance de *Songs For Drella* de Lou Reed e John Cale, um réquiem pop que os dois escreveram em memória de seu amigo e mentor Andy Warhol. "Contem algo que não sabemos", explodiu o grito. Era a noite de estréia do primeiro trabalho declaradamente em conjunto dos co-fundadores do Velvet Underground, desde que Cale deixou a banda em 1968. Cale mexeu os ombros mostrando indiferença, sentado no banco de seu piano. O público do Brooklyn Academy of Music (BAM) agitou-se. Todo mundo esperava a resposta de Reed. Mas houve apenas silêncio; nenhum "vá se foder" nem "vá para casa ler um livro, filho da puta". Lou mordeu os lábios (e engoliu sua resposta). E isso, meus amigos, é crescer.

Lou Reed inclina-se para frente numa cadeira giratória e encosta seus braços numa grande escrivaninha de executivos. Ele olha fixamente, meio de lado, através de um respeitável par de óculos com aro de arame. Nem um fio de cabelo está fora do lugar, e a roupa que ele está vestindo parece tão alinhada que provavelmente acabou de ser apanhada de uma lavagem a seco numa tinturaria do SoHo esta manhã. Aos 46 anos, o Padrinho do Punk parece mais o Padrinho do Império Yuppie. E pensar que este é o cara que nos nutriu com sexo, drogas e rock'n'roll sujo e obsceno desde 1965 em músicas como "Heroin", "Venus In Furs", "Walk On The Wild Side", "Berlin" — em *Metal Machine Music*! — e "Dirty Blvd."; cujas brigas públicas com o falecido crítico de rock Lester Bangs são agora lendas pop; e cuja influência sobre virtualmente todo o rock pós-70 é indiscutível.

"O detalhe engraçado sobre aquele comentário," ele diz, "é que o cara não estava escutando de verdade. Eu estava *contando* a ele algo que ele não sabia. Estava mostrando um lado de Andy que ninguém conhece. Mas eu estava me concentrando demais para responder. Preciso de muita concentração para fazer o que faço. Se tivesse deixado minha concentração vacilar, teria sido muito difícil voltar ao trabalho."

Raciocínios corretos deste tipo nunca detiveram o Animal do Rock'n'roll antes. Mas, por outro lado, passado é passado, e Lou Reed e John Cale parecem estar se corrigindo. O Lou Reed que fustigou uma multidão briguenta na Bottom Line de Nova York em seu álbum *Live: Take No Prisoners*, de 1978, está mais calmo hoje em dia. Extravasa suas frustrações lincamente em cima de inimigos reais — como Ed Koch ou o vírus da Aids — e expressando de uma forma charmosamente desajeitada o seu amor por Andy Warhol. O John Cale que certa vez arrebentou mesas durante um recital de composição de música moderna e decapitou uma galinha viva durante um show de rock nos anos 70 — depois explicando para os vegetarianos que "eu não a machuquei, eu a matei" — hoje em dia escreve música orquestral em sua maior parte, recusa-se até mesmo a usar batena, e gasta sua energia restante na quadra de tênis.

Reza a lenda que Cale, galês por nascimento e de educação clássica, e Reed, um garoto de Long Island que sem sombra de dúvidas se criou no rock'n'roll, conheceram-se numa festa em algum dia de 1965. Universitário, mas em contato com a vida nas ruas, Lou estava escrevendo canções pop vagabundas, em massa, para homens de negócios trambiqueiros na Pickwick Records, em Coney Island. Cale estava experimentando zumbidos minimalistas com o compositor de vanguarda La Monte Young.

Embora parecessem um par inverossímil, o punk de rua e o vanguardista louco se deram bastante bem. Cale estava caindo fora da música clássica, e começava se interessar em combinar sons experimentais e arte performática com rock'n'roll. "Em Lou, encontrei alguém que não apenas tinha senso artístico e podena demonstrá-lo sem hesitação, mas que também tinha um senso de vivência nas ruas", Cale diz, "estava ansioso por aprender com ele. Havia tido uma vida muito regrada. Assim, com ele eu tive um aprendizado curto, mas aguçado." Por sua vez, Reed, idealista e um pouco ingênuo, queria ver o rock'n'roll elevado ao status da arte e da literatura.

Em uma outra parte da cidade, um tímido e inábil Andy Warhol estava trabalhando com um grupo de amigos, duplicando imagens fotográficas familiares e chamando isso de arte, fazendo experiências com cinema, iluminação, música, dança e outras mídias. Os acontecimentos bizarros no estúdio de Warhol, a Factory, se tornaram bem conhecidos no mundo da arte; histórias estavam sendo escritas em jornais e o buxixo nas ruas era de que aqueles caras eram malucos. Tudo que Warhol realmente precisava para completar suas extravagâncias multimídia e tornar-se o artista vivo mais famoso do mundo era uma banda de rock.

O Velvet Underground preenchia os requisitos com sua música improvisada, agressiva e pulsante. John Cale estava no timão, soltando volumosas camadas de baixo ou batidas monocórdias de viola; Sterling Morrison produzia golpes de guitarra de blues em profusão; Maureen Tucker executava ritmos simples e firmes de batena; e Lou Reed declamava poesia de rua. Warhol adicionou a extraordinariamente bela modelo/cantora alemã Nico como um contraste visual e sônico ao caos, ela cantava as baladas belas e suaves numa monotonia à la Marlene Dietrich, enquanto atrás o estrondo vulcânico dos Velvets ameaçava entrar em erupção. Velvet Underground e Nico se tornaram o ponto focal das festas multimídia Exploding Plastic Inevitable. A banda era chocante: Lou falava francamente sobre sexo violento, numa época em que "paz" e "amor livre" eram os slogans populares. Sobre os horrores do vício da heroína, para uma geração que equacionava drogas com liberdade. E tudo isso era amarrado por um som de rua puro e barulhento, numa época em que os sons melodiosos do Grateful Dead estavam levando hippies a estados de consciência mais elevados numa outra Costa.

> **"Queremos fazer você sentir Andy como o sentíamos"**
> REED

YES, NÓS TEMOS BANANA
Leite e Nestoh à vontade.
Banana'menina, tem vitamina,
E com Nestoh só faz crescer.

São duas da tarde, e está chovendo a cântaros sobre os guarda-chuvas no centro de Manhattan, que, da superioridade do décimo quarto andar de Lou Reed, parecem amebas. Agora mesmo o tráfego está parado, e enquanto os guarda-chuvas se chocam, uma cacofonia de buzinas e sirenes soa através da cidade. "O que você está fumando aí?", Reed pergunta. Marlboro. "Posso fumar um deles?" Sim. "Sabe, estou tentando reduzir o fumo com estes Carlton, mas não consigo resistir quando há um cigarro *de verdade* bem na minha frente." Ele joga o Carlton — cujo filtro para reduzir alcatrão ele acabou de arrancar — num cinzeiro de vidro limpo, e então acende o Marlboro.

Apesar da sua aparência careta e de seu bom comportamento, Reed ainda personifica o Cool. Os fios imaculados são todos negros, o penteado perfeito é todo negro, e Lou é ainda tão evasivo como sempre quanto à sua notória vida de astro do rock. Com arrogantes tiques faciais e um tom irônico, ele recusa-se a comentar sobre críticas passadas, convenientemente esquece coisas específicas ("minha memória é tão ruim, sabe"), e muda de assunto. Ele também faz algum esforço para contornar questões envolvendo emoção, mas várias vezes acaba soltando algo do tipo "quero que as pessoas gostem de Andy Warhol" antes de se conter. "Não quero conversar sobre o passado", ele diz de primeira, "quero conversar sobre *Songs For Drella*. OK? Você pode dizer simplesmente que John Cale foi o cara tranquilo e Lou Reed foi o escroto."

John Cale encosta seu cotovelo sobre um teclado que está conectado por uma teia de aranha de cabos enrolados, via MIDI, a um monte de equipamentos eletrônicos e caixas acústicas. O equipamento está montado no fundo de um gigantesco estúdio de ensaios escondido no andar de cima da Brooklyn Academy of Music. Cale está vestindo um suéter de gola em V sobre um camisão e jeans desbotados. Seu cabelo está cortado rente nos lados, com uma única mecha jogada sobre seu rosto pétreo. Ele tende a ficar pensativo quando perguntado sobre seus amigos. Agora mesmo, ele está pensando em Nico, que morreu tragicamente de um ataque do coração quando andava de bicicleta com seu filho, na Espanha, há dois anos. Os músculos em volta dos olhos de Cale se contraem. "Nico", ele quase sussurra com seu enferrujado, mas ainda vibrante, sotaque galês. Então pára por alguns segundos. "Ah, eu sinto muito a falta dela'"

Desde que *Songs For Drella* foi concluído no BAM em novembro de 1989, Cale tem trabalhado duro em seu projeto mais recente, um trabalho chamado *The Last Day On Earth*. Deve executá-lo junto com Bob Neuwarth na St. Ann's, uma linda igreja de estilo gótico no Brooklyn, onde uma versão incompleta de *Drella* foi pela primeira vez executada, como um trabalho em andamento, em janeiro do ano passado. Todo trabalho de Cale pós-Velvet tem sido assim; diverso, aparentemente randômico. Depois que deixou os Velvets, Cale trabalhou com uma série de artistas, em várias funções. Além dos seus álbuns e shows solo, ele produziu discos de Nico, Patti Smith, Iggy Pop e Johnathan Richman. Tocou com

John Cale, em 75

gente como Terry Riley, Brian Eno, David Bowie e Chris Spedding. Fez até algumas sessões não lançadas com Gene Loves Jezebel. Mas ele nunca mais tinha colaborado com Lou Reed. "Lou", Cale diz, novamente parando para juntar seus pensamentos, "Lou é um cara difícil de se trabalhar junto. Mas é gratificante."

Apropriadamente intitulado *Songs For Drella: A Fiction*, o trabalho é um musical de uma hora, com quinze músicas, sobre a vida de Andy Warhol como Lou Reed e John Cale o conheceram. Não é exatamente uma biografia. Aproxima-se mais do tipo de ficção que caracteriza aquelas antigas histórias com a moral no final, baseadas na vida de grandes pessoas que realmente viveram. *Drella* foi subtitulado *Uma Ficção*, diz Reed, "para que, se eu decidisse usar de licença poética sobre certos fatos — tipo isso realmente aconteceu na rua 81 ou na rua 73? — não tivesse de prestar contas. Não me importo com certos fatos; se tais e tais coisas aconteceram antes de tais e tais outras não faz nenhuma diferença para mim."

Ainda assim ele sente que a "verdade" em sua "ficção" é no mínimo tão precisa quanto a maioria das biografias de Warhol, que tem sido vendidas de montão desde a morte do artista, em 1986. "Dina que *Songs For Drella* é bem fatual, mas é fato comunicado através da ficção. Você entende o que eu quero dizer? Há o uso de licença poética, e sendo esse o caso eu não quero carregar o peso de fazer uma biografia, de assumir o trabalho como sendo textualmente verdadeiro. Por exemplo, John me disse uma vez: 'Sabe, Andy fez essa capa de disco para mim anos atrás (*Academy In Perils* de 1972) e ela era em branco-e-preto. Ele me disse que valeria mais se eu a deixasse daquele jeito. Mas eu exigi que ele a colorisse. Eu realmente queria (é-lo escutado". Eu enfiei isso numa das canções e é bem engraçado. E é verdade. Porem não é verdade que isso aconteceu num sonho que eu criei. Então é ficção. Você entende?"

Reed espera que *Drella* (lançado em disco pelo selo-Sire e também disponível em vídeo nos EUA) mostre Warhol como um homem tridimensional, mais que os próprios diários do artista. Muito frequentemente, Lou fala do artista usando o tempo presente. "Os diários de Andy não são um epitáfio digno, de jeito nenhum", ele diz. 'Pelo menos para mim não são. Acho que Andy é muito mais do que aquilo, e se você se prender só no livro não tirará pleno proveito do indivíduo simplesmente surpreendente e incomparável que ele é, na verdade. O que você sente através do disco é o relacionamento entre nós e Andy. Ele não é apenas sobre Andy. Não é apenas, 'oh, ele fez isso, ele fez aquilo'. Quando você ouve *Drella*, ele é sobre John e eu é sobre eu e Andy, e é sobre John e Andy. E um relacionamento. Queremos fazer você conhecer Andy melhor, fazer você senti-lo do modo como o sentimos, para que você possa sentir a presença dessa pessoa e ficar mais íntimo dela. De qualquer forma, não sei se muita gente lerá *The Diaries* do começo ao fim. E não vejo por que você tem de optar entre um e outro; você pode ter os dois, sabe?"

As canções para Drella (um apelido que Warhol desprezava, baseado na combinação de drácula com Cinderela) estão organizadas num conjunto de lembranças, fatos históricos e anedotas postas numa certa ordem cronológica. Ele abre com a personagem de Warhol reclamando sobre sua juventude passada num lugarejo onde nenhuma pessoa famosa jamais habitou ("Small Town"), então muda direto para os primeiros dias de Warhol em Nova York, morando num apartamento onde convidava pessoas para tomar chá e bater papo ("Open House"). A seguir, o artista aprende como vender suas idéias para pessoas que têm dinheiro para torrar ("Style It Takes"). A ética de trabalho de Warhol, várias vezes altamente elogiada por Reed em entrevistas e canções passadas, emerge em "Work". Suas opiniões sobre arte são explicadas em detalhes em "The Trouble With A Classicist"; o amor do artista por filmes aparece em "Starlight"; suas neuroses vem à tona, entre outros trechos, em "Faces & Names"; sua compulsão pela produção fotográfica em massa é vista em "Images", e em "Slip Away" vemos um Warhol desiludido, ponderando sobre se ele será esquecido ou não quando parar a política de portas abertas na Factory.

"It Wasn't Me" é uma defesa mordaz da influência de Warhol sobre suas groupies da arte; "I Believe" é um ataque direto a Valerie Solanis, uma discípula psicopata de Warhol que atirou no artista em 1968 e, embora não o tenha matado fisicamente, destruiu seu entusiasmo e marcou o fim de uma era para Warhol e sua Factory. As emoções pessoais de Reed e Cale e o amor por Warhol, qualidades muitas vezes ignoradas no trabalho do Velvet, vêm à superfície no final de *Drella*, "Hello It's Me". A música, composta por Cale, é forte, reminiscente dos momentos mais intensos do Velvet Underground, embora consista apenas de Lou na guitarra e Cale no sintetizador. Lou, que canta em cerca de dois terços do disco, escreveu todas as letras. Muitas delas são abertamente diretas, óbvias, apesar de seu humor sarcástico, junto com os irônicos maneirismos vocais de Reed, elas provavelmente evocarão análises estranhas. "Foi foda para escrever", Reed conta. "Há todas essas emoções conflitantes do início até o finzinho."

Songs For Drella cresceu de um par de encontros, os primeiros depois de muitos anos, no velório de Warhol. "No funeral, Julian *(Schnabel, o artista)* sugeriu que fizéssemos algo por Andy", diz Cale. "Eu estava escrevendo um monte de peças orquestrais como parte de uma sinfonia, e senti que a música poderia ser parte de um réquiem. Então eu disse 'Sim, vamos fazer um réquiem'. Daí eu vi Lou e era a primeira vez que nos falávamos em muito tempo. Levou um tempinho para nos quebrarmos o gelo, mas pareceu a coisa certa a fazer para homenagear Andy."

Lou conta: "Primeiro, John e eu nos juntamos e tocamos só por diversão, só para ver se ainda curtíamos tocar juntos. E realmente nos divertimos, tocando só para nós mesmos. Então, num certo instante, John quis uma segunda opinião a respeito de uma peça orquestral de quatro minutos que ele tinha escrito. Ele estava compondo com um computador — MIDI, sabe. Era uma peça só para piano: quatro segmentos, cerca de um minuto cada. Ele tinha uma dúvida sobre uma mudança melódica que ele queria fazer, e me perguntou se eu a escutaria e se teria uma sugestão a respeito do modo como ele poderia se moldar. Dei uma escutada e então mais tarde ele entrou em contato comigo, porque estava pensando em expandi-la numa peça maior. Daí ele tocou essa versão mais longa para mim. Eu disse 'Bem, sabe, você poderia fazer isso, poderia fazer aquilo...'"

> **"Songs For Drella é a verdade comunicada pela ficção"**
> REED

> TUTTI-FRUTTI, AW-ROOTIE
> Tutti-Frutti, aw-rootie,
> Tutti-Frutti in the liquidificador,
> Tutti-Frutti mix com leite,
> Tutti-Frutti com Neston,
> Awop-bop-a-loo-mop
> alop-bam-boom!

Enquanto isso, Cale mantinha contato com o pessoal da St. Ann's, que juntamente com a BAM, finalmente encomendou *Drella*. Então ele sugeriu a Lou que os dois escrevessem o trabalho juntos. 'Achei que deveriam ser apenas canções", diz Lou. "Não queria ter outros músicos envolvidos. John originalmente queria ter um conjunto de cordas e tudo o mais, mas eu achei que o que fana o trabalho interessante seria ter apenas nós dois tocando no palco, sozinhos. Seria muito mais forte. E, de fato, eles nos autorizaram a fazer justamente isso."

"Foi uma decisão importante", Cale concorda, "Isso pôs toda a responsabilidade em cima de nós. Foi mesmo a melhor maneira para dar às pessoas uma idéia do que rolava em 1965, e o que achávamos que ainda rolava em 1989. Daí, acabamos tendo somente as duas personalidades lá em cima, e você podia ouvir e ver como os dois se entendiam, se relacionavam e trabalhavam."

Em dez dias, Reed e Cale fizeram catorze músicas, consistindo de diálogos de Warhol inventados, detalhes sobre os dias da Factory e lembranças pessoais. "Foi feito por osmose", Cale explica. "Quando pela primeira vez nos nos sentamos e começamos a tocar, havia uma energia espantosa — era agressivo. Nos nos sentamos e conversamos sobre todas essas lembranças que tínhamos, e daí Reed se fechou com um gravador rodando e mais tarde apareceu com uma espécie de sumário do que tinha acontecido. Certas coisas precisavam ser trabalhadas. Eu me surpreendi pelo quanto Lou me deixou entrar nesse processo; você entende, escrever é uma coisa muito pessoal para Lou. O fato de ter me deixado tomar parte na discussão detalhada e correção de todas as letras foi muito difícil. Sentávamos e discutíamos. Para ele, é difícil colaborar nesse nível. Ele admite isso."

Cale e Reed puseram as canções à prova perante o público da St. Ann's, enquanto que slides da arte de Warhol eram projetados numa tela enorme no fundo do palco. Porém, o clímax do trabalho, a cola que mantem a versão final unida, ainda estava por vir. Depois da apresentação na St. Ann's, Lou escreveu a sequência de um sonho no estilo de um conto (parecido com "The Gift" do LP *White Light/White Heat* de 1968 do Velvet Underground). Seria lida enquanto Cale tocava uma música lenta e pressagiosa ao piano, com um monte de efeitos vocais especiais. Eles queriam algo que desse à versão final de *Songs For Drella* um punch literário. A linguagem na obra, chamada "A Dream", parecia com a de *The Andy Warhol Diaries*, com Cale fazendo a leitura, em que divaga ao modo de Warhol, sobre o seu tempo, seus amigos e, por último, sua morte.

"Foi idéia de John", diz Reed. "Ele disse 'Por que não fazemos um conto como 'The Gift'?' Mas daí ele foi embora para a Europa." Reed ri. "Ele parte para a Europa dizendo, 'Ei, Lou, vá escrever um conto'. Mas eu pensei, não, não um conto, vamos fazer um sonho. Desse jeito podemos fazer com que Andy faça qualquer coisa que quisermos. O tempo, a dimensão e a realidade não importam, pois esse é um sonho. Poderíamos fazê-lo ir a qual-

quer lugar, fazer qualquer coisa, e não nos preocuparmos com fatos. Assim achei que essa idéia de sonho era o modo a seguir. Deixe eu te dizer, cara, foi muito difícil fazer isso. Mas a partir do momento em que adquiri o tom de voz de Andy, fui capaz de escrever por muito tempo. Cheguei a um ponto em que produzia super-rápido, justamente porque gostei muito daquele tom. Certamente não é o meu tom de voz, de jeito nenhum. Eu realmente não falo desse jeito. Tive de me forçar a falar do jeito de Andy.

O sonho se move com consciência de si, com Warhol fofocando com humor sobre seus amigos, sua revista *Interview*, seus grupos de artistas e suas idéias sobre os jovens grafiteiros e jogadores de frisbee que ele via enquanto vagava pelo Union Square Park. O tom é infantil; num certo momento, Cale, fazendo sua melhor imitação do Warhol gaiê, matraqueia "Lou Reed se casou e não me convidou. Será que é porque ele pensou que eu levaria gente demais? Não entendo. Pelo menos ele poderia ter me telefonado. Ele está tão bem. Por que ele não liga para mim? Eu o vi no show da MTV. Ele estava a uma fila de distância e nem disse olá. Não entendo. Sabe, eu odeio Lou! Eu realmente o odeio!"

'Esta é uma frase muito importante', diz Reed. "Quando John estava fazendo a leitura, fiquei lhe dizendo que quando chegássemos naquela linha, 'Eu odeio Lou', ela deveria ser dita em tom infantil. Não é como 'Eu odeio Lou Reed *para caralho*, eu realmente *odeio* aquele filho da puta'. É mais como *[ele faz uma voz monótona e chorosa]* 'Oh, eu odeio o Lou! Deeeesto ele!' Está tudo na nuance, e é por isso que a produção durante as apresentações e no disco era tão crucial — especialmente nesta faixa. E você também tem de tomar cuidado com o efeito que põe na voz. Se o que você está querendo é mostrar uma emoção específica, tem de colocar tanto o efeito quanto a palavra de acordo com a música. Se você faz isso errado, arruína tudo; se isso não estiver junto, perde essa nuance e tudo está perdido. Mas se você diz isso de modo correto, fica engraçado. E foi assim que aconteceu durante a apresentação *(ele bate na madeira da escrivaninha)*. Graças a Deus.'

"Há outras passagens em que esperávamos causar umas risadas, e isso aconteceu nas duas apresentações. Se isso não tivesse acontecido, eu teria ficado desapontado. É claro, no disco você nunca sabe o que vai acontecer. Pela primeira vez entendi por que eles têm aquelas fitas de risadas de fundo, na TV. Porque num disco você está sozinho; você não tem um público. Algumas pessoas poderiam dizer 'Meu, o que isso quer dizer?' Então é importante que na produção você consiga o tom da voz — e que o tom seja o certo, em primeiro lugar — daí você pode conseguir umas risadas disso. Quero dizer, a coisa é tremendamente engraçada até o último parágrafo — então dá uma verdadeira guinada."

No fim de "A Dream", a personagem de Warhol vê sua morte. "Eu queria que isso tivesse um final sério", diz Reed. "Se não tomasse aquela virada diacerante no fim, poderia ter simplesmente continuado para sempre, você poderia simples e arbitrariamente ter parado em qualquer parte. Quem escreve sempre tem de encontrar algum tipo de final — sabe, uma força de verdade, uma conclusão, algum tipo de coisa emocionante — para deixá-la satisfatória como obra escrita. Por isso tinha de dar aquela guinada. Se não tivesse tomado aquela virada, poderia ter tido três minutos de duração, poderia ter tido trinta minutos de duração. Você está rindo, está meio que gostando desse cara. Você está quase esquecendo que é Warhol, e está simplesmente gostando desse cara que está dizendo esses negócios. Ele é engraçado e interessante até, e então de repente — BUMBA!!! E, é claro, o que estou falando lá é verdadeiro."

Na canção, Reed traça a morte de Warhol remontando ao tiro de Solanis.

Lou Reed, na época do lançamento de *New York*. O velho atrito com Cale não foi superado. Para Reed o parceiro não apreciou devidamente seu esforço em *Songs For Drella*

Tom Sheehan/LFI

"Lou é um cara difícil de se trabalhar junto. Mas é muito gratificante"

CALE

Ele também faz essa referência na música "I Believe", onde ele diz "Só anos depois, o hospital fana a ele o que ela não conseguiu". Neste ponto, John Cale discorda de Lou. "Quando Andy morreu, eu pessoalmente não senti que tudo remontava ao incidente do tiro. Sua morte parecia para mim ser apenas um desses ridículos momentos do teatro humano." Uma outra declaração inflamada na música era: 'Acredito que a vida é suficientemente seria para haver retaliação/acredito que estar doente não é desculpa/acredito que eu mesmo fritaria ela na cadeira elétrica". Cale tem problemas com isso também. "Eu realmente não achei que deveríamos ter atacado Valerie Solanis bem dessa forma; ter dito que alguém merecia a pena de morte." Contudo, Cale diz que ele lê o verso mais como uma reação emocional do que uma declaração política. "Quero dizer, esse é um verso muito delicado, suponho, mas... *(longa pausa)*... foi uma maneira bem dramática de falar sobre algo que você sente num nível emocional. Não acho que se possa afirmar que existe uma disposição de espírito assassina na música." Lou sustenta que o seu texto fala por si só.

Andy Warhol teve um impacto profundo sobre as vidas de Cale, Reed, o resto do Velvet Underground, e quase todo mundo que frequentava a Factory. Anos após o sucesso de mídia, o guitarrista do Velvet, Sterling Morrison, comentou que "reconsiderando, acho que ele nunca esteve errado". Warhol estimulava o grupo de indivíduos da Factory a pensar de modo incomum, a aparecer sempre com idéias novas. Ele organizava proezas publicitárias fantásticas, e sempre enfatizava o valor da manutenção de uma ética de trabalho saudável. Em "Work", uma outra canção reminiscente do Velvet em sua tensão irrestrita e sua guitarra industrial constante, Reed canta "Não importava o quanto eu produzisse, nunca era o suficiente/ele dizia que eu era preguiçoso, eu dizia que era jovem/ele dizia 'Quantas canções você escreveu?'/tinha escrito zero, mentia e dizia dez/Você não será jovem para sempre/devia ter escrito quinze/é trabalho, a coisa mais importante é o trabalho'.

Reed muda de posição em sua cadeira, pensando em seu trabalho desde a saída do Velvet Underground. "É bem menos do que deveria ser", ele diz, "e sou eu quem está falando, não Andy — bem, ser o que *Andy* dizia. Ele dizia o que estou dizendo, e é verdade. Não é nem remotamente o que deveria ser, e hoje estou tentando remediar isso. Um álbum a cada ano ou dois não é tanto assim. Mas você não consegue fazer muito mais do que isso com discos, porque é difícil lançar dois discos por ano — eles são difíceis de escrever. Mas há outras coisas que eu deveria estar fazendo, que envolvem a escrita — mais do que estou fazendo agora."

STRAWBERRY FIELDS
É um sonho.
Iogurte, morango, leite e Neston,
Bem batidos no liquidificador.
Strawberry Fields
Forever.

Reed se esforça bastante em *Songs For Drella* para defender Warhol das acusações da imprensa, que o atacou durante anos — particularmente a história de que o artista tinha um efeito de guru sobre os seus seguidores. Em "It Wasn't Me", a personagem de Warhol proclama "Eu nunca disse 'ceda o controle'/eu nunca disse 'enfie uma agulha no braço e morra'... Você age como se eu pudesse ter te avisado, ou te detido como algum deus/mas as pessoas nunca escutam, você sabe que isso é um fato... Eu nunca disse 'corte seus pulsos e morra'/eu nunca disse 'jogue sua vida fora'... Você está se matando — você não pode me culpar por isso".

Reed comenta "Você tenta de se colocar na posição de Warhol antes de atirar a primeira pedra. O que esperavam que ele fizesse? Uma sessãozinha de aconselhamento para trinta pessoas? Quero dizer, todo mundo ali era livre, branco e maior de idade. Se eles estivessem procurando conselho não estariam na Factory. De qualquer forma, ele dava *mesmo* algumas sugestões. Suponha que eu te diga 'Ah, não faça isso. Isso é muito ruim', e você não me escute. Eu cumpri minha obrigação? Bem, ele fazia muito isso. Não acho que seja honesto colocar essa culpa em cima dele. Além disso, talento pode ser bastante atraente e sedutor que é o que eu estava tentando sugerir em 'Style It Takes'. Essa é uma canção de sedução. E 'Work', isso é Andy falando; aquelas são citações textuais. Agora, se isso não vem sob o título de bom conselho, então não sei o que é".

Cale diz que o maior conselho que recebeu de Warhol foi antecipar as possíveis obstruções artísticas e sempre almejar as estrelas. "Quando conhecemos Andy, nós já tínhamos uma ética de trabalho", ele diz. "Andy apareceu depois que tínhamos trabalhado no álbum da banana por nove meses. Toda semana nos passávamos os nossos sábados e domingos inteiros ensaiando as músicas sem parar, até amarrarmos novos arranjos para músicas como 'All Tomorrow's Parties', 'Venus In Furs' 'Black Angel' e 'Heroin'. Não tínhamos grandes problemas com a ética de trabalho; de fato, nós mantínhamos a ética de trabalho por amor à vida. Andy nos ensinou que se você tem idéias sobre o que quer no rock'n'roll, então tem de imaginar quais problemas você vai ter de encarar — e quanto antes fizer isso, melhor. Andy foi um co-conspirador neste tipo de coisa. Ele também nos ajudou a fazer exatamente o que queríamos, ficando em cima de nós, chamando nossa atenção sem parar."

O conselho foi lembrado no trabalho em conjunto para *Songs For Drella*. "Para que as coisas entre Lou e eu acontecessem assim novamente tivemos de passar pelo mesmo tipo de processo. Tivemos de tocar essas canções repetidamente, como fazíamos antigamente. Mas dessa vez nos sabíamos mais ou menos com que panorama estávamos lidando, e nos preparamos para trabalhar sem permitir a interferência de nenhuma distração."

Algumas brasas deixadas pelo fogo que chamuscou a ponte entre Cale e

“John sempre foi o cara tranqüilo e Lou Reed, o escroto”

REED

Reed nos anos 60 ainda estavam mornas — mesmo depois que o projeto *Songs For Drella* foi terminado, Lou achou que eu não apreciei o suficiente o seu esforço em relação às letras. Na verdade, ele nunca disse isso para mim pessoalmente. Mas comentou com muitas outras pessoas.” Cale para, olhando para baixo. “Isso foi um choque e muito difícil negar ou discutir uma acusação dessas. Se alguém pensa que você não aprecia o que ele está fazendo, o que você pode dizer? É apenas uma reviravolta muito triste, muito frustrante. Se isso se baseia ou não em qualquer argumento substancial e discutível.” Para retificar o aparente problema de auto-estima de Reed, Cale escreveu as seguintes linhas: “*Songs For Drella* é um trabalho em conjunto, o segundo que Lou e eu completamos desde 1965, e devo dizer que embora eu pense que ele fez a maioria do trabalho, ele me permitiu manter uma posição de dignidade.”

Reed dá uma forte tragada em seu cigarro, esmaga-o no cinzeiro e franze a sobrancelha. “Eu realmente não quero entrar nesse tipo de coisa”, ele lamenta. “Apenas quero conversar sobre o disco. O que ele escreveu diz que diz... diz que Lou fez a maioria do trabalho. Isso é tudo. Gosto muito de tocar com John. Ele é um músico muito excitante. Me divirto tocando com ele. Tocamos muito bem juntos. John é tremendamente técnico e tudo tem de estar corretamente ajustado no estúdio para que as coisas aconteçam com a quantidade mínima de problemas. Gosto disso.”

Cale se ajusta em sua cadeira e olha para a frente fixamente. “Acho que o que acontece é que há algum tipo de inveja que entra nesse tipo de processo. Inveja que é de alguma forma autogerada. Não conheço a razão disso. Simplesmente parece ser algo que cresce durante um longo período de tempo e que, no final, espero, desaparecerá, será esquecido. Há um certo vórtice que cresce entre duas pessoas que são bem parecidas. Acho que isso talvez seja próprio das pessoas que são muito parecidas em sua natureza. Quero dizer, não posso dizer que sou nenhum santo.”

Cale puxa o cabelo para trás com suas grandes mãos de pedreiro. E olha para cima novamente, em direção ao alto teto da sala de ensaios. “Quando encontrei Lou pela primeira vez, estávamos interessados nas mesmas coisas. Ele tinha uma certa perícia em compor canções que eu achava surpreendente. Nós dois precisávamos de um veículo. Lou precisava de alguém para apoiar suas idéias líricas e eu precisava de alguém para apoiar minhas idéias musicais. E foi onde tudo foi terminar, nesse tipo de tormento ou seja lá o que for que estávamos fazendo. Não sabíamos disso na época. Eu estava partindo para um território desconhecido armado com noções clássicas de música. Tudo o que precisávamos era uma batida de fundo, e Mo se encarregava disso. Sterling ficava tocando guitarra de blues e Lou ficava trocando de personalidade e tudo o mais — tipo num minuto ele era um pregador, no outro ele era um... ele era um poeta. Lou estava exorcizando um monte de demônios e talvez eu o estivesse usando para exorcizar alguns dos meus. Assim, quando começamos a tocar juntos pela primeira vez foi na base de nosso interesse pelas mesmas coisas. Foi por isso que o Velvet Underground foi montado. Foi... foi por isso que nos unimos novamente desta vez.”

MARK KEMP

GELÉIA GERAL

A manhã tropical se inicia,
Geléia de uva, leite e Neston
Tudo bem misturado
Com muito gelo picado,
A Geléia Geral Brasileira

“Uma união tensa e produtiva, capaz de "exorcizar demônios"”

WEA

Para maiores informações sobre o Velvet Underground e seus integrantes, escreva para The Velvet Underground Appreciation Society, P.O. Box ... Avenue, Stuart, FL 34997

ESCRITÓRIO CENTRAL: RUA BAHIA, 1050 - SP F. 011-255.5184 • LOJAS CANNON: AL. LORENA, 1848 - SP • R. HARMONIA, 967 - SP • GOLDEN SHOPPING - SÃO BERNARDO DO CAMPO - SP • SHOPPING CADIJ - CAMPOS DO JORDÃO - SP • TAMBÉM NA LOJA DE SUA PREFERÊNCIA, EM TODO O BRASIL.

CHRISSIE HYNDE FALA SOBRE COMIDA & SEXO

E também de política, ecologia, Brasil, Iggy Pop e do novo disco dos Pretenders, *Packed!*

Que lembranças você tem do Brasil?

A primeira coisa que vejo quando vou a qualquer lugar é o problema da poluição. No Rio... bem, sabe como é, a gente passa a vida ouvindo dizer que o Rio é um lugar superglamouroso, um lugar para férias. Mas eu também não sou muito de férias, de ficar tomando sol. Eu gostei muito de São Paulo. Também gostei do Rio, passeei bastante pela cidade. Nós fomos para o Brasil sem saber como seria. Fomos os primeiros a tocar no Festival, e eu enlouqueci por causa de tantas câmeras e fotógrafos! Foi uma cena e tanto. Perdi a calma, mandei eles se foderem. No ônibus, voltando ao hotel, ninguém estava falando comigo... Eu achei que seria convidada a deixar o país no dia seguinte *(risos)*. E aí, no elevador do hotel, eu estava de cabeça baixa, morrendo de vergonha, quando encontrei um brasileiro que me disse: "Chrissie, eles precisavam ouvir aquilo. Estamos te apoiando..." No dia seguinte, as manchetes foram "nós te amamos". Existe uma ditadura da mídia, não só no Brasil, nos Estados Unidos também. Mas eu simplesmente disse "Fuck off, não me importo quem vocês sejam!" Sei que muitos artistas viram marionetes nas mãos da imprensa, eles fazem qualquer coisa para ficar no topo, são prostitutas da mídia. Mas meu profissionalismo não vai tão longe assim. Minha liberdade é mais importante do que tudo isto.

Você achou o público brasileiro muito diferente do resto do mundo?

Não, não muito. Mas eles tinham uma vibração muito boa. Muito fogo.

Você assistiu aos outros grupos?

Eu ouvi alguma coisa, mas às vezes, antes de tocar, a gente fica tão nervosa que não dá para assistir às bandas que tocam antes. Mas eu consegui ouvir um pouco, o que foi ótimo.

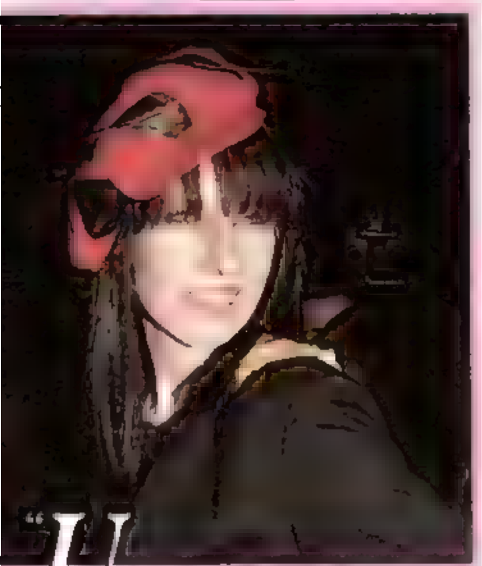
Você voltaria a tocar no Brasil?

Oh, yeah! claro!

Antes de ir ao Brasil você estava consciente dos problemas ecológicos no Brasil? Sua estada te ensinou alguma coisa nesse aspecto?

Eu sei que a América do Sul é explorada pelos Estados Unidos. Sei que os produtos e cosméticos duvidosos, que não são aprovados pelo governo americano — e olha que é preciso ser bem ruim para não ser aprovado lá —, são mandados para a América do Sul. É um nojo! Acho que boicote é a solução, é a única coisa que pode derrubar uma

CHRISSIE HYNDE



"Um cachorro na rua tem mais chances de mudar o mundo que o governo"

sociedade inconsciente, fazê-la ficar de joelhos. Esqueça o governo. Eu tenho mais chances de mudar o mundo do que o governo. Um cachorro na rua tem mais chances de mudar o mundo do que o governo. Os governos estão presos a grandes corporações. As pessoas que financiam uma campanha presidencial são as pessoas para quem o presidente tem de prestar contas depois. E essas pessoas querem proteger sua economia.

Eu gostaria que a economia tombasse e caísse num caos total, aí pelo menos haveria a possibilidade de salvar o mundo. Temos de parar agora! Temos de parar, analisar a situação, dar tempo ao planeta para ele se curar. O que eu diria aos brasileiros é: "Não comprem essa merda que eles mandam para vocês! Deixem tudo apodrecer nas prateleiras". Mas eu sei que, quando as pessoas têm problemas até em conseguir abrigo e comida, a última coisa que elas vão fazer é pensar no que estão comprando. Nós, do primeiro mundo, que temos o luxo da escolha, é que temos de trabalhar para isso.

O que você acha do caso Sting, que deixou sua carreira de molho enquanto luta para salvar a floresta amazônica?

Você não deixa a carreira de molho quando tira dois anos para fazer outra coisa. Eu sou uma mulher, tenho dois filhos, tenho de deixar a carreira de molho cada vez que tenho um filho. Um homem do *music business* tira uma semana para ir ao hospital assistir ao parto e acompanhar sua mulher. Grande coisa! Eu tenho de tirar um ano da minha vida cada vez que faço algo. E também, o que há de tão importante numa carreira? Você não deve usar toda a sua energia para se promover. Você deve algo às pessoas, à humanidade e ao planeta. Acho que isso deve ser exigido das pessoas no showbiz.

No caso dos shows para o Nelson Mandela — que já havia sido solto — e o The Wall — depois que o muro já havia sido derrubado —, você não acha que os artistas envolvidos poderiam estar interessados apenas em se promover?

Não me fale de gente que quer se promover, não sei nada sobre elas! As pessoas têm de sobreviver! Sou uma mãe solteira, com duas crianças. Quando você faz algo como o show para o Nelson Mandela, não está se promovendo, e sim negligenciando sua carreira pessoal. O show para Mandela foi uma comemoração. Tanta gente trabalhou para conseguir sua liberdade — eu nem tanto, mas gente como Jim Kerr, Jerry Dammers etc. Eles sacrificaram seu tempo, sua vida. Então nada mais justo que comemorar a liberdade de Mandela.

Você quer ser cínica? Então vamos falar de todos aqueles rockstars que estão no topo, que nunca dão entrevistas, que não têm nada a dizer a não ser que seja sobre eles mesmos. Essas são as pessoas sobre as quais quero falar. Não quero falar de gente que se esforça, como o UB40, que fala sobre o Congresso Nacional Africano, sobre os direitos dos animais, sobre direitos humanos. Vamos falar dos *bastards* que estão lá em cima, com suas bocas fechadas, que só as abrem para falar sobre o número um nas paradas. São essas as pessoas que não respeito. Eles são o establishment, e o establishment trabalha contra o resto de nós.

Numa entrevista recente, quando perguntaram o que você tinha a dizer sobre o álbum novo, *Packed!*, você disse que são "apenas dez musiquinhas pop". Mas qual seria a importância de tudo isto?

Para mim, a música se justifica por si própria. Música é algo puro e bom. Não é preciso haver uma mensagem na música. Eu ouço ópera e não entendo nada do que estão falando porque não entendo italiano! Mas, quando ouço algo bonito, levanta meu espírito. E, o mundo estando do jeito que está, as pessoas precisam disto, senão elas ficam deprimidas e perdem a esperança.

E num nível mais político? Você mesma disse que tem mais chances de mudar o mundo do que qualquer governo...

Também disse que até um cachorro tem *(risos)*. Estava falando de mim como pessoa. Como pop star... bem, há um velho provérbio: "Uma viagem de mil milhas começa com o primeiro passo". Todo indivíduo pode mudar o mundo, é só mudar seu estilo de vida. É importante que continuemos a lutar pela liberdade, como tantos outros antes de nós, como Martin Luther King, Che Guevara etc.

Vamos falar um pouco do disco novo... A faixa "When Will I See You" é assinada por você e Johnny Marr. Com foi trabalhar com ela?

Foi ótimo! Achei que tínhamos futuro. Tocamos bem juntos, no Brasil, e tínhamos as mesmas idéias sobre várias coisas. Mas era a hora errada... Eu havia acabado de passar um ano em turnê, estava exausta. Ele estava apenas começando, e eu precisava de um descanso. Então ele foi tocar com o Matt Johnson, (do The The) que é uma coisa legal para ele.

Vocês voltarão a trabalhar juntos?

Há várias músicas inacabadas. Ele criava os riffs, e cabia a mim arranjá-los, escrever a letra e as melodias... tenho que acabá-las. Ele me ligou duas semanas atrás e disse "Vamos fazer algo no futuro".

Com tantas formações diferentes que os Pretenders já tive-

CHRISSIE HYNDE

"Se você tem dinheiro, compre meu disco. Se não tem, grave ou roube"

Michael Putland/Retna

ram, surge a pergunta inevitável: por que não tentar uma carreira solo?

Que diferença faria? É só um nome, né? Eu gosto do nome Pretenders. É também o que fiz foi construído em cima de uma fundação musical que foi inventada pelos Pretenders originais. O som dos Pretenders de hoje seria diferente se eu nunca tivesse conhecido os Pretenders.

Fui muito influenciada pelo Jimmy Scott. Ele era tão melódico, todos aqueles acordes... era muito pessoal. Eu era mais punk, mais dura. Gostava de reggae... ele gostava de ABBA, e tinha muita melodia. Eu tentei construir em cima disto, foi por isso que mantive o nome. Mas não foi fácil... diferentes guitarristas, baixistas, bateristas. Demorou muito para eu encontrar a banda original, e ela só durou uns dois ou três anos. Aí os caras morreram.

Você acha que ainda vale a pena falar sobre a presença das mulheres no rock, hoje em dia?

Para ser honesta, eu acho que não, porque isso me entedia. Mas se eu estivesse lendo uma entrevista sobre isso ficaria interessada. Sempre penso no que o público quer ler. Não quero falar da minha vida sexual, mas se eu estivesse lendo uma entrevista com Chrissie Hynde eu procuraria a parte onde ela fala sobre sexo *(risos)*.

Quanto às mulheres no rock. É sempre um assunto interessante, porque homens e mulheres são tão diferentes uns dos outros. Sexo é tão... quer dizer, sexo não é apenas o ato sexual. Sexo está no ar, é a maneira pela qual as pessoas andam na rua, tudo. Ele afeta tudo, e é um mistério. Sexo e comida..., são as duas coisas fundamentais da vida. Uma te bota no mundo, a outra te mantém vivo. São as duas coisas mais abusadas e mal-entendidas do mundo, também. Eu sou capaz de falar sobre sexo e comida durante horas e horas *(risos)*! O que devemos comer? Como as pessoas devem comer para viver em harmonia com o planeta em 1990? Como devemos trepar? Com qual freqüência? Com quem? Somos monogâmicos? Quais as respostas? Não sei. Tenho 38 anos e penso nisso todo dia. Eu quero saber! Há um tempo Hare Krishna maravilhoso em São Paulo. Eu fui lá, foi como um oásis, as árvores, o cheiro de madeira. Dei oi para todo o pessoal de lá. Eles também se perguntam estas coisas todos os dias. Isso me interessa, mais do que jaquetas e botas, embora eu também me interesse por jaquetas e botas.

Jaquetas e botas também têm a ver com sexo e comida.

Exatamente. Tem tudo a ver com sexo e comida. Esse deveria ser o nome da sua matéria, Chrissie Hynde fala sobre sexo e comida *(risos)*.

Voltando a *Packed!*... Esta é a segunda vez que você grava uma música de Jimi Hendrix. ("Room Full Of Mirrors" foi a primeira, no disco *Get Close*; em *Packed!* é a vez de "May This Be Love").

São boas músicas.

Em setembro faz vinte anos que ele morreu...

É... seria bom se houvesse um *revival*. Acho que está havendo um, porque as pessoas estão tomando drogas psicodélicas novamente.

Como você se sente em relação ao disco novo?

Para mim é parte do passado *(risos)*. Se você tem dinheiro, compre-o. Senão, roube-o, ou grave do rádio, ou grave de um amigo. Eu não me importo *(risos)*! Sou a favor da gravação doméstica. Quanto a piratas, se eles promovem a música, ótimo! Se a indústria fonográfica acha que a pirataria é uma ameaça, problema da indústria.

Em *Packed!* você voltou ao rock mais clássico dos primeiros dois discos...

É verdade. Acho que era isso que as pessoas queriam, e eu estava sensível a isto. Mas no próximo disco vou enlouquecer um pouco, ser mais experimental. Eu sempre fui bem experimental com a minha vida, mas musicalmente sempre me liguei à tradição. Acho que já explorei demais o formato dos Pretenders, e vou tentar coisas novas agora.

Como os diferentes contextos musicais te afetaram nos dez anos de Pretenders? E a dance music, o que você acha?

Todos os contextos me afetaram. Tudo me afeta. Quanto à dance music, eu gosto muito. Não gostava de *disco* nos anos 70, para mim foram os anos perdidos. Eu não conseguia dançar, gostava mais de reggae. Mas a dance music agora é mais próxima do reggae, tem mais linha de baixo.

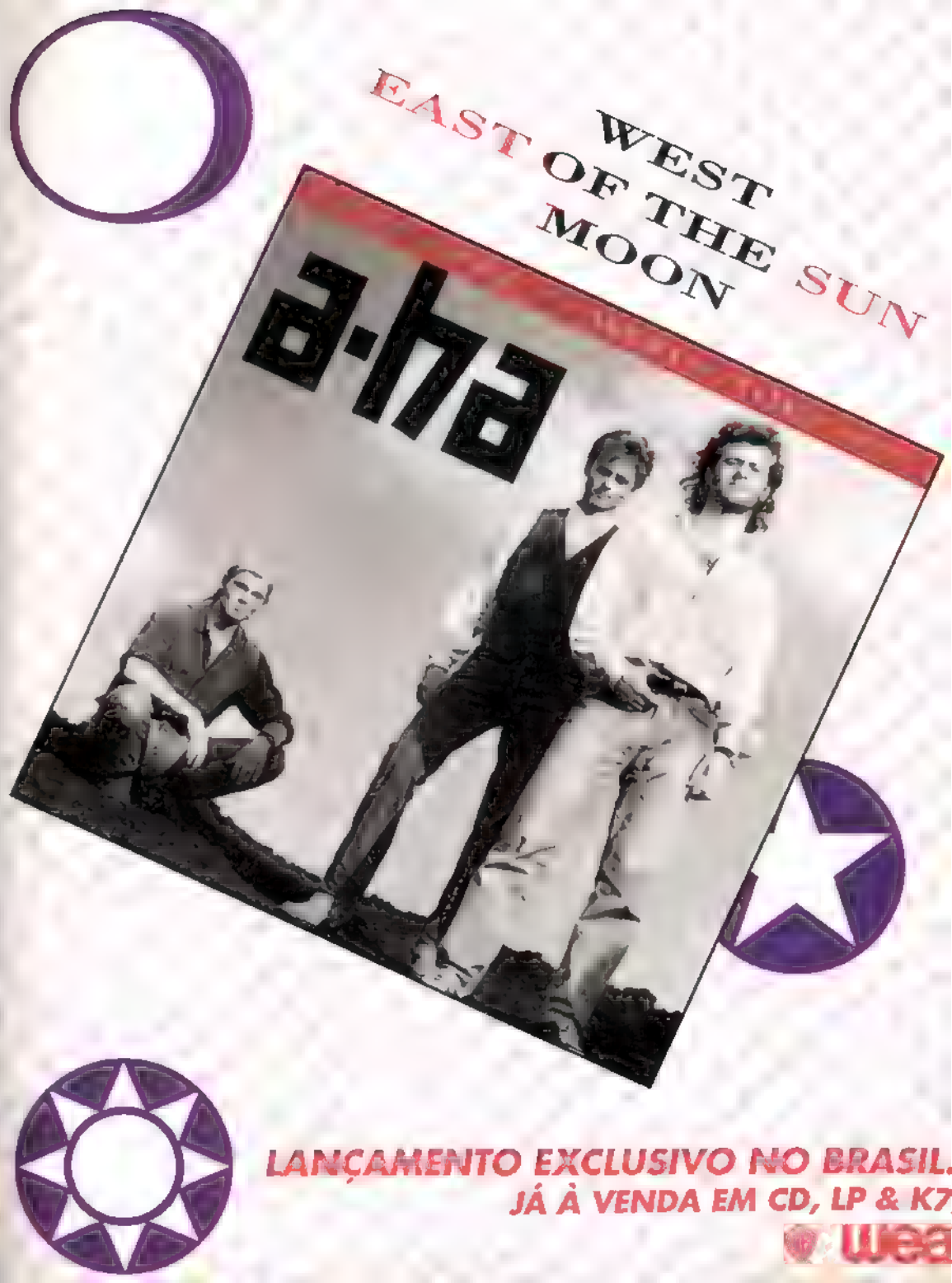
Para terminar, o que você achou do novo disco do Iggy Pop?

Só ouvi partes, e amei. Ele queria que eu cantasse em "Candy". Eles me mandaram várias fitas com ele cantando a música. Iggy me escreveu cartas descrevendo a música! Ele é meu grande ídolo. Mas estávamos em países diferentes! Quando ouvi a música quase chorei. Mas a Kate *(Person. dos B-52's)* é boa. Não dá para ter tudo na vida *(risos)*! Perdi a oportunidade de cantar com meu herói.

E o *Songs For Drella*, de Lou Reed e John Cale?

Brilhante. Eu assisti na TV, e em seguida escrevi uma carta para o Lou Reed. É ótimo saber que ficar mais velho não significa perder a criatividade. Saber que, com a idade, você pode se tornar um artista ainda melhor.

ANAMARIA G. DE LEMOS



ESTILO BIZZ

DIVA

A pop star e ex-modelo Grace Jones arrasa na final do Look Of The Year

Grace é uma graça. [illegible] uma princesa nagô, uma preciosa de desenho animado. Aos 38 anos, continua inflamando libidos. Vide o exuberante show que fez na final do concurso *Look Of The Year* no Palace, em São Paulo. Cercada por todos os lados de garotonhas com a metade de sua idade — ou menos — Grace deixou muito claro por que [illegible] travessia entre o mundo da moda e a música pop. Simples: ela é ótima nos dois.

LEVI'S SEU RITMO

ESTILO BIZZ

Tentou ser atriz. Acabou sendo uma das mais bem-sucedidas modelos do início dos anos 70. Mas não era suficiente, e Grace — com a ajuda do designer e companheiro Jean-Paul Goude — reinventou-se como deusa *disco*, diva gay e megacelebridade. De quebra, fala inglês, francês, espanhol e japonês. Ninguém a definiu melhor que seu amigo Andy Warhol: "Grace é perfeita". Tire a prova com esta microentrevista

Sua popularidade entre os gays: "Começou quando eu ainda trabalhava com moda, e continuou quando eu fiz minha primeira tour por discotecas. Os gays são mais antenados, têm menos preocupações e mais dinheiro"

Pioneirismo: "Fui a primeira modelo a ser aceita como cantora. Hoje, para fazer sucesso, é quase obrigatório ter consciência da moda. É o caso de Annie Lennox e Madonna"

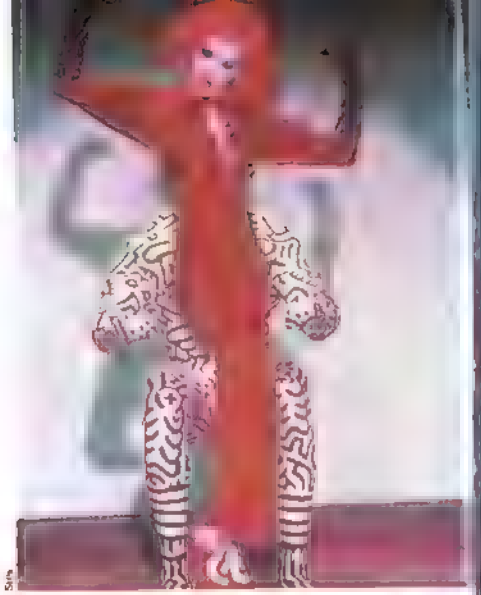
Melhores clubes do mundo: "Sound Factory (NY) e Heaven (Londres)"

Um cantor: "Stevie Wonder"

Uma cantora: "Tina Turner".

Uma atriz: "Gene Tierney" (estrela do filme noir *Laura*)

Filosofia: "Trabalhar sempre, sem trabalhar em excesso. É o ritmo jamaicano".



Sirla

Paulo Baleki-Abril

Edd-Odeon

"Moda sempre foi um vício para mim", disse em São Paulo a viciada em Thierry Mugler, Azzedine Allaïa, Kenzo e Issey Miyake. Algumas das mil faces de Grace Jones: à esquerda com a cara pintada em capa de 85 da *Face*, fotografada por Jean-Paul Goude; à direita, ruiva e embonecada, num concerto; ao lado de John Casablancas, em SP; fazendo o modelito "dee dee jackson", nos tempos da discoteca. Na página ao lado, um robô-Grace

levi's

SEU PIQUE

Levi's SEU BRILHO

Paulo Batata Azul

Rui Mendes/Azul

Imagine a cena. Lá fora Luciana Vendramini e Angélica barradas no baile, junto com centenas de descolados. Dentro, milhares de badaletes (entre eles Marília Gabriela e Cristina "Juma" de Oliveira) exibiam seus modelitos e disputavam a tapa um garçom. Em cima do palco, a top das tops Cindy Crawford como apresentadora (foto acima), a deslocada Marina (cantando bossa nova) e até o "gala" (urgh!) pantaneiro Paulo Gorgulho.

A razão do alvoroço: a disputa, entre 45 beldades, do *Look Of The Year*, um dos principais concursos de modelos do mundo, promovido pela superagência Elite Models. A holandesa Wendy Velhuis (na foto ao lado) levou um contrato de duzentos mil dólares. A mineirinha Danuza Braga, que ficou em terceiro, papou 75 mil. Outras treze garotas assinaram com a Elite

Mas a dona da noite foi mesmo Grace Jones, que em dois mini-shows destilou hits do porte de "Pull Up To The Bumper", "I'm Not Perfect", "Slave To The Rhythm" e "La Vie En Rose". Sem exageros, uma noite inesquecível.

ENGENHEIROS DO HAWAII
o papa é pop

ENGENHEIROS
o papa é pop

incluindo
ERA UM GAROTO QUE, COMO
EU, AMAVA OS BEATLES E OS ROLLING STONES

BMG

RCA

Ken Dering/Blanco

O HIPPIE-HOP NEW AGE DO DEE-LITE

Leia com atenção, pois pode ser que estejamos falando de um dos grupos mais fortes da nova década. O Deee-Lite (não confundir com o De-Lite, de "Wild Times") é um trio nova-iorquino formado pela cantora Lady Miss Kier, o DJ russo Dimitry e o DJ japonês Towa Towa.

Os três se vestem dos pés à cabeça com a indumentária mais exótica dos dois lados do Atlântico. O Deee-Lite, com seu "single "Groove In Your Heart"/"What Time Is Love?", está provocando comentários do tipo "a melhor coisa vinda de Nova York desde Madonna" (esse é forte, hein?). *Hype?* Pode ser, mas não se pode negar que o Deee-Lite é diferente. A música passa por várias praias: disco, George Clinton/P-Funk, rock, hip hop, soul e new age. A idéia toda é transpor a filosofia Daisy Age (o hippismo 90 divertido de grupos como De La Soul) para o house, objetivo expressado numa entrevista para o *NME*, onde falaram muito em amor universal, felicidade e positividade. Viagem? Isso mesmo, agora estamos falando português claro e você está começando a entender o espírito do Deee-Lite. Logo virá o primeiro LP, *World Clique*

OS MENINOS

Os DJs Andrew Weatherall e Terry Farley, do Boys Own, precisam ser situados num contexto amplo. Preste atenção: o terceiro verão do amor explode por toda a Inglaterra. As *raves* continuam rolando soltas. A moçada consome a droga Ecstasy aos montes. Manchester vira o centro do mundo, mais especificamente o Hacienda.

Bocas de sino e Adidas estão de volta aos guarda-roupas e "Strawberry Fields Forever", do Candy Flip, é uma das músicas do ano. Então, em vez de ficarem disputando público, o rock *indie* inglês e a dance music moderna se aliaram, sendo "Fool's Gold", do Stone Roses, a pedra fundamental.

No meio de tudo isso, quatro espertos rapazes, DJs e com algum talento para texto, chamaram muita atenção com o fanzine Boys Own, não exatamente a bíblia da cena toda, mas perto disso. Dois desses rapazes eram Farley e Weatherall, que resolveram também remixar discos e foram escolhidos como prediletos por toda uma massa de bandas *indie* que desesperadamente queria enxertar mais *groove* na sua guitarrada sessentista. Primal Scream, My Bloody Valentine, That Petrol Emotion, The Farm, James, Soup Dragons, todos fizeram fila para transformar seu saudosismo velvet-buzzcockiano em um som digno de se dançar. A situação chegou a tal ponto que, seguramente, 50% da parada independente inglesa hoje tem a mão de Farley ou Weatherall envolvida. Depois de tanto *hype*, já era tempo de eles próprios lançarem algo: assim nasceu "Raise (63 Steps To Heaven)", do Bocca Juniors, o primeiro disco de fato do pessoal do Boys Own

5 Trabalhos de Andrew Weatherall & Terry Farley
"Loaded" **Primal Scream** (remix, AW)
"Raise (63 Steps To Heaven)" **Bocca Juniors** (tudo, AW e TF)
"World In Motion" **New Order** (remix, AW e TF)
"I'm Free" **Soup Dragons e Junior Reid** (remix, TF)
"Flotation" **The Grid** (remix, AW)

Pedro Costa

Top 5
"Piano Negro" **Piano Negro**
"Strike It Up" **Black Box**
"Missin' You" **Soul II Soul**
"Girl To Girl" **49 ers**
"Dirty Cash" **The Adventures of Stevie V**

O carioca Marcello Mansur, ou Memê, 25 anos, começou a discotecar com catorze anos no Gemini's Club, no Leblon. Na época, tinha de se esconder das blitz do Juizado de Menores.

Desde então trabalhou na Papagaio e na Press, nesta última até 1988, quando parou de tocar e foi se dedicar ao trabalho de estúdio e ao seu programa na Cidade FM, o *Festa na Cidade* (cujo LP de hits já vendeu 92 mil cópias), um dos mais ouvidos da estação. Seus trabalhos de remix incluem Biquíni Cavadão, Manna e Capital Inicial. Já produziu o segundo LP do Uns e Outros e coproduziu, com Iraí Campos, um 12" do Ponte Aérea com uma versão para "Dancin' Days", das Frenéticas.

Aliás, produção é a meta n.º 1 nos seus planos futuros. Recentemente foi lançado na França o LP *Sambatronics*, todo produzido por Memê com velhos hits brasileiros regravados em versões soca-house (!!!)

EMI-Odeon

CLUB CLASSICS

"Mama Used To Say" **Junior** (1982)

Colocut, Soul II Soul, S'Express, Neneh Cherry, Beatmasters, B-Mob e Smith & Mighty estão entre os muitos nomes que fazem a dance music britânica ser vista com respeito no mundo. Situação muito diferente da de dez anos atrás quando dance music negra, soul e funk *made in Britain* não eram levados a sério pelos americanos. Através dos anos só alguns poucos nomes conseguiram angariar respeito: Average White Band, Imagination, Hot Chocolate, Central Line — e Junior.

Junior, sobrenome Giscombe, foi dentre todos o que chegou mais alto nos E.U.A com a força apenas deste hit. A música, presente no LP *JI*, era fabulosamente funky, tinha um baixo pendendo para o reggae e uma melodia absurda de boa. Junior se apresentou no "Soul Train" — mal comparando, o Globo de Ouro da música negra americana — e abriu shows de Michael Jackson. Infelizmente, Junior não teve fôlego musical para dar sequência ao sucesso e despencou para o limbo. Ele acaba de reaparecer este ano com um single novo chamado "Step Off". Quem sabe ele consegue de novo?

Carlton "Do You Dream"
A nova descoberta dos produtores Smith & Mighty é um Marc Almond negro, menos afetado e com mais poder vocal. A música é inacreditável: bizarra, meio oriental e com um baita peso. Esquisito e sofisticado. Um sonho mesmo.

Deee-Lite "Groove Is In The Heart"
Kitsch sessenta mais De La Soul mais funk mais Madonna mais disco mais surf music mais Santana. As pistas nunca mais serão as mesmas.

Together "Hardcore Uproar"
Isso é música de *rave*. Começa como uma locomotiva techno, pausa, respiração, e aí entram os pianos galopantes no melhor estilo italo.

Monie Love "Monie In The Middle"
A rapper inglesa de "Grandpa's Party", agora produzida pelos Fine Young Cannibals Andy Cox e David Steele, ataca com uma session potente de house e funk.

Suzanne Vega e DNA "Tom's Diner"
Pare de esfregar os olhos que é isso mesmo. Os britânicos do DNA *soultosoulizaram* o a capella de Suzanne e o resultado é um estouro.

The Grid "Flotation"
New age house que não dá sono. Participa Dave Ball, a outra metade do Soft Cell. O melhor aqui é a flauta absolutamente São Tomé das Letras/ Visconde de Mauá que atravessa a música. Mês que vem, vamos publicar uma entrevista com eles.

Kym Mazelle "Useless" (remix)
A excelente estreia de Kym Mazelle, de 1988, reaparece com novíssimos remixes pelo chefão do Beats International, Norman Cook e David Morales (eles de novo!)

Technotronic "Rockin Over The Beat"
Quando a gente achou que não dava mais, apareceu isso, e estamos todos dançando de novo. Remixado por Bernard Sumner, do New Order, em "Hacienda-Manchester Remixes".

Diana Brown "Masterplan"
Literalmente um abalo. Diana Brown é afinadérrima e seu funk é irresistível. Transbordando talento.

CAMILO G. ROCHA

Alvaro Motta Azul

SÃO PAULO

São Paulo tem dessas coisas. Quando todo mundo menos esperava, o reggae virou o ritmo da moda e o que era coisa de gueto passou a ser motivo para as maiores lotações das principais casas noturnas da cidade, superando no meio da semana a frequencia do eterno e soberano sabado. E isso em pleno inverno.

E logico que esse nao e um fenomeno espontaneo. Essa explosao do embalo jamaicano e tanto fruto do trabalho de insistentes aficionados do estilo quanto das misturas que os DJs alucinados acabam cometendo pelo mundo afora em busca de novidades dançantes para aumentar o cardapio one-way das pistas contaminadas pela house music. Se nas terras gringas Fat Boys, Heavy D, Prince Ezzy e mais uma boa centena de modeminhos esquentaram o mercado com as inovações do *ragamuffin* (conhecido no Brasil tambem como reggae-toast), o tal mix de reggae com house, aqui no reino da miseria, dois agitadores e uma pá de bandas de boa qualidade têm mais do que culpa no cartório.

Quem levou para os palcos do AeroAnta (a primeira casa paulista a investir no genero) as noitadas reggae foi o jornalista Otavio Rodrigues, baseado no sucesso de seu programa semanal na Radio Brasil 2.000 e em pesquisas que determinaram um enfatico segundo lugar para o som jamaicano na preferência de surfistas e skatistas, só perdendo para o velho e bom rock n'roll. Resultado: quarta sim, quarta nao, a *Disco Reggae Night* levanta a temperatura do ambiente e toma intransitavel a pista do Aero.

Alguns meses depois foi a vez do Dama Xoc entrar na jogada num calhamaço acordo, intercalando inversamente as quartas-feiras, sob o comando do tambem radialista e lider do grupo Pacíficos da Ilha, Jai Mahal. No fim das contas, as duas casas conseguiram garantir sua lotação de meio de semana, unindo publicos tao diversos como os surfiskatistas e a colonia paulista de baianos e maranhenses, que, para quem nao sabe, são dois redutos onde o reggae reina todo-poderoso. Por sinal no Maranhão existem seis programas de rádio dedicados ao estilo, sendo dois diários e um em rede AM/FM. É mole?

De volta a Sao Paulo: nas noites de reggae, o AeroAnta nao so tem uma lojinha que vende desde bones e medalhoes — obrigatórios entre os adoradores mais ferrenhos do estilo — ate discos importados, inteligente oportunismo tambem adotado pelo Dama Xoc. Até o cardapio do bar do AeroAnta sofre acrescimo de pratos e bebidas caribenhas nessas noites. Tambem inspirada nos mesmos motivos, uma agencia de viagens paulista organizou uma superexcursao à Jamaica, que levou os devotos mais abonados para assistirem ao Reggae Sunsplash Festival.

O Rio de Janeiro, que embarcou nessa onda por volta de 86, sem conseguir tirar o reggae do gueto, tem colaborado com bandas autenticas da Baixada Fluminense como o pesado KMD-5 e o Cidade Negra, primeiro da "nova" onda contratado por uma grande gravadora (CBS).

Em São Paulo, Nomad, Walking Lions, Sinsemilia e outros sabem dar verdade e vigor ao reggae. Sao eles que garantem uma maior longevidade à onda de reggae do começo dos 80, quando as gravadoras apostaram no estilo e lançaram os primeiros pacotes de reggae no Brasil. Reabram os olhos e os ouvidos. Vale a pena.

CARLOS EDUARDO MIRANDA

PORTO ALEGRE

O germe do rock n roll conseguiu contagiar irremediavelmente, o rincão gaudério. Se a midia de Porto Alegre tivesse os olhos mais abertos já teria acontecido uma verdadeira explosão de grupos do interior do Rio Grande do Sul na capital. Se os porto-alegrenses aguçarem os ouvidos, poderao ser capazes de ouvir alguns ecos da balburdia sônica que grupos como o **Zhorba** e o **Van Gogh** vem promovendo ali por perto, nas cidades vizinhas de Novo Hamburgo e Esteio, respectivamente.

O Zhorba é uma mistura afiada de guitarras treinadas no hard rock, com ritmos simples e letras ferinas, bem-dotadas de uma poetica violenta. A voz canalha do Camaleao Assassino, crooner causticamente cool e de inspiração etilica, esquece a pose e se rasga em berros de arrebentar garganta nos versos de musicas como "Assassinos Caseiros" ("Aprenda a trepar/ aprenda a fumar/ aprenda a beber/ aprenda a matar").

Já o Van Gogh está mais para a diversao e busca inspiração no heavy funk e nas lides do Red Hot Chili Peppers. Suas musicas viraram hits instantaneos na Ipanema FM, Revelando um bom dominio de palco e uma malandragem carismática, a moçada ameaça estourar a boca do minguado mercado de novidades do pop nacional.

C.E.M.

RIO DE JANEIRO

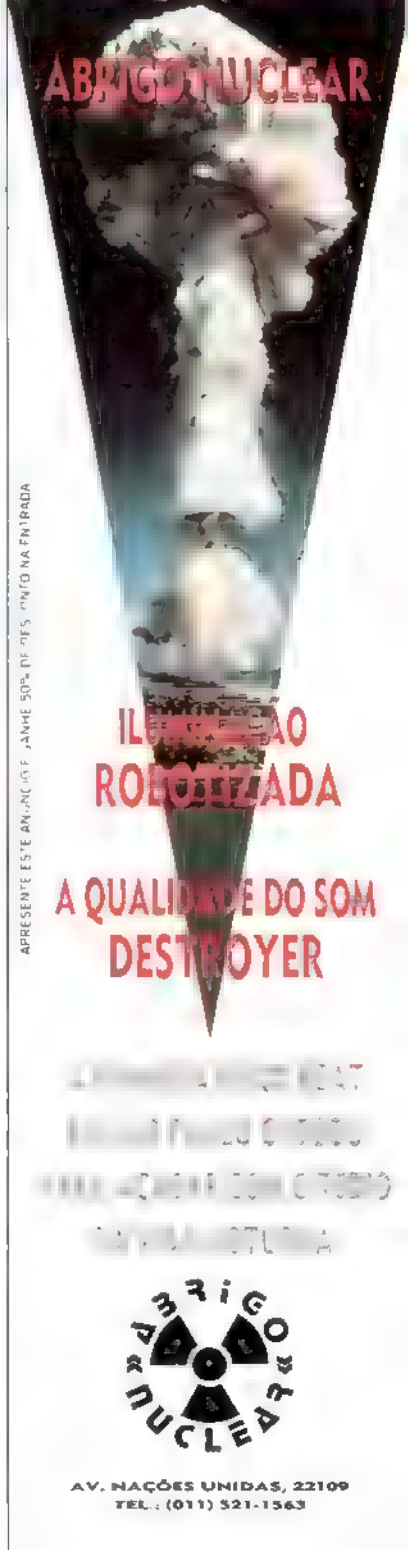
Com menos de um ano, os **Squonks** voltam aos 60 abraçados ao pop psicodelico. Mais uma banda de *regressive rock*?

Nao vemos o regressivismo como uma onda, e sim como uma estetica", sentencia Mahrie Chessens, vocalista e guitarrista. Simone do Vale (guitarra/voz), Leandro Ferreira (baixo) e Yuri Alexes (bateria) completam o grupo. O repertorio proprio (uma parte em portugues, outra em ingles) apresenta titulos como "Labios Em Seu Braço Esquerdo", "Rio—Sao Paulo", "El Monstrengo de La Laguna Niegra" e "Dust And Tears". Nao se consideram uma banda de garagem. "Estamos mais para banda de varanda", completam os Squonks. O nome foi tirado do *Livro Dos Seres Imaginarios*, de Jorge Luis Borges.

Estupefata, a platea que assistiu ao show de estreia da banda presenciou um novo renascimento do "rock diversão". Ninguém ali é virtuoso, mas todos se divertem para valer. Um telão fez participação especial, exibindo imagens de filmes B, Silvio Santos, Batman, strip-teases niponicos e Super Mouse. Simone arremata: "Gretchen é a minha idéia". O grupo promete.

CLAUDIO MENEZES

• Chegou à redação o nº 1 de **Headline**, um mix de jornal e fanzine especializado em rock e metal e todo feito por computador. O formato é tablóide, com oito páginas de artigos sobre Gary Moore, Maiden, Testament e André Christovam, entre outros. De primeira — parabens ao editor João Ricardo Lima. Quem quiser checar deve escrever para ele: Caixa Posta 3753, Rio de Janeiro, RJ, CEP 22642.



MONSTERS OF ROCK

Fotos Kristin Vital (EUA)

Ao sairmos de Londres, a chuva está pesada. Mas quando chegamos em Donington o céu está azul e o dia está quente. Este ano, nada das tradicionais brigas na lama. Os organizadores respiram aliviados, pois o festival deste ano é um teste. O último, em 88, foi um triste evento que culminou com a morte de dois espectadores durante o show dos Guns N' Roses e levou ao cancelamento do festival em 89.

Monsters of Rock 90 marca não só um dos festivais mais tranquilos de sua história — este é o décimo — como também um dos mais irrelevantes, em termos musicais. três candidatos a monstrinhos, dois dinossauros, e 72 500 pessoas cujo consumo de cerveja destruiu seu senso crítico.

Os jornalistas passam o dia correndo entre os bastidores e a frente do palco. Os bastidores é que fornecem a diversão: diversas "tendas de hospitalidade" — a da EMI é um castelinho, com dois cavaleiros medievais na porta — e algumas celebridades: membros do Wolfsbane e Almighty, Blackie Lawless do W.A.S.P. — o homem mais feio do rock — e até o Dread Zeppelin. Quando Joe Perry e Steve Tyler aparecem, são logo cercados, Steve Vai é quem causa maior sensação, andando em direção à tenda da MTV.

Voltando ao palco... As duas da tarde o Thunder inicia seu set. Para uma banda nova como eles, com o LP *Backstreet Symphony* (produzido por Andy Taylor, ex DuranDuran) recém-lançado, Donington é um passo importante, e eles o aproveitam bem. Apesar de seu metal aguado, o público parece adorar, por exemplo, o blues pouco sincero de 'Don't Wait For Me" e o refrão horroroso da "Backstreet Symphony".

Os Quireboys chegam com tudo: o cantor Spike, com sua voz à la Rod Stewart, já deve ter tomado umas antes de subir ao palco. O resto do mundo pode ter entrado nos anos 90, mas aqui ainda não saímos dos 70. Apesar de se darem muito melhor tocando em bares, os Quireboys se saem bem com "Sex Party", "7 O'clock" e, entre outras, a balada "I Don't Love You Anymore" que leva milhares de pessoas a acenarem com seus lenços de caveira nas mãos.

Nunca esperei muito do Poison, mas ainda assim eles decepcionam. Com seus cabelos colondos e bronzeado californiano, eles pulam de lá para cá, entretem o público com o hit "Unskinny Bop" e fazem as meninhas gritarem. Só um problema: eles não sabem tocar!

A grande esperança do Monsters of Rock é o Aerosmith, ressuscitado graças ao LP *Pump*. Dizem as más línguas que Mr. Coverdale, com medo da competição, exigiu que o volume permanecesse baixo para as quatro primeiras bandas. E realmente o som está péssimo. Mesmo assim, comparando o Aerosmith com as bandas anteriores... o Thunder, Quireboys e Poison que me perdoem, mas eles têm muito a aprender. Steve Tyler e Joe Perry, os Toxic Twins, sabem se mexer num palco como ninguém, e a platéia delira com "Young Lust", "Rag Doll", "Dude Looks Like A Lady", "Jane's Got A Gun", "Love In An Elevator" e tal. Para o bis, eles trazem consigo Jimmy Page. A rivalidade entre o Aerosmith e o Zeppelin esquecida, tocam "The Train Kept A'Rolling", velho hit dos Yardbirds. Para terminar rola "Walk This Way", é claro.

O Whitesnake sobe ao palco assim que o sol se põe. David Coverdale, o maior ego do planeta, fala com o público usando sua melhor imitação do sotaque "classe trabalhadora inglesa", e todo mundo esquece que vamos voltar para casa de ônibus e ele de helicóptero. O simbolismo óbvio da minhoca — óps — cobra branca de Coverdale está sempre presente: "Slide It In", "Cheap N' Nasty", "Kitten's Got Claws" (solo fantástico de Steve Vai!). Há também as baladonas, tipo "Is This Love" "Now You're Mine" etc. Somos obrigados a aguentar um solo de guitarra interminável de Adrian Vandenberg, um solo de bateria e, finalmente, chega a vez de Steve Vai, que toca "The Audience Is Listening", de seu álbum solo. O que Steve Vai está fazendo tocando com o Whitesnake é um mistério. Estou pensando no desperdício quando Coverdale pergunta: "Há alguma gatinha na platéia?" Não, quendo, mas os seguranças tem alguns cães ferozes, se você estiver interessado... E aí tudo termina com os melhores fogos de artifício que já vi.

ANAMARIA G. DE LEMOS

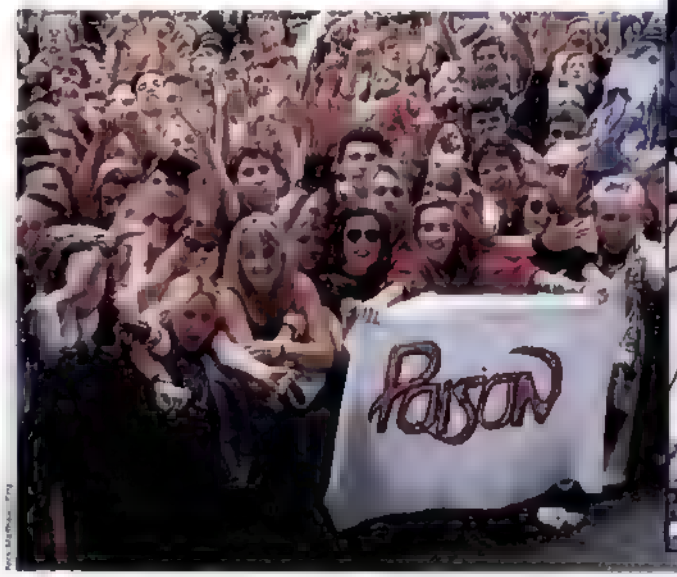


Foto Matthew Greg

Acima, Steven Tyler, do veterano Aerosmith; à esquerda o guitarrista Steve Vai, do Whitesnake; à direita Bret Michaels, do Poison; e abaixo, as fanzocas ensandecidas

LUÍS MELODIA

O projeto *Som Do Meio-Dia*, realizado às sextas-feiras no espaço ao ar livre sob o Museu de Arte de São Paulo, tem um público de perfil curioso. Aproveitando a hora do almoço, misturam-se, sem distinção, estudantes, executivos de paletinhas, office-boys, bichos-grilos, secretárias e toda uma fauna que — independente da atração apresentada — sempre comparece, mesmo que por mera curiosidade.

Desfiando canções como "Questão De Posse Mary", "Estácio, Holy Estácio", "Magrelinha" e tantas outras, o sábio Meló conseguiu manter o entusiasmo da eclética audiência por quase duas horas, num pique que nem mesmo o tempo frio e nublado da ocasião foi capaz de arrefecer. Visivelmente à vontade com a boa recepção, ele não poupou tiradas inspiradas: "Faz esta música há algum tempo, uns vinte anos mais ou menos, e creio que fui feliz — mesmo sendo infeliz — em retratar uma situação que ainda permanece atual", antes de começar a entoar "Eu fico com essa dor/e essa dor tem de morrer..." ("Dores De Amores"). Ao introduzir a canção "Abundantemente Morte", esbanjou ironia enquanto portava uma lata de cerveja, foi logo dizendo um "boa noite" (!), antes de prosseguir com "conselhos" como "não usem drogas, meus filhos, não bebam, isso faz mal à saúde... Esta é uma campanha do governo Collor".

A interação com a plateia ia crescendo à medida que o show se desenrolava, mas foi justamente em dois dos números mais relevantes — o reggae "Só" e "Pérola Negra" — que se revelou a maior deficiência do espetáculo: a banda de apoio. A extensa versão de "Só" — iniciada com um arranjo pesado, costurado por citações de "Is This Love?", de Bob Marley — teve seu impacto diluído em solos intermináveis de sax, guitarra, teclados, baixo e (ufa!) bateria. O quinteto baseava seu som num mais fútil exibicionismo, que em alguns pontos chegava a turvar as belas melodias de Luís. O mesmo ocorreu com "Pérola Negra", com o agravante das indecisões no revezamento de solos e nas intervenções de Melodia. Ficou evidente a falta de sintonia entre ele e o grupo.

Nem isso foi capaz de diminuir a sua presença luminosa, o que nos coloca diante da questão do quanto ele poderia render com uma banda mais entrosada ou gravando em condições técnicas e de divulgação um pouco melhores. Se sob todas as circunstâncias adversas Meló espantou o frio e fez lenha queimar, fica claro que ele ainda vai soltar muitas de suas feras.

CRISTINA...

MARGARETH MENEZES

"Eu sou magia" cantou o vozeirão de Margareth Menezes com sua banda, num AeroAnta agradavelmente cheio que sabia que era verdade. Num frenesi de ritmos afro-baianos, funk e energia, a baiana mostrou para uma plateia pulsante quem é a rainha da world music.

O Theo *Lumi* Werneck estava lá. O Nando *Tita* Reiss, a destruidora de corações Misty, o baterista James *Malia/Bien Bién Club* Muller também estavam — não no palco, mas na plateia — esperando uma das cantoras mais faladas no circuito internacional hoje. O LP *Elegibó* — uma compilação dos dois LPs nacionais (PolyGram) — lançado no Canadá, EUA, Japão e Europa pelo selo Mango/Island, já subiu para o terceiro lugar na lista dos gigantes de vendagem de world music segundo a revista norte-americana Billboard. Só perdeu para Johnny Clegg e Burning Spear.

O show já começou?, perguntou algum ilustre recém-chegado. Já era meia-noite e meia de uma quarta-feira e o rastaman Otavio Rodrigues controlava os toca-discos do nightclub, esquentando a plateia com Bob Marley, Carlene Davis e muitas versões dub. "Quem é essa Margareth Menezes?", perguntou um outro, não tão ilustre. Aí começou a "Alegria Da Cidade" (Lazzo) e o dínamo humano explodiu no palco numa ginga louca, sincopando os passos para todos os lados. Margareth imediatamente tinha o público nas mãos. A segunda música foi "Negro Menino" (Lazzo): um ritmo tão louco, tão novo, tão cheio de tudo que nem dá para definir. Nem é preciso. Basta ser ótimo para os pés. A seguir rolou "Co-brador" (Carlinhos Brown), um technopop muito funky com bpm acelerado e percussão de foder. De quebra, solos de guitarra, trompete e cuíca. Na sequência, a banda começou "Negra Melodia" (Wally Salomão e Jards Macalé), um reggae do último LP e passou para uma versão delirante do "Brasil" de Caetano, com toque de samba e solo de cuíca fazendo o público gritar e mostrar sua cara. O exagerado ficaria orgulhoso. Depois foram duas músicas de Caetano: "9 Out Of 10" e "Reconvexo", com um belo solo de trompete.

E agora: "Magia" (Carlos Pita), do primeiro LP, um lamba-funk alucinante — em que a gente ficou sabendo que o baterista era Jorge Brasil, o baixista e diretor musical Nestor Madrid, o guitarrista Pedrinho Rêgo, o tecladista e responsável pelos arranjos Pedro Guarabyra, os percussionistas Ramiro Mussoto e Gibba Conceição e Guiga Scott era o grande trompetista. Depois da apresentação dessa banda firme e forte, eles entraram numa feroz pulsação rítmica com a força do samba em forma de funk. A plateia perdeu o fôlego: "Por mim, eu ficaria aqui até amanhã", gritou Margareth e a banda entrou em êxtase com "Marmelada" — uma versão sem-vergonha da socca "Bas Moin Laia" (George Decimmus) da banda Kassav'. Margareth nos informou que dia 20 de setembro é dia do Zumbi — dia da Consciência Negra. Daí, "Elegibó", "Afrikana apolunda Rastafari Olodum". Dá para imaginar a plateia do AeroAnta respondendo "Faraó"? Era magia. Duas e pouco da manhã: "Boa noite, São Paulo e muito obrigada". Mas queremos mais. "Negro Menino" e "Alegria Da Cidade" vieram de bis.

Margareth e a banda têm raízes, consciência e raça. É o primitivo contemporâneo. Procure a Margareth num show perto de você. Como disse o jornalista e radialista Zuza Homem de Mello: "Margareth Menezes não é uma cantora baiana que vai longe. É a cantora que o Brasil apresenta ao mundo para os anos 90". Axé para vocês.

JOÃO MONTANHA

PRINCE

A entrada de Prince no palco é um acontecimento inesquecível. A banda toca "The Future", mas só temos olhos e ouvidos para Ele. Discussões do tipo "gênio x picareta" ficam totalmente esquecidas. Ele é pequeno, menor ainda do que eu esperava, mesmo com seus saltos altos... mas durante uma hora e meia Prince consegue ser *tudo*.

A *Nude Tour* é exatamente o que o nome dá a entender: sua majestade se despiu de todos os enfeites e acessórios da turnê *Lovesexy* — inclusive Sheila E e Cat —, e voltou com um show mais simples e concentrado. O palco é todo preto e dourado, com uma passarela. A banda é mais compacta: Rosie Gaines nos teclados e vocais, Matt Fink nos teclados, Miko Weaver na guitarra, Levi Seacer no baixo, Michael B. Land na bateria e três dançarinos.

Muitos já tentaram definir Prince e entender sua "magia". Eu prefiro me deixar enfeitiçar, e deixar as perguntas para uma tarde chuvosa. Prince tem a imagem, a música e o *timing* — tudo perfeito. "1999" não começa, ela explode no palco e nos leva junto. "Housequake" é uma verdadeira acrobacia. "Kiss" é rápida, com Prince pulando do piano para o chão e ameaçando fazer um strip-tease, antes de pegar na guitarra.

"Purple Rain" é puro drama, e, durante o longo solo de guitarra de Prince, todos acendem seus isqueiros. (Será que eles não cansam de queimar os dedos?) Com "Take Me With U" e "Alphabet Street", a festa detona de vez. Há oito mil pessoas dançando, e todas elas com um grande sorriso na cara. "The Question Of U", do novo LP *Graffiti Bridge* — a trilha sonora de mais um filme autobiográfico —, tem um clima irresistível de cabaré. Em "When Doves Cry", Prince se esfrega no chão e manda beijos para o público.

Algumas músicas fizeram falta, como "Sign 'The Times'", "Raspberry Beret" e "Little Red Corvette". Mas, em compensação, há as participações especiais de Rosie Gaines, com sua voz tipo Aretha Franklin, seu rap, e suas pseudobrigas com Prince. Há "Controversy". Há também a grandiosidade impecável de "Nothing Compares 2 U" (esqueça Sinead O'Connor, só Prince mesmo é que consegue fazer uma tragédia parecer tão atraente) e a risada doentia do Coringa em "Batdance".

Desta vez, já que não passa o show inteiro correndo atrás de Cat, Prince tem mais tempo para tocar guitarra e piano. Os três dançarinos completam a cena, sem prejudicá-la. Depois de algumas músicas, esqueço que estou numa arena... parece que estou na sala da minha casa, no meio de uma festa (só que em casa não há festas assim...).

Quando Prince volta para o bis com "Partyman", declara: "Isto agora é uma discoteca!" Nós, como bons súditos, obedecemos. Sem dúvida, a melhor festa do ano.

ANAMARIA G. DE LEMOS

TECHNOTRONIC

Parta do princípio de que o assunto em questão não é especificamente um show de um grupo musical como foi anunciado. Que o verdadeiro produto a ser consumido na noitada é um aparelho de som portátil com imagem associada a "Pump Up The Jam" (hit n.º 1 do Technotronic, a pretensa atração da noite) no comercial da TV. E que o circão de concreto do Ibirapuera está fantasiado de pista de dança hi-tec com todos os telões, video walls, lasers e luzes psico-tecnológicas que isso representa.

Leve em consideração que a rapaziada descolou de um pau a um e meio para assistir a esse grande evento de marketing, investiu mais uns cruzeiros em colares fluorescentes, colorindo luminosamente as arquibancadas, e teve tempo suficiente para calibrar com álcool e lo-lô seus cérebros diluídos pelo papo furado das FMs. O show do Technotronic propriamente dito atrasou umas três horas e ninguém pareceu dar muita atenção ao fato.

Nada de gritarias e esculhambações enfurecidas. Também, a máquina funciona sem parar. Enquanto os bacanas que foram só para ver o Technotronic faziam tempo em rodadas de cerveja a bom preço no bar, a moçadinha inocente se divertia participando de um bem bolado comercial ao vivo do tal aparelho de som e esquentando as turbinas com o show do Capital Inicial.

O Capital entrou em cena apostando no lado mais pesado do seu repertório (o que não é nada lá muito pesado) e se deu bem. A massa gostou e vibrou. O show foi se adocicando até ficar meloso e acabar, depois de uns quarenta minutos, com "Beijos E Malditos". E o povo lá, feliz e achando tudo muito bom. É festa.

Aquele tempo depois e Technotronic neles. Quase uma da manhã e ânimos lá em cima. Começa o tum-tum recheado de scratches, uma gostosona de collant preto e dois barnabés gringos atacam uma dança e está tudo pronto para o casal de rappers soltar sua verborragia. Ya Kid K parece um moleque grávido de pijama sacudindo de um lado para outro e convence. Mc Eric já é todo metido a bacana. E os dois conseguem dar ares de honestidade a tamanha armadilha publicitária.

O que se vê pela frente é um show esperto e muitíssimo divertido. Tudo parece de verdade. Esquece-se que o que toca é uma fita DAT pré-gravada, que volta e meia os rappers saem para descansar e que existe uma disputa judicial pela autenticidade da banda. Rola de tema de *Noviça Rebelde* a "Pump Up The Jam". A platéia pulando e o grupo tentando se comunicar em inglês. Ninguém entende nada, nunca, e grita: "Yeah" sempre. E assim vai. Garanto que todos saíram satisfeitos.

CARLOS EDUARDO MIRANDA

◆

Aí entra a base de "Pump Up The Jam" e aquele rap adolescente inconfundível. O público vai se rasgando pela zairense Manuela "Ya Kid K" Kamosi, baixinha, feia, com cara e trejeitos de moleque, sex appeal zero e passos de dança sem graça. Ya Kid K usa um boné e o que parece ser um pijama três números maior. Se comunica muito com a platéia, até perceber que só uma meia dúzia entende inglês e que seu carisma faz o resto.

Daqui a alguns anos, ela já declarou, vai estar fazendo música séria, pois o Technotronic é só diversão passageira. Equivocadíssima, será que não entendeu a mágica do negócio? Uma platéia inteira delirando com "Get Up", "Rockin' Over The Beat", "Move This", "Spin That Wheel" (Hi Tek 3), e outras secundárias, interpretadas por seus ídolos, gente tão jovem quanto eles e curtindo tanto quanto (fãs dos Beatles de 1963, que tiveram de se contentar com o fóssil Macca em 1990 se unhem de inveja)

Por isso 95% do público realmente não liga se houve playback ou não (e houve); se a produção do palco se limitava a um pano que cobria a bateria do Capital; se por menos dinheiro poderia ir a uma casa noturna, lançar essas e outras músicas por mais tempo com melhor qualidade sonora e com banheiros e bares decentes. Agora, aproveitar-se disso não é correto. WTR, essa molecada te sustenta, eles merecem ser bem tratados.

CAMILO G. ROCHA

DAVE CLARK FIVE

Um baterista de forte tino comercial e sua turma

Com algum empenho, é possível encontrar no mercado fonográfico internacional gravações de todos os artistas de sucesso das décadas passadas — todos menos The Dave Clark Five. O motivo é que Dave Clark, ex-líder da banda, adquiriu não só os direitos sobre as obras gravadas como os próprios fonogramas, e mantém tudo a sete chaves. Nem mesmo o *boom* dos CDs o tentou a recolocar a obra, ou parte dela, em catálogo. Dave Clark é hoje um multimilionário homem de negócios, dono da DC Productions, um vasto complexo de empresas ligadas ao *showbiz*. O embrião desse império foi sua idéia de criar um grupo musical, em 1962, a partir de um time de futebol semiprofissional que empresariava em Tottenham, subúrbio ao norte de Londres, onde ele nasceu e cresceu. Dave era também ator de cinema e *stuntman*, nada sabia de música, mas se impôs como empresário e baterista do grupo ao qual chamou, apropriadamente, The Dave Clark Five. Autofinanciou as primeiras gravações, produziu-as e editou-as em três compactos de selos pequenos. O contrato com a Columbia veio em seguida abrindo caminho para que o DC5 se transformasse num dos maiores sucessos dos anos 60.

Fora do padrão guitarra/baixo/bateria, o DC5 foi o único grupo (de sucesso) da música beat a manter no *line-up* um tecladista e um saxofonista. A bateria de Dave à frente em destaque, socada insanamente; todo o resto ficava atrás, arranjado e coordenado por Mike Smith, tecladista e cantor extraordinário, com experiência profissional, o único músico verdadeiro da banda. O sucesso fulminante do DC5 durou quatro anos (63 a 67), mas até 1970 vez por outra reapareciam.

Foi a única banda beat a capturar por inteiro o real sentido do rock'n'roll dos anos 50, pela sua espontaneidade, dinamismo e alegria. É rock'n'roll, meninos, é "Glad All Over", "Bits And Pieces", "Catch Us If You Can", "Any Way You Want It", "19 Days", "Try Too Hard", "She's All Mine" e tantas outras arrepiantes canções do DC5. Ainda em defesa de sua música, pode-se acrescentar que foi o único grupo de sua época, da música beat, a dar destaque à música instrumental. O baixista Rick Huxley era fortemente influenciado por Ventures e Duane Eddy, o que refletiu positivamente na música do DC5, principalmente nas músicas instrumentais. Bastaria uma das suas declarações (de Dave) para ilustrar e definir suas ambições como artista: "O progresso na música pode torná-la de difícil compreensão, e nós estamos aqui para vender discos". O que importa é que amávamos o DC5. As meninas enlouqueciam com aqueles cinco bonitões simpáticos, as mamães aprovavam seus bons modos e impecável elegância, e nós, os garotos, sonhávamos *ser* Dave Clark, tocar bateria daquele jeito, ter seu porte atlético e dentes perolados. A psicodelia, o rock progressivo, o processo evolutivo da música pop, derrotaram o DC5. Tentaram se adaptar, mudaram um pouco o visual, barbas cresceram, mas não foram além disso. Jogaram a toalha na hora certa. Nos anos 70, após a separação da banda, Dave Clark expandiu os negócios, produziu e empresariou o bom cantor pop John Christie e tornou-se um magnata. Em janeiro de 78, editou o LP *25 Thumping Great Hits*, compilação que viria a ser o último disco editado com músicas do DC5. Mike Smith associou-se a Michael D'Abo, que a gente conhecia como *crooner* do Manfred Mann, e gravaram dois LPs. Smith, hoje, produz *jingles* no seu próprio estúdio em Londres. Continua compondo. Os outros três membros (Lenny Davidson, Denis Payton, Rick Huxley) abandonaram as atividades musicais. Mais recentemente, Dave escreveu e produziu o supermusical *Time* e editou vídeos com o lendário show de TV dos anos 60 *Ready, Steady, Go*.

RENE FERRI

DISCOGRAFIA SELECIONADA

Session With The Dave Clark Five (Columbia, 64)
The Best Of The Dave Clark Five (Starline/EMI, 70)
25 Thumping Great Hits (Polydor, 78)
(todos os três são ingleses)

The Best Of ... é o único LP do grupo em estéreo autêntico.

No Brasil, além de alguns compactos simples e duplos, foram editados os LPs *Session With DC5* (diferente do original), *Catch Us If You Can* e *Everybody Knows*, idênticos aos originais ingleses, além de músicas espalhadas em compilações diversas.

Na "invasão inglesa" dos anos 60, o pop descompromissado do Dave Clark Five vendeu um total de doze milhões de discos e foi uma das poucas ameaças à supremacia do quarteto de Liverpool

BRICK BY BRICK
IGGY POP
(VIRGIN/EMI-ODEON)

Que prazer ouvir um disco de bom, velho e tradicional rock'n'roll, neste ano em que quase tudo de interessante parece vir do campo da musica para dançar. Desde *Full Moon Fever*, gema esculpida por Tom Petty no ano passado, que não saía um disco destes.

Só que *Brick By Brick* é melhor ainda, porque pega a realidade de parada. É a resumo da ópera, segundo a visão de um dos três caras mais influentes no rock pos-70: James Osterberg, o velho iguana, o *berserker* de Detroit, o metaleiro máximo, o padrinho do punk, Iggy Pop. O homem que ensinou a Lou Reed e David Bowie qual é a essência de um verdadeiro animal da rock'n'roll chega aos 90 com a mesma raiva de sempre, e muito bem acompanhado.

No produção está o ohmo Don Was, metade do alucinado combo de *mutant disco* Was (Not) Was e responsavel pelos ú ltimos discos dos B-52's, Bonnie Raitt e Bob Dylan. Was recrutou um time de magos de estudio que inclui o batera de John Cougar Mellencamp, Kenny Aronoff; o gu tarrista Waddy Watchel (que tocou com Keith Richards no disco *Talk Is Cheap*), e o mestre das cordas David Lindley, braço direito de Jackson Browne, que toca neste disco de violinos a bandolim e de guitarra slide a bouzouki, uma especie de viola grega.

O ultimo LP de Iggy, *Instinct*, foi produzido pelo troglodita funk-banger Bill Laswell e dava para sentir pelo resultado que Iggy e Bill no mesmo estúdio era psicose demais para um lugar so. Ja com um neocaliforniano descolado e cabeça fria tipo Don Was como co-piloto, Iggy se sentiu suficientemente seguro para chutar o pau da barraca. Fez um disco que é a sua cara e que merece o slogan com o qual foi lançado — "safe rock'n'roll sucks" (rock sem risco é uma escrotidão). A alma do rock — e nisso a dance music perde de longe — é so ter no escuro. E o que Iggy sempre fez em sua vida e continua fazendo com sua musica. O tema aqui é a América 90, e como um cara que sempre levou a vida no limite se vira para viver na patria da liberdade, da cultura hot dog e do neomacartismo. Iggy não perdoa, manda bala como um velho cowboy angustiado num filme de Sam Peckinpah (Warren Oates, digamos): "Trampo tanto, cara, não me atrapalhe! estou pagando minhas dívidas direto! só espero não acabar morando na rua", diz Iggy em "Home". "Este país inteiro tem medo do fracasso... estamos em minoria, mas vamos lutar assim mesmo... vi um gatinho esmagado na cozinha... não vou me vender... tenho meus olhos ligados nas ruas do centro", reza "Main Street Eyes". "Sou feliz de ser pirado... desprezo as modas... se voce quer mexer na merda, se prepare para pagar em sangue" ("I Won't Crap Out").

E pouco? Quer mais? Pois tem muito mais: uma capa do padroço Charles Burns, criador de El Borbah e um dos quadrinistas mais bizarros da geração 80 do HQ americano. A participação de Slash e Duff McKagan, do Guns N' Roses, em quatro músicas. Um dueto emocionante com Kate Pierson, das B-52's (era para ser Chrissie Hynde) em "Candy" ("it's a raining afternoon in 1990..."). Tem David Lindley em sua melhor forma em "Starry Night" ("Quai pois é o mais poderoso? Quem toca guitarra melhor? Quem se importa com toda essa merda quando se está debaixo das estrelas?"). Tem tambem "Brick By Brick", manifesto existencial pungente que mereceu ser a *Letra Traduzida* desta edição — confira. E tem, para fechar, a melhor música do disco — uma especie de hino feminista à maneira de Iggy e a canção mais *fucking* pesada a estragar alto-falantes desde "Perfect Strangers", do Deep Purple: "Pussy Power", que tem Slash colocando dezesseis toneladas de chumbo em cima de um riffzinho de tres acordes e Iggy cantando o poder de sua droga predileta encontrável entre as pernas da metade feminina da humanidade. Pode crer! Iggy Pop *uber alles!*

ANDRE FORASTIERI

THE RISE AND FALL OF ZIGGY STARDUST AND THE SPIDERS FROM MARS / ALADDIN SANE — David Bowie (Rykodisc/EMI-Odeon)

Em 72, David Bowie era, para o grande público, pouco mais do que um rapazinho que fizera sucesso cantando uma música sobre um tal de "Major Tom". Durante oito anos, ele havia tentado — em vão — se tornar um pop star. Até que, um dia, teve uma iluminação: o que aconteceria se ele inventasse um pop star totalmente artificial e lhe emprestasse seu talento?

Nascia Ziggy Stardust, o extraterreno de cabelos vermelhos que chega à Terra cinco anos antes de sua destruição, ascende ao trono de rock star e acaba destruído por aqueles que o idolatravam. Ziggy/Bowie realizou sua missão: vendeu discos, lotou shows, inspirou réplicas imperfeitas nos palcos e na plateia. Era o bastante: em 73, o próprio Bowie encarregava-se de assassiná-lo, despedindo-se — como Ziggy — dos palcos para sempre.

Restou o LP, registro eterno da sua trágica história. Dezoito anos depois, ouvi-lo é uma experiência assombrosa. *The Rise...* continua fresquinho: grandes melodias, letras inspiradíssimas, uma banda fantástica — as "aranhas de Marte", lideradas pelo guitarrista Mick Ronson — e um Bowie arrebatador. "Five Years" e "Rock'N'Roll Suicide" são dois monumentos da música pop. E o resto não fica atrás. Sem falar, é claro, nas faixas extras da reedição da Rykodisc — entre elas, uma interpretação comovente de "Lady Stardust" ao piano.

Aladdin Sane foi composto no tempo livre entre os shows americanos da turnê Ziggy Stardust. Não possui a unidade do anterior, não se prende a estilos, recorre a covers e músicas antigas, já lançadas em compacto. E é um disco brilhante! Dos delírios jazzísticos da faixa-título e de "Lady Grinning Soul" ao rock visceral de "Panic in Detroit", Bowie esbanja versatilidade em composições que muitos dariam céus e terra para ter em seu catálogo.

Apenas esses dois LPs bastariam para inscrever o nome de Bowie para sempre na história do rock'n'roll. Mesmo que ele não tivesse feito mais "nada" — leia-se *Station To Station*, *Young Americans*, e toda a trilogia com Brian Eno, entre outras coisinhas — nos dezessete anos que se seguiram... *Marisa Adan Gil*

SMOKING IN THE FIELDS — The Del Fuegos (RCA/BMG-Ariola)

Este quarteto bostoniano, que tem à frente o vocalista/guitarrista Dan Zanes, sempre fez do r&b mais simples e direto sua profissão de fé, chegando ao seu quarto álbum com uma energia rara de se encontrar na cena pop atual. Para tanto, valeu-se não só da própria adrenalina que permeia as doze canções do LP, mas também de sutis intervenções de cordas e metais contrapondo-se ao som básico do grupo. E, para dar um toque final, os Del Fuegos buscaram um *little help* de dois veteranos da cena local, o tecladista Seth Justman e o gaitista Magic Dick (ambos ex-J.Geils Band), além dos vocais de Rick Danko (ex-The Band) em "Stand By You". Uma brasa, mora! *C.P.*

EPPUR SE MUOVE: CONTRASTE & MOVIMENTO — Skowa E Máfia (EMI-Odeon)

Sem as cobranças geradas em torno da edição de *La Famiglia* e, claro, com maior conhecimento da labuta de estúdio, Skowa E Máfia vêm retificar seu trajeto em vinil com um registro afiado como poucos. Colocando o instinto ao lado de uma massa de ritmos e arranjos incestuosos, o grupo transborda seu peculiar suingue ao longo de doze faixas inéditas, balizadas em ambos os lados do LP por vinhetas de "África Brasil" (Jorge Ben). Com um padrão sonoro classe A (ouça, por exemplo, o baixo predador de Kiko Vassiman em "Gosto Demais") e melodias sinuosas, este já desponta como um dos mais redondos LPs nacionais de 90. *A.G.C.D.*

THIS SHOULD MOVE YA — Mantronix (Capitol/EMI-Odeon)

Parece haver uma regra não dita segundo a qual rappers são incapazes de fazer mais de três discos que prestem (abre o olho, Public Enemy). É o caso do Mantronix, que voltou com este *This Should Move Ya*, um disco bem fraquinho e superdatado. Que é que há, Kurt, não anda ouvindo rádio? Salvam-se "Got To Have Your Love", "Take Your Time" (com a boa voz de Wondress) e a cover de "Sex'N'Drugs And Rock'N'Roll", o antigo clássico de Ian Dury. *A.F.*

ALL HAIL THE QUEEN — Queen Latifah (Tommy Boy/Stiletto)

Esta é a turma da rapper Queen Latifah, de dezenove anos: De La Soul, Prince Paul (Stetsasonic), Monie Love, Jungle Brothers e A Tribe Called Quest, os principais nomes do novo hip hop, fase pós-corrente. Os três primeiros, inclusive, têm participações neste LP, onde o conceito é pura diversão para quem se cansou do mau humor e da política primária do Public Enemy. Latifah é líquido no verbo e é, sem dúvida, a melhor rapper do momento. Apesar de algumas faixas chatinhas, o que predomina é a força de músicas como "Come Into My House", "Mama Gave Birth To The Soul Children" e "Ladies First". *C.G.R.*

THE BEST OF UB 40 (GREATEST HITS VOL. ONE) — UB 40 (Virgin/EMI-Odeon)

Que me perdoem os fãs do reggae branquelo praticado por este octeto de Birmingham, mas o certo é que esta coletânea já está de bom tamanho para representar a carreira do UB 40, sendo desnecessário o surgimento de outros volumes como seu subtítulo pressupõe. *Greatest hits* próprios e as covers mais manjadas formam um conjunto cujo maior atrativo para os interessados deve ser a faixa "Maybe Tomorrow", a única que não consta dos LPs do grupo. *C.P.*

HELL TO PAY — The Jeff Healey Band (Arista/BMG-Ariola)

Sendo um dos poucos *power trios* da atualidade a rastrear o finado Experience de Jimi Hendrix, a banda de Jeff Healey ainda devia uma gravação à altura de suas performances ao vivo. *Hell To Pay* sana o problema em parte: se é verdade que o produtor Ed Stasium embainhou os lancinantes riffs de Healey com uma sonoridade áspera e definitivamente rock, o desempenho dos *sidmen* Joe Rockman e Tom Stephen — que para azar do guitarrista não são Noel Redding e Mitch Mitchell — é apenas regulamentar. Resultado: um LP com mais acertos, mas ainda longe de fazer jus ao poder de fogo dos canadenses. *A.G.C.D.*

STILL GOT THE BLUES — Gary Moore (Virgin/EMI-Odeon)

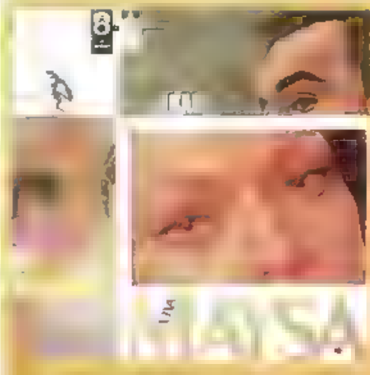
Dos poucos trabalhos de Gary lançados por aqui, este é certamente o melhor. E danou-se quem imaginou um disco heavy, pois o guitarrista irlandês lavou sua alma no blues e r&b, surpreendendo alguns *bangers* desavisados. Para tanto, teve como convidado especial o mestre Albert King ("conversando" com ele nos solos de "Oh Pretty Woman" e "Too Tired"), além do lendário Nicky Hopkins no piano. E quando a guitarra de Gary geme em "As The Tears Go Passing By" e "Midnight Blues"... ai, ai! *L.R.*

LIBERTY — Duran Duran (Parlophone/EMI-Odeon)

É uma pena, mas o Duran — o grupo que colocou o pop de volta a seu lugar de direito, as fantasias de menininhas pré-púberes — pisou redondamente na bola. *Liberty* é chatésimo, gelado, insosso. Os caras estão tentando ser o Roxy Music dos 90: os arranjos são intrincados e Simon Le Bon arrisca um Bryan Ferry. Os resultados são piores *à la* Arcadia. Se salvam do naufrágio a versão remix de "Violence Of Summer" (que não faz parte do LP) e "Liberty", bem digerível. Nem a transformação do grupo em quinteto ajudou (veja matéria nesta edição). É doloroso ver o Duran fazendo essas porcarias monótonas apresentadas em *Liberty*, eles eram tão legais. *A.F.*

MY NUMBER ONE — Gregory Isaacs / ON THE RIGHT TRACK — Albert Griffiths And The Gladiators / GOOD THING GOING — Sugar Minott (Heartbeat/Eldorado)

Nesta fornada de três LPs abordando o reggae, o destaque disparado vai para o de Gregory Isaacs. Também conhecido pela alcunha de "Cool Ruler", este vocalista e compositor jamaicano vem desde 74 construindo uma sólida discografia espalhada por vários selos e sob os auspícios de diferentes produtores — entre eles Lee "Scratch" Perry, Sly & Robbie e Augustus Clarke. Mas, em todos estes trabalhos, sempre manteve sua maior característica: a voz carismática e envolvente, com sensíveis ecos de mestres do soul como Sam Cooke, Marvin Gaye e Al Green. Esta coletânea reúne parte de sua longa colaboração com o produtor Alvin Ranglin, incluindo versões alternativas, *extended mixes* de quatro canções com a participação de DJs e material variado de sua produção nos anos 70. Uma ótima seleção, onde brilham faixas como "Philistines", "Border" (com o *toast* do DJ U-Brown) e "Lonely Days (Version II)". Que apareçam por aqui mais discos de Isaacs. Quanto aos álbuns de Albert Griffiths e Sugar Minott, ambos se irmanam na mesma fusão medíocre de reggae e pop, como atestam suas respectivas versões para "It's Now Or Never" e "Walk On By". *C.P.*



VIVA MAYSA — Maysa (RGE) / CHEGA DE SAUDADE/O AMOR, O SORRISO E A FLOR/JOÃO GILBERTO — João Gilberto (EMI-Odeon)

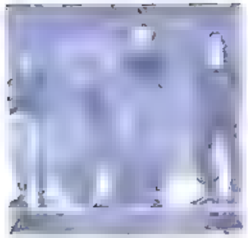
Congratulações às gravadoras RGE e EMI-Odeon por promoverem tão significativos resgates de duas das maiores expressões da MPB. Um gesto oportuno em vista do marasmo que tem assolado a grande maioria das produções do gênero. É hora de voltar aos pontos mais vitais de suas raízes.

Uma destas vertentes essenciais é o que delineia a trajetória sinuosa da cantora Maysa. De família tradicional e casada com um milionário paulista, ela tinha vinte anos quando foi convidada a gravar seu primeiro LP, em 56. O sucesso alcançado a incentivou a prosseguir na carreira artística, apesar das objeções de seu círculo familiar. Não tardou a trocá-lo pela música e a vida boêmia, onde ficou famosa por seu temperamento intempestivo e um repertório baseado em canções de "fossa". Porém, tinha como maiores trunfos sua presença carismática e uma voz grave, sensual e aveludada, temperada pela bebida e as paixões.

Esta caixa de cinco LPs oferece uma ótima visão das diversas facetas musicais de Maysa. No primeiro disco estão doze das apenas 26 canções que compôs em toda sua carreira: achados como "Adeus" (que fez aos doze anos de idade), "Ouça" e "Meu Mundo Caiu". Dois outros LPs focalizam sua aproximação com a bossa-nova, que a projetou internacionalmente: um somente com canções de Tom Jobim e outro reunindo diversos compositores do estilo. O quarto disco traz o lado mais popular da cantora, que também incursionava sem preconceitos por gêneros "bregas" como o bolero e o samba-canção, extraindo deles interpretações notáveis. Para o último LP ficaram reservadas as canções em outros idiomas, num amplo leque que vai desde Cole Porter até folclore turco ("Uska Dara"). Em suma, discos que nos levam a imaginar o quanto mais Maysa poderia ter produzido se um acidente fatal na ponte Rio-Niterói há quase quatorze anos não tivesse calado sua voz felina.

Quanto a João Gilberto Do Prado Pereira De Oliveira, maiores explicações são desnecessárias: foram relançados seus três primeiros LPs (de 59, 60 e 61, respectivamente), algo como a santíssima trindade da bossa-nova. Simplesmente indispensáveis. *Celso Pucci*

CASSETE COMPACT DISC



A TERCEIRA ONDA — Uns E Outros (CBS)

Me perdoe/eu não queria ser assim/me perdoe/bem que eu queria ser seu protegido/talvez eu seja o melhor do ano/se eu for seu melhor amigo." Esses são os Uns E Outros, mais a "pena implacável de Bruno Gouveia (Biquíni Cavadão) projetando na crítica — num pueril mecanismo de defesa — a culpa pelas falhas e limitações que se recusam a ver em seu trabalho. Todavia, tal negação hostil não consegue ocultar a fragilidade de suas canções, parasitando não apenas o Legião, mas também os Picassos Falsos ("Eu, Rio") e até — quem sabe, em busca de uma legitimação intelectual — a obra do finado Nelson Rodrigues ("Ausência"). Realmente patético. *A.G.C.D*

NATURAL HISTORY (THE VERY BEST OF TALK TALK) — Talk Talk (Parlophone/EMI-Odeon)

Desde suas primeiras gravações nos idos de 82, este grupo inglês centrado na figura do vocalista/tecladista Mark Hollis seguiu uma particularíssima trajetória. De clone mal disfarçado do Duran Duran, o Talk Talk viu sua musicalidade gradualmente evoluir para um pop bem mais sofisticado, repleto de ambiências e delicadas linhas instrumentais, num processo no qual a associação de Hollis com o produtor Tim Friese-Greene teve papel fundamental. Esta coletânea reúne faixas dos quatro álbuns do grupo, servindo como um belo compêndio para acompanhar esta transformação — para melhor — do som do Talk Talk. *C.P.*

GEORGE THOROGOOD AND THE DESTROYERS (Rounder/Eldorado)

Quem já ouviu "Who Do You Love" de Bo Diddley na versão George Thorogood And The Destroyers ou mesmo a esporrante "Bad To The Bone" na abertura de *Christine O Carro Assassino*, faz uma idéia da garra deste mestre do *feelgood* e da guitarra *slide*. Este álbum é velharia — o primeiro de George, de 77 — e traz versões incendiárias para clássicos de John Lee Hooker ("One Bourbon, One Scotch, One Beer"), Elmore James ("Can't Stop Lovin'") e Robert Johnson ("Kind Hearted Woman"). Um disco perfeito para acordar na maior adrenalina e arrumar um pau com o vizinho. Valeu Eldorado! *A.F.*

NOITES CARIOCAS (AO VIVO NO MUNICIPAL) — Vários (Kuarup)

As noites cariocas ficaram mais alegres quando esses cariocas começaram a chorar. Foram duas delas (em 87 e 88, respectivamente) em que se reuniram no palco do Teatro Municipal um time de feras como Altamiro Carrilho, Paulinho da Viola, Chiquinho Do Acordeon, Paulo Moura e outros para executar choros próprios e de mestres como Pixinguinha, Jacob Do Bandolim e Radamés Gnattali. O registro ao vivo presente neste LP é uma verdadeira aula de MPB. *C.F.*

THE CHIMES (CBS)

Os ingleses sempre foram fascinados pela música pop negra dos EUA. Tanto que, a partir dos anos 60, sua própria produção se baseou maciçamente em tendências desse mesmo pop americano, do blues ao hip hop, da Motown à house. O caso é que os Beatles, Stones, Bowie, Ian Dury, ABC, Simply Red etc. são brancos — sem entrar na discussão da cor da alma — e a Inglaterra quase nunca conseguiu produzir grupos negros *mesmo*, que angariassem prestígio e popularidade entre os americanos. Mas o que os Chimes têm a ver com tudo isso?

Bem, o grupo é um produto típico de uma nova fase do pop britânico, onde surge uma leva de grupos de música negra tão bons ou melhores que os americanos. Em meio a nomes como Soul II Soul, Neneh Cherry, D Mob, Derek B, Wee Papa Girl Rappers e Blacksmith, os escoceses dos Chimes (em inglês, sons harmoniosos) fazem música negra americana. E fazem bem.

O que deu maior fama ao grupo foi a releitura que fizeram do que originalmente era um monolito sonoro do U2: "I Still Haven't Found What I'm Looking For", transformando o arrastado em dançante. Ótimo, pois é o que se espera de um grupo de soul: que saiba jogar emoção numa música. E, para tanto, os Chimes contam com uma ótima vocalista, Pauline Henry, e o balanço necessário. Some-se a isso uma produção eficiente e segura — dos próprios Chimes, exceto nas faixas "1-2-3" e "True Love", produzidas por Jazzie B. (Soul II Soul) — e as influências certas (o som de Philadelphia, o funk de Los Angeles, James Brown, Chaka Khan etc.), para ter aparentemente garantido o sucesso deste primeiro álbum do grupo.

Mas tudo isso só dá certo se tivermos boas composições para amarrar bem as partes. Em metade deste LP, os Chimes mostram seu brilho e competência ao misturar equilibradamente saudosismo soul, ganchos pop e a contemporaneidade da dance music: as já referidas "I Still..." e "True Love", juntamente com "Love So Tender" e "Stronger Together", são bons exemplos disso. A outra metade precisa desesperadamente de sal, falta *élan*... Apesar de todas as boas intenções dos Chimes, esta outra parte parece com aquelas pessoas muito bonitas, gostosas e bem vestidas, mas que não conseguem excitar absolutamente ninguém.

Camilo G. Rocha

O TERÇO (Eldorado)

Primeiro foi Lulu Santos e "Lá Vem O Sol". Em seu vácuo vieram os inimigos Do Rei ("Adelaide"), Nenhum De Nós ("O Astronauta De Mármore"), Kiko Zambianchi ("Hey Jude"), Hanoi-Hanoi ("Fix Snows") e agora aparece, egresso de uma clínica cnoterápica, o guitarrista Sergio Hinds e o redivivo O Terço. Seu feito? Prosseguir a transfiguração imposta a gemas pop, desta vez vitimando "Hey Joe" (W. Roberts). Eis um trecho da crefnice: "Hey Joe/eu estou a mil/encontrei uma menina no ônibus/ela vinha pisando macio e me disse psiu". De quebra, trucidam "Metamorfose Ambulante" (Raul Seixas), nos impingem mais nove bobagens afins e a pior capa do ano. Lamentável. *A.G.C.D.*

JUST SAY OZZY — Ozzy Osbourne (Epic/CBS)

Após crise alcoólica, quando declarou que não ia mais se apresentar em concertos, Ozzy decidiu lançar um disco gravado *ao vivo*. Com quatro temas de sua carreira solo e dois dos tempos no Black Sabbath, este mini-LP valoriza o pique de sua banda, com destaque para os ágeis solos do guitarrista Zakk Wilde e o baixo "colucador" de seu excompanheiro no Black Sabbath, Geezer Butler. *L.R.*

LEADBELLY SINGS FOLK SONGS — Leadbelly With Woody Guthrie, Cisco Houston & Sonny Terry (Folkways/Eldorado)/**BLUES ANYTIME: AN ANTHOLOGY OF BRITISH BLUES VOL. 3 & 4 — Vários** (Immediate/Eldorado)/**MODERN NEW ORLEANS MASTERS — Vários**/**LIVE AND LET LIVE — Bobby King & Terry Evans** (Rounder/Eldorado)

Quatro álbuns que dão direito a um passeio sonoro por significativas vertentes do blues, jazz, r&b e soul — com sua conseqüente assimilação por músicos brancos — em épocas e lugares diferentes. Um conjunto altamente recomendável, salvo pequenos deslizes, a todo discófilo inveterado.

A primeira trilha segue pela Louisiana e o Texas dos anos 30/40, passando pelas estradas, botecos e prisões no caminho de Huddie Ledbetter, o "rei do violão de doze cordas". Sua música foi pioneira ao reunir o feeling do blues rural ao folk branco, levando-o a tocar com alguns dos expoentes do gênero — como os três que participam deste disco. Lançado originalmente em 68, o LP compila quinze canções de Leadbelly que, se não estão inseridas no melhor de sua produção, ainda assim revelam seu valor fundamental.

Ainda pelas veredas do blues, a parada seguinte é em Londres, meados dos *sixties* — no *boom* do blues inglês. A antologia dupla *Blues Anytime* seduz pela curiosidade ao focalizar o período com faixas dos All-Stars do selo Immediate (Clapton, Beck, Page, Nicky Hopkins), *early recordings* de Rod Stewart e o obscuro grupo Santa Barbara Machine Head, entre outros. Mas deixa a fissura de ouvir os dois primeiros volumes da coletânea que não foram lançados.

De volta aos EUA, é hora de aterrissar na fervilhante cena musical de New Orleans. A compilação que reúne seus "mestres modernos" mescla jazz, blues e r&b, com destaques para Irma Thomas ("Old Records"), o quinteto The New Orleans Saxophone Ensemble ("Gemini Rising") e duas faixas inéditas em vinil: a porrada ao vivo da Dirty Dozen Brass Band ("Come On Home") e o arranjo do pianista James Booker para um gospel tradicional ("Amen"). A estação final é no soul e r&b de Los Angeles, com o duo Bobby King & Terry Evans: ótimos arranjos vocais em nove músicas com guitarras e produção do veterano Ry Cooder indicam prontamente este *Live And Let Live!* como um grande disco. *Celso Pucci*

CAIPIRA: RAÍZES E FRUTOS — Vários (Eldorado)

Aqui não temos o folclore glamourizado para freqüentar as paradas sertanejas. Neste álbum duplo que inclui na capa interna um texto de Antonio Candido e alguns "causos" narrados por Nho Roque, o Eldorado promove um belo resgate da mais autêntica música caipira. O primeiro disco (*Raízes*) tem uma seleção que evita os lugares-comuns do gênero, centrado em gravações originais da dupla Mineiro e Manduzinho, apenas com vozes e violões. O disco que enfoca as influências caipiras na música urbana (*Frutos*) já não entusiasma, sobressaindo-se Adauto Santos e Solange Maria e participações de Geraldo Filme e Paulinho Nogueira. *C.P.*

PÃO — Guilherme Arantes (CBS)

Para quem já lançou hits respeitáveis como "Amanhã" ou "Meu Mundo E Nada Mais", soltar um disco como esse é indesculpável. Fora "Guarde O Coração" e "Bom Presságio" — dois popzinhos apenas passáveis —, o que temos aqui não dá nem para satisfazer os que um dia vibraram com chatices inqualificáveis como "Planeta Água". Pior ainda é a produção do disco, estacionada em algum ponto dos anos 70. Guarde seu dinheiro e vá até a padaria mais próxima. *M.A.G.*

BORN TO SING — En Vogue (Atlantic/WEA)/**ROK'N'RAZ FEATURING LEILA K / DJ IRAI CAMPOS & O SOM DAS PISTAS 2 — Vários / GET BUSY — Mr. Lee** (RCA/BMG-Ariola)/**THE TRAGIC ERROR REMIXES — Vários** (Stiletto)

As quatro chiquérrimas garotas do En Vogue vêm neste *Born To Sing*, com uma deliciosa coleção de baladas, r&b e soul/pop composta por elas e pelos produtores Foster/McElroy, que podem vir a ser *a* dupla da música negra *mainstream* dos EUA. Já os hits do grupo sueco composto por Rob, Raz (DJs) e Leila K (rapper) — "Got to Get" e "Rok The Nation" — eram tão bons nas versões 12", que é realmente frustrante ouvir como eles perderam o gás em LP. A coletânea de Irai Campos é desigual: tem genialidades como o *soul mix* de "I Don't Know Anybody Else", do Blackbox, as versões remix de "This Is The Right Time" (Lisa Stansfield) e "The Power" (Snap) e porqueiras como Big Fun, Pop Will Eat Yourself e Jive Bunny. Ovos e tomates também para a hip house cabotina de Mr. Lee. *Get Busy* é um LP fenomenalmente ruim, com um descontinho para a faixa-título. Finalmente, revolvendo o lodo *new beat* dos remixes do Tragic Error e mais seis grupos afins criados pelo produtor belga Patrick De Meyer, consegue-se drogar a excelente "Jump On The Dancefloor", do Black Kiss. E é só. *C.G.R.*

Direto ao assunto: o álbum mais indicado do *R&R* deste mês é **ALEXANDRIA** (Play It Again Sam/Stiletto), de **Adrian Borland And The Citizens**, já comentado na *Zona Franca* (BIZZ 55). *Pop soft* com tinturas folk nas inspiradas canções do ex-líder do finado The Sound. Quanto ao resto, bem... Para quem ainda não conhece, há o relançamento do primeiro LP de **Sinéad O'Connor — THE LION AND THE COBRA** (Ensign/EMI-Odeon) — na esteira do sucesso de "Nothing Compares 2 U", enquanto a sonoridade sub-Roxy Music do quinteto australiano **Icehouse** comparece na coletânea **GREAT SOUTHERN LAND** (Chrysalis/EMI-Odeon). Nada muito animador. O Grammy sempre teve seus mistérios: como o insosso **Michael Bolton** pôde ser eleito como melhor vocalista pop de 89? Tente descobrir nas onze faixas ultraconvencionais de **SOUL PROVIDER** (CBS). Ou melhor, esqueça. Já as três garotas do **Wilson Phillips** saem-se bem melhor em seu álbum de estréia homônimo (SBK/EMI-Odeon), onde apresentam boas harmonias vocais, mas atestam que têm de comer muito arroz com feijão para fazer pareo aos papas Brian Wilson e John Phillips. Menos familiar, um outro grupo vocal é "ressuscitado" nos embalos da dance music: o quinteto **Village People** com a coletânea **GREATEST HITS - REMIX** (Epic/CBS), que tenta "atualizar" a *gay disco* feita pelo grupo no fim dos anos 70. Vão emplacar? Mas nem mortos.

De Nova York para a caatinga: o cantador pernambucano **Alceu Valença** pisou na bola com o LP **ANDAR ANDAR** (EMI-Odeon). Entre composições decepcionantes, salvam-se possíveis exceções como "O Ovo E A Galinha" e "Quiabo Sedutor". Mas vergonha maior passa o "cearense afro-americano" **Belchior** em seu novo disco — **TRILHAS SONORAS** (Continental) — baseado em regravações mambembes de seus hits mais conhecidos. Oswaldo Montenegro não faria pior. Gravado nos EUA e visando o mercado internacional, o LP **MUSIC INSIDE** (Verve/PolyGram) traz a cantora/violonista **Jayce** entoando leminhos bossa em inglês e português. E para não dizerem que não falou das flores, eis sapeca uma recriação na língua pátria de "Talkin' Bout A Revolution" (Tracy Chapman) de machucar os ouvidos. Mas o aversão ainda vai mais longe ao nos depararmos com o cândido **Angélica** saltando a tranga em uma inominável versão de "Light My Fire", dos Doors (!), apenas uma das "pérolas" de seu mais recente LP (CBS). Correndo na mesma raia, a

inglesinha **Sonia Evans** surge com **EVERYBODY KNOWS SONIA** (Chrysalis/EMI-Odeon), outro dos pastiches pop indistinguíveis produzidos pelo trio SAW. Onde estão as diferenças entre o álbum do canadense **Allanah Myles** (Atlantic/WEA) e o da americana **Mariah Carey** (CBS)? Nas respectivas capas, decerto que não. Quanto à música, a primeira faz um coquetel de pop/hard rock/blues um tanto inócuo, mas passável. Quanto à outra, só consegue repelir fórmulas surradas do *mainstream*, apesar da boa voz, e das canjas de Vernon Reid e Nile Rodgers nas guitarras.

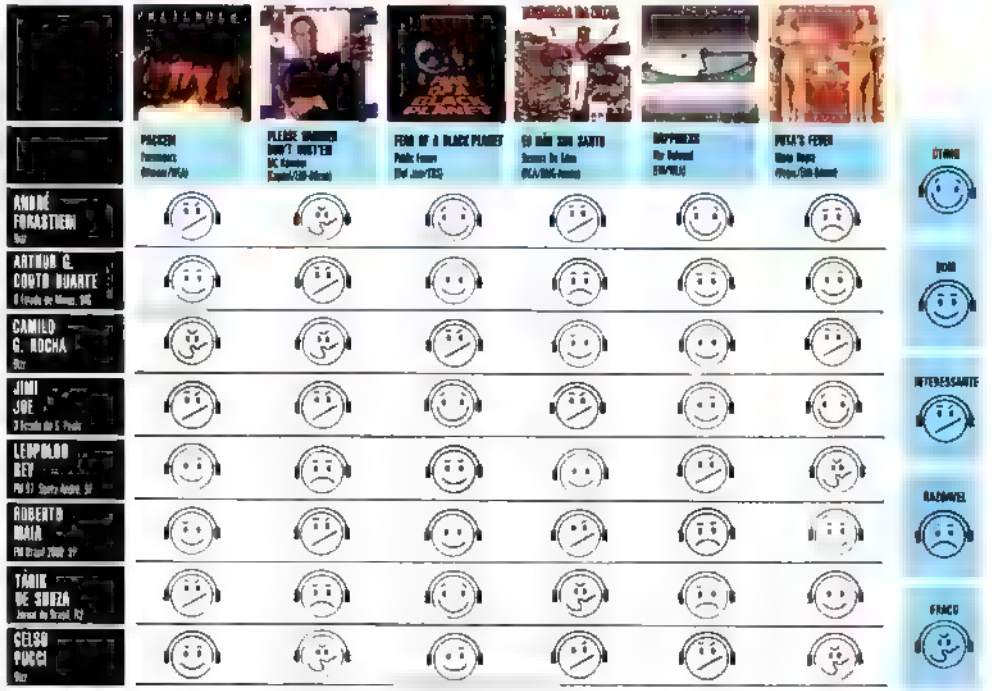
CELSO PUCCI

GRAVADORA INDEPENDENTE

Após dezoito títulos do selo Roots abrangendo luminares do blues, rock'n'roll e soul, a gravadora portuguesa Movieplay edita uma série de doze CDs do selo Remember. Embora sem a mesma fidelidade nos critérios de seleção, esta nova fornada traz registros que se destacam, ao menos pela curiosidade. É o caso de **THE PSYCHEDELIC VOODOO CHILE**, que apesar de só contar com gravações obscuras de **Jimi Hendrix** tem o mérito de ser o primeiro CD do guitarrista lançado no Brasil. Outra edição interessante é a de

BECKER & FAGEN — FOUNDERS OF STEELY DAN, que apresenta os primeiros trabalhos da dupla, ainda antes de se projetarem com seu grupo no início dos anos 70. Também são dignas de menção as coletâneas **GREAT BALLS OF FIRE**, com vinte faixas "assassinas" de **Jerry Lee Lewis**, **SWING HIGH, SWING LOW**, que reúne os hits do quarteto vocal **The Ink Spots** (um dos precursores do *doo wop*), bem como os CDs **IN CONCERT**, de **Nina Simone** e **ALONE IN THE CITY**, de **Ray Charles**. Por outro lado, o pop dos *sixties* é devidamente representado nas 27 faixas do CD **ANTHOLOGY** (Roulette/EMI-Odeon) de **Tommy James And The Shondells**, através de hits como "Hanky Panky", "Mony, Mony", "Crimson And Clover" e outros.

CELSO PUCCI



Garotas, praias e carros — por anos a fio, essa tríade foi decantada pelos Beach Boys, estabelecendo o compositor Brian Wilson como principal artesão do assim chamado *West Coast sound*. Em tributo a esse legado dourado, a gravadora DeMilo editou **SMILES, VIBES & HARMONY (A TRIBUTE TO BRIAN WILSON)**, LP onde dezesseis nomes do *underground* revisitam alguns hits do grupo. Magistral é o mínimo que se pode dizer do tratamento *fun fun fun* que **The Records** impõem a "Darlin' " bem como da sutil desconstrução de "I Know There's An Answer" (cortesia do **Sonic Youth**), da sinestesia lisérgica em "Wind Chimes" (via o insano duo **Moosehead Faith**) e da anarco-pantomima de "Johnny Carson" (**Das Damen**

Por que um ex-batera (Ted Parsons) das megadissonantes Swans aceitaria fazer parte de uma banda de metal? A resposta — que vem como um chute dado nos testículos — está no terceiro álbum do trio nova-iorquino **Prong, BEG TO DIFFER** (Epic). Em pauta, descargas brutais de tensão emocional ("Your Fear"), erotomania ("Intermenstrual D.S.B."), degenerescência ("Steady Decline") e — num golpe de misericórdia — uma cover rutilante para "3rd From The Sun", do Chrome (!), gravada ao vivo no CBGB's

O selo Dischord é um dos mais bem-sucedidos centros de remodelagem do hardcore, à custa de seus onze anos de atividades em Washington. Dentre seus artífices (Fire Party, 3, Ignition, Soulside), o quarteto **Fugazi** é o expoente-mor. No LP **REPEATER** (que recentemente encabeçou a *indie chart* britânica) tem-se o mais fidedigno raio-X dessa blasfêmia tendência, expressa na lenticáçao dos tempos, nas oclimatoções crepusculares e no *crossover* plurimelodico — com traços de reggae, *thrash*, *noise* e pop

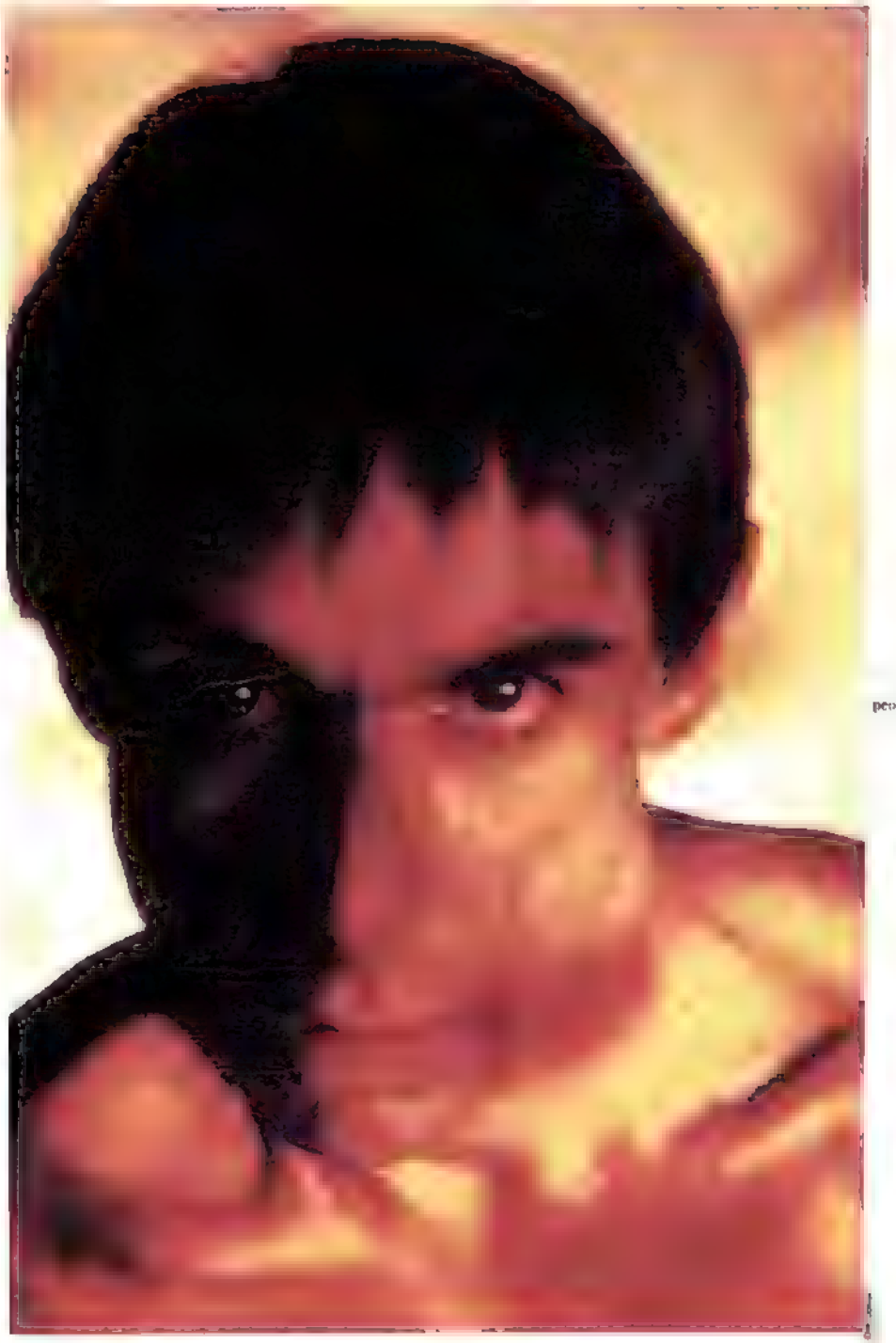
ARTHUR G. COUTO DUARTE

O pop multifacetado e de sonoridade inclassificável do duo inglês **AR Kane** (formado por Alex Ayuli & Rudi) passou batido por esta seção no fim do ano passado, quando foi editado o sensacional álbum duplo *i*. Isso porque se tinha como certo seu lançamento no Brasil via Stiletto, que infelizmente não se concretizou. O mini-LP **REM"I"XES** (Rough Trade) torna-se então um oportuno pretexto para corrigir tal omissão, visto que traz três das faixas de *i* remixadas pelos próprios Alex & Rudi e outras duas por Robin Guthrie, dos Cocteau Twins. Destaque para as versões descamadas de "Love From Outer Space" e do *dub* "Catch My Drift", além dos dois remixes de Guthrie para "Crock Up". Uma ótima sobremesa, que não dispensa o prato principal

CELSO PUCCI

Criado em Bristol no inverno de 87 pelos editores de fanzines Clare & Matt, o selo Sarah tornou-se um dos mais cultuados da Inglaterra. Após cinco singles só disponíveis por reembolso postal, seus fundadores resolveram dar uma escapada do *underground* e lançaram o CD **AIR BALLOON ROAD**. A coletânea de 23 faixas apresenta treze bandas, que, de um modo geral, podem ser associadas aos mais instigantes grupos dos selos Creation e Flying Nun. As principais características que unem nomes como **The Orchids**, **Field Mice** e **Brighter** são as influências dos *sixties*: típicas guitarras *jangly*, aromas *soft* de psicodelia e melodias apaixonantes à primeira vista

FERNANDO NAPORANO



IGGY POP

BRICK BY BRICK

(Iggy Pop)

TIJOLO POR TIJOLO

People are sad and I know why
with no chance to live before you die
you get pretty sick if you hafta
keep it inside

As pessoas estão tristes e eu sei por que
voce fica doente se tem de suportar
o fato de que vai morrer
antes de ter vivido

I wanna build a house where an ad
don't scream
I wanna live in peace — quietly
I wanna have a place of love & safety
people oughta live how & where they want
people oughta have respect in front
people oughta get along pretty OK

Quero construir uma casa onde os comerciais
não berrem
quero viver em paz, tranquilamente
quero um ambiente de amor e segurança
as pessoas deveriam viver como e onde elas quisessem
as pessoas deveriam merecer algum respeito
as pessoas deveriam conseguir conviver

So get off my dick
I'm building it brick by brick
brick by brick

Então larga do meu pau
estou construindo minha casa tijolo por tijolo
tijolo por tijolo

I'm building a house where I can think
and have some balance and dignity
I'm building a house where no one
can hurt me
I'm building a house where the weak
are strong
I'm building a house with a real song
I'm using a faith that is immortal
I'm building it with simplicity
and the way that we feel, you and me
I'm building it with what I believe in

Estou construindo uma casa onde eu possa pensar
e ter algum equilíbrio e alguma dignidade
estou construindo uma casa onde ninguem
possa me machucar
estou construindo uma casa onde os fracos
serão fortes
estou construindo uma casa com uma canção de verdade
estou usando uma fe que e imortal
estou construindo-a com simplicidade
e com a maneira como nos nos sentimos, eu e voce
estou construindo-a com as coisas em que acredito

So get off my dick
cause I'm building it brick by brick
brick by brick
brick by brick

Então larga do meu pau
porque estou construindo isto tijolo por tijolo
tijolo por tijolo
tijolo por tijolo

Now I'm looking at just a little time
so be it — I want to
be true to my simple heart
and not put nothing else above it
brick by brick
brick by brick
brick by brick
brick by brick
brick by brick by brick

Agora, posso estar pensando a curto prazo
que seja assim — quero
ser fiel ao meu coraçao simples
e nao colocar nada acima dele
tijolo por tijolo
tijolo por tijolo
tijolo por tijolo
tijolo por tijolo
tijolo por tijolo por tijolo

Todos os direitos reservados

SEJA SÓCIO
DO NOSSO
CLUBE DO DISCO

Com mais de 100 mil LPs,
10 mil CDs,
videos, revistas e livros de musica,
cinema e teatro.

SEBO DE ELITE
O CLUBE DO DISCO

Compra, venda, troca e aluguel
Discos CDs Videos Livros Revistas
REMETEMOS PARA TODO O BRASIL
Rua Lisboa 45 Jd. America C.P. 5413
São Paulo SP Fone 852 55 16

Publicidade

Agora você compra os melhores instrumentos musicais e acessórios sem precisar ir até a melhor loja de instrumentos musicais e acessórios.

VENDAS POR REEMBOLSO POSTAL C.M.D.

QUERO RECEBER SEM QUALQUER CUSTO, O CATÁLOGO GANG DE INSTRUMENTOS MUSICAIS E ACESSÓRIOS, NACIONAIS E IMPORTADOS.
BIZZ-64

NOME
END.:
CEP
CIDADE: EST

GANG
PESSOAS TALENTOSAS SEMPRE EMOCIONAM.
RUA TEODORO SAMPAIO, 826
CEP 05405 • Pinheiros • São Paulo – SP
TELS.: (011) 883-1673 E 881-7619

Convenções:
(N) Novidade
(R) Retorno
( ) Posição na Parada anterior

Leitor: sua participação é fundamental! Escreva para "BIZZ — Parada Dos Leitores" Av. Nações Unidas, 5777, CEP 05477, Alto de Pinheiros, São Paulo, SP dizendo quais discos você comprou este mês. Se possível, acrescente seu telefone, para que possamos voltar a consultá-lo

LEITORES

1. *I'm Breathless* (1) — **Madonna** — WEA
2. *As Quatro Estações* (3) — **Legião Urbana** — EMI-Odeon
3. *The Album* (6) — **Technotronic** — PolyGram
4. *I Do Not Want What I Haven't Got* (2) — **Sinead O'Connor** — EMI-Odeon
5. *Wild!* (R) — **Erasure** — WEA
6. *Todos Os Lados* (R) — **Capital Inicial** — PolyGram
7. *Shut Up And Dance* (15) — **Paula Abdul** — EMI-Odeon
8. *Stay* (8) — **Oingo Boingo** — WEA
9. *Cosmic Thing* (R) — **B 52's** — WEA
10. *A Night To Remember* (R) — **Cyndi Lauper** — CBS
11. *The Stone Roses* (10) — **Stone Roses** — BMG Ariola
12. *Ô Blesq Blom* (14) — **Titãs** — WEA
13. *Violator* (R) — **Depeche Mode** — WEA
14. *Information Society* (R) — **Information Society** — Stiletto
15. *Still* (N) — **Joy Division** — Stiletto
16. *Carved In Sand* (N) — [illegible] — PolyGram
17. *Sla Radical Dance Disco Club* (N) — **Fernanda Abreu** — EMI-Odeon
18. *DJ Iran Campos & O Som das Pistas 2* (N) — **Vários** — BMG Ariola
19. *Doolittle* (N) — **Pixies** — WEA
20. *Step By Step* (N) — **New Kids On The Block** — CBS

Lojas consultadas: Cambio Negro e Cogumelo Discos ... Pop Som e Casa Coelho (Porto Alegre) Modern Sound e Sub Som ... Baratos Afins Musical Box Woodstock Discos e Wop Bop (São Paulo)

LOJAS

1. *The Rise And Fall Of Ziggy Stardust...* (N) — **David Bowie** — EMI-Odeon
2. *Tattooed Millionaire* (4) — **Bruce Dickinson** — EMI-Odeon
3. *The Album* (R) — **Technotronic** — PolyGram
4. *Aladdin Sane* (N) — **David Bowie** — EMI-Odeon
5. *Songs For Drella* — **Lou Reed & John Cale** — WEA
6. *Pump* (3) — **Aerosmith** — WEA
7. *Presto* (R) — **Rush** — WEA
8. *GN'R Lies* (R) — **Guns N'Roses** — WEA
9. *Manic Nirvana* — **Robert Plant** — WEA
10. [illegible] (N) — **Pretenders** — WEA
11. [illegible] — **David Bowie** — EMI-Odeon
12. [illegible] (N) — **Pixies** — WEA
13. *World Power* (5) — **Snap** — BMG-Ariola
14. *Bayda Cale* (N) — **Trilha Sonora — Vários** — PolyGram
15. *I Do Not Want...* (3) — **Sinead O'Connor** — EMI-Odeon
16. *Brick By Brick* (N) — **Iggy Pop** — EMI-Odeon
17. *Hallelujah* (N) — **Happy Mondays** — WEA
18. *Lock Up The Wolves* (5) — **Dio** — PolyGram
19. *San Ho Zay* (N) — **Blues Etílicos** — Eldorado
20. *The Stone Roses* (N) — **Stone Roses** — BMG Ariola

1 (1) *Please Hammer Don't Hurt'em* — **MC Hammer** (Capitol)
2 (7) *Flesh And Blood* — **Poison** (Enigma)
3 (8) **Mariah Carey** (Columbia)
4 (N) *Blaze Of Glory* — **Jon Bon Jovi** (Mercury)
5 (2) **Wilson Phillips** (SBK)
6 (10) *Compositions* — **Anita Baker** (Elektra)
7 (9) *Poison* — **Bell Biv Devoe** (MCA)
8 (N) *In The Heart Of The Young* — **Winger** (Atlantic)
9 (3) *Step By Step* — **New Kids On The Block** (Columbia
10 (5) *I'll Give All...* — **Keith Sweat** (Vintertainment)

1 (N) *Music From Graffiti Bridge* — **Prince** (Paisley Park)
2 (1) *Sleeping With The Past* — **Elton John** (Rocket)
3 (N) *Blaze Of Glory* — **Jon Bon Jovi** (Mercury)
4 (N) *Carreras Domingo Pavarotti — In Concert* — **Vários** (Decca)
5 (N) *Megabass* — **Vários** (Telstar)
6 (N) *Bossanova* — **Pixies** (4AD)
7 (N) *Soul Provider* — **Michael Bolton** (CBS)
8 (N) *Knebworth — The Album* — **Vários** (Polydor)
9 (N) *Step By Step* — **New Kids On The Block** (Columbia)
10 (N) *Snap It Up — Monster Hits 2* — **Vários** (CBS/BMG/WEA)

1 (N) *Lovegod* — **Soup Dragons** (Big Life)
2 (N) *Bossanova* — **Pixies** (4AD)
3 (N) *Cleopatra Grip* — **Heart Throbs** (One Little Indian)
4 (4) *Life* — **Inspiral Carpets** (Cow)
5 (N) *A Catholic Education* — **Teenage Fanclub** (Paperhouse)
6 (N) *Ichabod And I* — **Boo Radleys** (Action)
7 (N) *Space* — **Space** (Rough Trade)
8 (5) *Turtlesoup* — **Mock Turtles** (Imaginary)
9 (7) **The Stone Roses** (Silvertone)
10 (3) *Elvis Belt* — **Cud** (Imaginary)

1 (N) "Blaze Of Glory" — **Jon Bon Jovi** (Mercury)
2 (N) "Release Me" — **Wilson Phillips** (SBK)
3 (5) "If Wishes Came True" — **Sweet Sensation** (Atco)
4 (10) "Do Me!" — **Bell Biv Devoe** (MCA)
5 (N) "Have You Seen Her" — **M.C. Hammer** (Capitol)
6 (8) "Unskinny Bop" — **Poison** (Capitol)
7 (N) "Tonight" — **New Kids On The Block** (Columbia)
8 (N) "Love And Affection" — **Nelson** (DGC)
9 (N) "Thieves In The Temple" — **Prince** (Paisley Park)
10 (7) "Come Back To Me" — **Janet Jackson** (A&M)

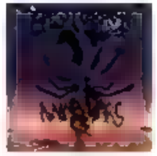
1 (N) "Itsy Bitsy Teeny Weeny..." — **Bombalurina** (Carpet)
2 (N) "Four Bacharach & David Songs" — **Deacon Blue** (CBS)
3 (N) "Praying For Time" — **George Michael** (Epic)
4 (N) "Where Are You Baby?" — **Betty Boo** (Rhythm King)
5 (N) "Tom's Diner" — **DNA e Suzanne Vega** (A&M)
6 (N) "Groove Is In The Heart" — **Deee-Lite** (Elektra)
7 (N) "Can You Party" — **Jive Bunny** (Music Factory)
8 (N) "Listen To Your Heart" — **Roxette** (EMI)
9 (N) "The Joker" — **Steve Miller Band** (Capitol)
10 (10) "Naked In The Rain" — **Blue Pearl** (Wau! Mr. Modo)

1 (N) "Come Together" — **Primal Scream** (Creation
2 (N) "What Time Is Love" — **The KLF** (KLF)
3 (1) "I'm Free" — **Soup Dragons** (Big 26)
4 (N) "Groovy Train" — **Farm** (Produce)
5 (10) "Naked In The Rain" — **Blue Pearl** (Wau! Mr. Modo)
6 (7) "Velouria" — **Pixies** (4AD)
7 (5) "LFO" — **LFO** (Warp)
8 (N) "Inescapable" — **Cranes** (Dedicated)
9 (N) "Tricky Disco" — **Tricky Disco** (Warp)
10 (N) "Son Of Mustang Ford" — **Swervedriver** (Creation)

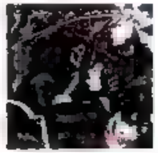
PAULADA GRINGA
LANÇADA AQUI!

VENOM
(PRIME EVIL)
FLAG 30

BATHORY CAPA DUPLA
(BLOOD FIRE DEATH)
FLAG 26


HOLYTERROR
(MIND WARS)
FLAG 25

OBH
(A FRIDGE TOO FAR)
JUST 13


EXPLOITED
(DEATH BEFORE DISHONOUR)
JUST 8

TIGERTAILZ
(YOUNG AND CRAZY)
[illegible]

REMETEMOS PARA TODO O BRASIL
E AMÉRICA LATINA

PEÇA CATALOGOS DE IMPORTADOS:
200 TITULOS PELA MUSIC FOR NATIONS

ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA
RUA CHAVANTES 605 - BRAS - SP CEP 03027
TEL (011) 292-8725 - FAX 92 8931

REPRESENTANTES
SUL
ACIT COMERCIAL E FONOGRAFICA LTDA
TEL 054 223-3589
NORTE NORDESTE CENTRO-OESTE
REALIZA COMERCIO E REPRESENTAÇÕES
TEL 061 223-2911

AINDA O ENTREVISTÃO

O que me fez escrever foi a indignação com o *Entrevistão*. (...) Espero, rezo e torço para que o nível do rock brasileiro melhore e não continue do jeito que está nessa "nova geração".

Ricardo Kimura, Mirassolândia — Japão

Li o *Entrevistão Especial* do mês de julho e confesso que me arrependo amargamente. Foi o cúmulo o que aquele tal de Marcelo do Uns e Outros falou sobre a Legião Urbana. (...) Garotinhos, vocês estão lendo *MAD* demais.

Silvia S. Menezes, Fortaleza — CE

O *Entrevistão Especial* foi muito esclarecedor. Com ele deu para sacar o minúsculo QI dos integrantes dessas "bandas novas". (...)

Helenice Pereira, Belo Horizonte — MG

No dia em que as bandas citadas no *Entrevistão* representarem renovação no cenário nacional, eu prefiro me mudar para um país com música de melhor qualidade — Peru, por exemplo. (...)

Sidnei Rodrigues, Ibirama — SC

Eu realmente dei altas gargalhadas com a BIZZ de julho. A única banda que pode representar a nova geração é o Nenhum de Nós. (...)

Susana M. da Silva, São Bernardo — SP

Causou-me profunda indignação o festival de besteirol dito no *Entrevistão*. (...) Reconheço que o rock Brasil não está atravessando uma boa fase. Mas existem grupos por aí que ainda não tiveram a chance que Uns e Outros tiveram.

Francisco C. da Silva, Aquiraz — CE

Acho uma babaquice esses grupos que ficam descendo o pau em outros na revista. (...)

Eduardo R. Rosa, Cambuí — MG

Chega a ser tedioso ver que as bandas em questão tem um som tão pouco original, principalmente os Uns e Outros. Nenhum de Nós é a que mais gosto, mas se trabalhassem o seu próprio som seriam melhores. (...)

Ubiranara R. Santos, Goiânia — GO

Uns e Outros e inimigos do Rei falam mal do Renato Russo, mas sentem mesmo é inveja. Crianças, cresçam e apareçam!

A.J.F., Floriano — PI

Eu acho que, se um grupo quer fazer sucesso, tem de subir por suas próprias pernas, e não usar grupos famosos como a Legião. (...)

Erika Kubik, São Paulo — SP

Esse tal de Marcelo, do conjuntinho Uns e Outros, é o que se encontra de pior atualmente no rock brasileiro. (...)

Felipe F. Costa, Rio de Janeiro — RJ

Como aquele cara dos Inimigos do Rei tem a coragem de dizer que "Barata" é tão importante quanto "Pais E Filhos"? (...). E, a inveja é uma coisa terrível.

Vanessa Areas, Rio de Janeiro — RJ

Como é possível Uns e Outros saírem por aí falando mal do Renato Russo, ou caras idiotas como os inimigos do Rei abrirem a boca para falar de alguém? É demais. (...)

Guilherme S. Pinto, São Paulo — SP

Apesar de tudo, concordo plenamente com o que disse um dos Inimigos do Rei. Eles tocam exaustivamente nas rádios e todo mundo vem em cima, mas quando é Legião Urbana, ninguém fala nada (ô jabá!). (...)

Roberta Paiva, Rio de Janeiro — RJ

Sem dúvida alguma, a banda de rock que está agora representando a nova geração é Uns e Outros. (...)

Vânia, São Paulo — SP

Não sei como vocês conseguem chamar Uns e Outros, Inimigos do Rei e Nenhum de Nós de revelação? Uns e Outros é uma cópia mal feita da Legião. (...) Já os Inimigos do Rei, lançados na cóia do sucesso da novela *Que Rei Sou Eu?* devenam mudar o nome para Amigos do Pantanal ou Marajás da Sucata. Quanto ao Nenhum de Nós, são apenas honestos. (...)

Francisco I. Junior, Recife — PE

Se esses três grupos estão aí é porque tem algo a nos dizer. Então vamos dar uma chance a eles. (...) Quanto à minha opinião sobre a nova geração, fico com o Sexo Explícito, Último Número e Colannhos Caóticos.

Adão C. Sousa, Juazeiro — BA

Dos três entrevistados, absolutamente nenhum escapa de ser alvo de comparações. (...) Onde está o crime no que faz uma simples semelhança tornar-se sinônimo de falta de identidade musical? (...) O que deveria ser colocado em evidência é o conjunto estar interessado em fazer o que os seus componentes gostam. Desde que sejam observados o bom gosto e o bom senso. O que, acredito, o Uns e Outros possui. (...)

Ariel L. Benzberg, Curitiba — PR

CANTINHO DO IRA!

Já tinha ficado em ponto de bala com a carta do Nasi, e agora veio o Edgard Scandurra (logo quem!), dizendo barbaridades, coisas medíocres, incoerências. Mas a resposta da BIZZ foi estupenda. Edgard, Nasi ou Ira!, tenham um pouco de senso crítico e democrático! (...)

Clebio Cabral, Nova Friburgo — RJ

Não tinha a menor vontade de voltar a escrever para a BIZZ sobre cartas do pessoal do Ira! (a banda que "merece muito mais"). Mas não pude me conter ao ler a carta do sr. Edgard. (...) O que me deixou realmente revoltado e ofendido foi o que ele escreveu sobre o Fellini. Sr. Edgard, se sucesso fosse sinônimo de qualidade, então o destaque da seção de *Discos* deveria ser o grupo Polegar. (...)

Fabrício Muller, Curitiba — PR

O Ira! sempre mereceu o meu respeito, mas acho que o Scandurra deveria parar para pensar: o que era o Ira! cinco anos atrás? Garanto que, naquela época, 99,9% dos leitores da BIZZ sequer sabiam da existência do Ira!. Mas já em seus primeiros números, a BIZZ sempre apoiou a banda. O Fellini não chegou aonde o Ira! chegou porque (vamos falar claro) não teve o descaramento de plagiar uma velha música do Jam e torná-la tema de abertura de uma besteira global. (...) Apesar desse trambique, acho que o Ira! é um bom grupo, mas também acho injusto ele atacar o underground usando o Fellini, já que o próprio Ira! veio desse meio. (...) Parabéns pela capa com o Sepultura. Sabia que isso iria acontecer um dia: uma banda de heavy metal brasileira na capa da BIZZ. (...)

Alfonso Moscato, Curitiba — PR

Parece-me que está se formando, nas futuras edições, um boicote ao Ira! nos moldes do que foi feito com o já finado Camisa de Vênus. Mas não quero acreditar. Não posso conceber que tão conceituada revista cometa o mesmo erro duas vezes.(...)

Alexandre de Figueiredo Santos — SP

Boicote? Com todo o espaço que o Ira! tem recebido? Sai dessa.

Já faz algum tempo que certas coisas no rock (?) nacional irritam e causam espécie deveras. É incrível como o pessoal que faz rock/pop/sei-lá-o-quê no Brasil se dá importância. Tudo isso que escrevo tem a ver com a carta do Edgard na edição 61. De tanto a BIZZ, entre outras, falar que ele é um grande compositor, um grande instrumentista, o cara acabou acreditando. E acabou escrevendo uma carta ridícula. Mendigar espaço numa revista é uma coisa por demais humilhante para qualquer músico que se preze. Não é o caso de Edgard, nem do Ira! O Edgard não é um grande guitarrista, muito menos um grande compositor. (...) Precisa saber ler música, precisa de noções de harmonia, precisa de estudo! Já sei: tem um monte de gente que não tem tudo isso e faz boa música. Mas fazem BOA MÚSICA. O que, definitivamente, não é o caso do supracitado. (...) O Ira! poderia reconsiderar e ir para a Inglaterra. Lá se apresentaria como WhoJam cover. Final: parabéns ao André Forastieri pela paciência de ter ouvido o último disco do grupo. Seus comentários foram muito mais do que precisos. Foram oportunos! Não levem o rock tão a sério!

Carlos H. Muller Joaquim — SP

ESCLARECIMENTOS

Ficamos de boca aberta e espantados com a informação colocada em sua coluna *Dance Music* da edição 61. No texto que segue o título "Roban faz pandemônio na rádio de SP", existe uma informação totalmente incorreta dizendo que a rádio 89 FM agora tem em sua programação diária quatro horas de dance music. Reafirmamos que a 89 FM — A Rádio Rock está mais rock do que nunca, e que o tal programa de *Dance Music* citado no texto simplesmente não existe. Aliás, aproveitando um trecho de seu texto mas mudando a colocação, esclarecemos que a 89 não entregou os pontos. Caiu na real sim, e está tocando mais rock do que nunca.

Otavio Ceschi Jr. — Coordenador Artístico 89 FM

Camito G. Rocha, responde: "Ok, pisei na bola. E o risco que se corre quando se quer dar uma notícia quente, sem checar qualquer fonte oficial envolvida. Minhas desculpas vão para os leitores que comeram gato por lebre. Para o pessoal da 89, obrigado pelo toque."

AGRADECIMENTOS

A redação de BIZZ agradece aos fãs-clubes que colaboraram com as Fichas do Rock: **São Paulo Elvis Presley Society** (Cx. Postal 22504, CEP 04798, São Paulo — SP); **Sociedade Brasileira dos Apreciadores do Deep Purple** (Cx. Postal 42386, CEP 04299, São Paulo — SP); Eric **Clapton Brazilian Fan Club** (Av. Canal 732, CEP 21040, Rio de Janeiro — RJ).

ERRAMOS

Na ficha do Ira! (BIZZ 63), deixamos de incluir na discografia. André Jung (com os Titãs) — Titãs *(84)* e Televisão *(85), Nasi e Gaspa (com os Voluntários da Pátria)* — Voluntários da Pátria *(84)*

DISCOTECA BÁSICA

THE JEFFERSON AIRPLANE

SURREALISTIC PILLOW (1967)

Nos dourados anos 60, quando o ácido ainda não era empasteiado de anfetamina e o desbunde não era apenas pose, a música então desenvolvida era um anteparo imprescindível para o advento do *flower power* e uma de suas principais formas de expressão.

Foi neste contexto que, em 65, surgiu na explosão do rock californiano um dos grupos que mais caracterizou o *San Francisco sound*: The Jefferson Airplane, formado por Marty Balin, Signe Anderson (vocais), Paul Kantner, Jorma Kaukonen (guitarras, vocais), Bob Harvey (baixo) e Skip Spence (bateria). Junto a duas outras bandas locais — The Charlatans e The Warlocks (que depois se transformaria no Grateful Dead) —, o Airplane foi um dos criadores do *acid rock*, cujos primeiros lampejos encontravam-se logo no álbum de estréia: *Jefferson Airplane Takes Off* (66), já com o baixista Jack Casady no lugar de Bob Harvey. Depois do disco, as deserções do baterista Skip Spence (que saiu para formar o Moby Grape) e da cantora Signe Anderson (que se afastou por causa da gravidez) foram oportunos pretextos para o grupo atingir sua *line up* ideal, com a entrada de Spencer Dryden e, especialmente, de Grace Slick (que era vocalista do Great Society).

Com esta configuração, o Airplane gravou seu segundo LP, *Surrealistic Pillow*, um dos mais perfeitos retratos da primeira geração psicodélica e de todo o *west coast sound*. Só de um modo genérico seria possível desmembrar sua complexidade, uma chapante pororoca na cabeça dos hippies perplexos: uma bateria técnica emigrada do *jazz*, um baixo *bluesy* e rebuscado, guitarras com riffs e longos solos revezando-se em atmosferas viajantes.

Mas era na voz de menina tarada de Grace Slick, nas afetadas harmonias de Marty Balin e no toque *folkster* de Paul Kantner que residia o grande segredo, vocalizações *sui generis* que soavam estranhas e divagantes. Somadas a isto, letras que misturavam Lewis Carroll (vide "White Rabbit"), deambulações herdadas da *beat generation*, pacifismo, rebeldia e — claro — muito amor.

Entre as onze canções que compunham este "travesseiro surrealista" revelavam-se obras-primas do *Frisco Sound* como o hino ao amor livre "Somebody To Love" e a ode lisérgica "White Rabbit" ("Um comprimido te faz crescer/um comprimido te faz encolher/e aqueles que sua mãe te dá/não fazem efeito nenhum"), ambas trazidas por Slick do repertório do Great Society. Não menos essenciais eram a hipnótica balada de amor "Today" (apaixonadamente cantada por Balin) e a ultra-inventiva "Plastic Fantastic Lover" — com vocais no melhor estilo rap (!) e ambientada em *high* lisérgia. Mas havia muito mais: as belas passagens folk-psicodélicas detectadas em "My Best Friend", "D.C.B.A.-25" e "How Do You Feel", as pinceladas *rockers* que embalavam "She Has Funny Cars" e "3/5 Of A Mile In 10 Seconds", a envolvente balada "Comin' Back To Me" e o instrumental intimista de "Embryonic Journey". Tudo isso fez de *Surrealistic Pillow* o álbum que definiu as diretrizes sonoras do grupo, numa trajetória única e impecável que se estenderia até 72.

Durante este período, o Airplane gravou mais sete álbuns — dois deles ao vivo — onde destrinchou a psicodelia em sua essência, descobrindo seus segredos, virtudes e em que circunstâncias ela poderia se tornar "um bode". Num processo de constantes mudanças passou a chamar-se Jefferson Starship (que, à exceção dos dois primeiros LPs, desonrou totalmente sua história) e, depois, apenas Starship. Em 89, o Airplane voltou com a formação principal dos *sixties* e um novo disco, mas... nem chegou a decolar.

FERNANDO NAPORANO

EDITORA AZUL

Fundador
VICTOR CIVITA
(1907 1990)

Diretoria
Ange[redacted]
Edgard de Silvio Faria
Roberto Civita

Diretor Superintendente: Angelo Rossi

BIZZ

Diretor de Divisão: Carlos C. Arruda

Diretor de Marketing: Romeu Andreatta Filho

REDAÇÃO
Diretor: José Augusto Lemos
Editor: André Forastieri
Editores-Assistentes: Celso Pucci (Discos e Discoteca Básica), Marisa Adán Gil, Lorena Calábria (Rio de Janeiro)
Coordenador de Produção: Wagner Almeida Silva
Assistente de Redação e Atendimento ao Leitor: Celso Ferran Masson
ARTE
Assessoria de Arte: Eduardo Barreto
Editora: Desse Brinas
Diagramação: Angelo Alison, Renato Yada, Antonio Fernando Motta
Arquivo e Pesquisa de Fotos: Cidval Heredia
Colaboradores
Texto: Arthur G.C. Duarte, Camilo G. da Rocha, Carlos E. Miranda, Cláudio M.M. de Menezes, Fernando Naporano, João Montanha, José Julio do Espírito Santo, Leopoldo Rey, René Ferri **Fotos:** Alvaro Gonçalves Motta, Cícero P. Rodrigues, Jorge Rosenberg, Ricardo Siqueira **Arte:** Eduardo Barreto **Revisão de Texto:** Thais Helena de Souza Juarez

Diretora Responsável: Lêge de Lima Dória Castelli

PUBLICIDADE
Diretor Corporativo: Carlos Alberto Araujo
SP Diretor: Eduardo S. Rosa
Supervisor: Arthur de Oliveira Neto
Contatos: Antonio Xavier de Aguiar, Carla Covolo, Marcelo de Almeida
RJ Diretor: Jairo Carneiro
Contatos: Romualdo Ayres Costa
PRODUÇÃO GRÁFICA
Gerente: Edna K. Bungo
Coordenadora: Sandra C. Botelho

Representantes
Região Sul: Print Sul (0512) 23-9528 RS (0482) 33-7622 SC
SP 2: Intermidia (016) 623-4262/623-4291 Ribeirão Preto, SP
[redacted]
Marco Aurélio Meis (031) 222 5694 BH
SERVIÇOS EDITORIAIS
Azul Press Gerente: Benjamin S. Gonçalves
Correspondentes: José Emilio Rondeau e Ana Maria Bahiana (Los Angeles), Anamaria G. de Lemos (Londres)
Abril Press - Gerente: Judith Bergni **Escritórios - Nova York:** Lincoln Building, 60 East 42nd Street, Suite 3403, New York NY 10165, Phone: (001212) 557-5990/5993, Telex: 237870 Fax: (001212) 983-0972. **Paris:** 33, rue de Miromesnil, 75008 Paris, Phone: (00331) 42 66 31 18, Telex: 650731 ABRILPA, Fax: (00331) 42651399
Departamento de Documentação: Dedoc **Gerente:** Susana Camargo – av. Otaviano Alves de Lima, 4400 São Paulo, SP Telex: (011) 22115
Serviços Fotográficos-Gerente: Pedro Martinelli
COMERCIAL
[redacted]
PROMOÇÃO E PROPAGANDA
Diretor: A. Vasco Castro Barbosa
Gerente: Fabio Bueno

EDITORA AZUL
Diretores: Ana Maria Fadigas, Carlos Alberto Araujo, Carlos C. Arruda, Pedro Frazão, Romeu Andreatta Filho e Vera Helena Mirandez Gomes

BIZZ é uma publicação mensal da Editora Azul S.A. **São Paulo: Redação, Publicidade e Correspondência:** Av. Nações Unidas [illegible] CEP 05477, Caixa Postal 60081 [illegible] **Telegramas:** [illegible] **Rio de Janeiro:** [illegible] **Distribuidor em Portugal:** Distribuidora Jardim de Publicações Lda. [illegible] **Assinatura anual:** [illegible] **Números atrasados:** [illegible] Pedidos pelo correio: DINAP [illegible] que somente as seis últimas edições [illegible] Distribuída com exclusividade no país pela DINAP – Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo

ANER

IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.

"O rock é um habitante de climas e paisagens mentais. Vive jogando com fantasias e mitos coletivos do fundo da alma humana." Assim *Pepe Escobar* introduzia a história do namoro eterno entre o rock e o cinema — destaque principal da BIZZ 5. **Sting**, um astro com trânsito livre nas duas áreas, falava de seu trabalho nos filmes *A Prometida* e *Plenty — O Segredo De Uma Mulher*, em entrevista ao jornalista francês *Michèle Halberstadt* 5 Um encarte especial, contendo poster e biografia de **David Bowie**, acompanhava a edição. Era o nascimento da revista-poster, um dos primeiros filhotes de BIZZ 5 "As pessoas me comparam com Hendrix só porque ele é negro. Esta é realmente a única coisa que temos em comum (...) Deus sabe que tento fazer a guitarra soar como algo novo para mim mesmo." Depois de três anos sem falar à imprensa, **Prince** convidava *Neal Karlen*, da *Rolling Stone*, para um papo em sua casa em Minneapolis. O resultado estava no *Entrevistão* 5 85 foi um ano de ouro para os **Dire Straits**, que dominaram as paradas com o multimilionário *Brothers In Arms*. Live Aid, Tina Turner, MTV e Reagan eram alguns dos temas da entrevista concedida a *Marco Antônio de Menezes*, em Nova York 5 "O Engenheiros do Hawaii é um trio pop-retrô que faz reggae e ska quadrados, veste uma camisa surf e quer continuar segurando a barra classe-média que seus pais tocaram para frente." Era dessa forma que *Marcel Plasse* descrevia a então obscura banda gaúcha, numa matéria especial sobre o rock dos pampas 5 "Foi como um orgasmo", diria **Marina** sobre as gravações de *Todas*, em entrevista a *Antônio Carlos Miguel* A história do movimento punk — aqui e lá fora — era radiografada por *Pepe Escobar* e *Sônia Maia* 5 "No Brasil, praticamente ninguém sabe que Bruce é a voz do povão mais ferrado, do zé-mané desempregado, e não um simples popstar." No seção *Discos*, *José Emílio Rondeau* examinava o fenômeno **Bruce Springsteen** — que tinha todos os seus discos relançados na esteira do sucesso de *Born In The U.S.A.* 5 "Ainda hoje, ele pode ser considerado o grande álbum daquele ano mágico, mais devastador do que o antológico *Sgt. Pepper's*." A obra-prima em questão era *The Doors* (67), destrinchado por *Pepe Escobar* na *Discoteca Básica*.

Jayne Hale (Express) Lisbon

Antonio Ribeiro Abril

Lehr - Spa Press

47 XS

PolyGram

Clube	Estilo	DJ Técnica	DJ Repertório	Luz	Som	Serviços	Animação
Soul Train	Disco House Dance Music	médio	ótimo	fraco	fraco	fraco	médio
Hoellisch	Eletronic Body Music * Rockabilly ** Dance Music	médio	ótimo	fraco	médio	fraco	ótimo
Cotton Club	Ritmos diversos	médio	ótimo	médio	ótimo	médio	médio
Criptos	Dance Music	médio	ótimo	médio	ótimo	ótimo	médio
Droop	Eletrônico Pop Hi NRG	médio	médio	fraco	médio	ótimo	médio

Soul Train
DJ Bozo
Infs.: 852-6568
Terça a Domingo: 22h até último cliente

Hoellisch
DJ Magal
Infs.: 256-8045
** Quarta: 23h às 5h (DJ Marquinhos)
Quinta a Sábado: 23h às 5h
* Domingo: 19h às 23h

Cotton Club
DJ Allan
Infs.: 814-0515/211-6483
Terça a Domingo: 21h30 em diante

Cripton City Rock
DJ Marcelo
Infs.: 454-5275
Segunda a Segunda: 17h às 20h (Happy hour)
20h até último cliente

Droop
DJ's Leandro/Jair
Infs.: 280-0891
Quarta a Sábado: 21h às 4h

DJ'S

ótimo · médio · fraco

LOS ANGELES

LA FORA

LOS ANGELES TOP 10 DANCE CUTS

1. "THE POLICY OF TRUTH" (DEPECHE MODE)
2. "EVERYBODY EVERYBODY" (BLACK BOX)
3. "WORLD IN MOTION" (ENGLAND AND NEW ORDER)
4. "WHAT IS LOVE" (DEE-LITE)
5. "HIPPY CHICK" (SOHO)
6. "STEP ON" (HAPPY MONDAYS)
7. "STRAWBERRY FIELDS FOREVER" (CANDY FLIP)
8. "GETTING CLOSER" (NITZER EBB)
9. "PINNAPLE FACE" (REVENGE)
10. "THE POWER" (SNAP)

DISCOS

1. **Tower Records (Sunset Boulevard)** – Numa das ruas mais famosas do mundo não poderia faltar a loja onde você encontra toda a gama de *software* musical. A favorita dos artistas de Hollywood.

COMPRAS

L.A., dizem as más línguas, não é uma cidade, mas um conjunto de subúrbios à procura de um centro. Devido ao grande tamanho e às grandes distâncias, foi lá que surgiu o conceito dos *shopping centers*. Divirta-se, a cidade tem centenas deles.

CLUBS

1. **Vertigo (La Downtown)** – É o *club* que vem fazendo a cabeça do pessoal. Durante a semana, é muito comum de encontrar algum artista ou músico conhecido.
2. **Fantasia** (Westin Bonaventure Hotel, Downtown) – Frequentemente os locutores da KPWR "Power 106", a FM nº 1 de LA, aparecem por lá para dar um toque especial na noite. Os dois melhores DJ's da cidade, Boris e Chris, transmitem ao vivo desse *club* o programa "Power 106 Club Mix".

RÁDIO

1. **KPWR "Power 106"** – A melhor FM de Los Angeles, sem dúvida. Um mix geral de tudo de bom que há na *Dance Music*.
2. **KIIS FM 102.7** – A rádio *pop* de LA. Os sucessos do "Hot 100" da Billboard.
3. **KJLH 102.3 FM** – Programação *black/dance*. Uma das primeiras rádios a abrir a porta para Rap music nos EUA.

Paulo Tavares e César do Vale

MULHERES, DINHEIRO, FAMA...

O maior campeonato de DJ's do mundo está prestes a começar. Ligue os toca-discos, treine suas habilidades, invente o que quiser: estão abertas as inscrições da etapa brasileira do campeonato do DMC.

As datas de pré-seleção e eliminatórias do 3º DMC Brazil DJ Mixing Championship estão sendo marcadas. Informe-se no DMC Brazil, Rua França Pinto, 213, Vila Mariana. Fones (011) 549-3215/549-5744.

Treine bastante, porque muitas feras já estão inscritas pra concorrer com você.

O vencedor da final brasileira disputará em Londres o Campeonato Mundial (DMC World DJ Mixing Championship), representando o Brasil e concorrendo a uma fortuna de prêmios e um lugar no mundo da fama.

Nicholas Camele é um dos mais prestigiados DJ's de Campinas. É produtor de FM e um DJ free-lancer que agita todos os lados da cidade.

Veja só a seqüência que ele passou pra você mixar:

1. **BOO YA T.R.I.B.E. ("Psycho Funk")**
2. **MELLOW MAN ACE ("Mentirosa")**
3. **KID FROST ("La Raza")**
4. **DE LA SOUL (Megamix)**
5. **49ERS ("Girl To Girl" Soul Version)**

Porto Alegre tem loiras, chimarrão e um monte de coisa boa.

Porto Alegre também tem o DJ Eduardo Herrera. Dias atrás, ele passou pelo DMC e não deixamos ele sair de lá sem registrar uma seqüência de bolas sonoras pra mixagem. Agora, o comando é com você, tchê.

1. **DNA ("Tom's Dinner")**
2. **SNAP ("Oops Up")**
3. **MADONNA ("Keep It Together")**
4. **CANDY FLIP ("Strawberry Fields Forever")**
5. **JT & THE BIG FAMILY ("Moments In Soul")**

DANCE CHART

JOVEM PAN

número 6 – novembro de 1990

Pois é, aqui estou eu 14 anos depois sentado sozinho na minha sala, rádio sintonizado nos 100,9, ouvindo com atenção o papo dos locutores, vendo se eles estão seguindo a programação, se estão colocando os comerciais na hora certa, se não se esqueceram de falar de alguma promoção, 24 horas por dia, 12 meses por ano, essa é o meu trabalho, ouvir rádio.

Nesses 14 anos de Pan conheci grandes personalidades da música. Grandes locutores. Grandes impostores e fiz alguns grandes amigos que me ajudaram a fazer da Jovem Pan a rádio mais importante do Brasil. Algumas pessoas tiveram passagens marcantes pela Jovem Pan e lembram fatos que fazem parte da história da minha vida. Cesar Rosa o locutor mais sossegado que eu já vi, eu nunca sabia se ele chegaria na hora certa. Chegou a dormir durante o horário e tocou a mesma música 2 vezes seguida, o cara me deixava louco, e o pior é que ele ainda tinha uma boa lábia e eu sempre acabava perdoando o desgramado.

O número de puxa sacos também é grande, eu nunca esqueço numa reunião quando eu perguntei – E aí o que você achou da musica nova do George Harrison, o cara respondeu, demais, maravilhosa, sensacional! – Aí eu disse: Pois é mais eu não gostei. Aí sem perder a pose ele respondeu – Maravilhosa pra ouvir em casa, pra tocar no rádio, eu também não gosto.

Ainda lembrando os puxa sacos, certa altura a Jovem Pan 2 estava fora do ar, eu falava no telefone com um cara, perguntei o que ele estava achando da programação, o cara de pau me disse que a rádio estava matando, eu respondi – Está nos matando do coração, porque faz 24 horas que ela está fora do ar!

Este artigo não teria nenhum valor se esquecêssemos de falar do nosso querido Beto Rivera, o maior fazedor de média que eu já conheço, certa vez ele estava apresentando o show do Menudo em Recife e se enganou na abertura do show disse bem alto – Boa noite São Paulo. Aí a galera de Recife mandou uma sonora vaia. Mas, nosso herói não perdeu o rebolado e revidou boa noite seu Paulo, o seu Paulo era o cara que estava fazendo o som. Outra peça rara que passou pela Jovem Pan 2 foi o programador Heraldo Zani o popular "professor", certo dia fui até a garagem da rádio e falei para ele: Zani você deixou seu carro ligado, aí ele me respondeu que tinha deixado o carro ligado porque se desligasse o carro não pegaria mais e deixou o carro ligado do meio dia às sete horas da noite... pode!

As histórias são muitas e a gente vai contar algumas delas nos próximos Dance Chart.

Eu queria lembrar de algumas pessoas que trabalharam com a gente nesses 14 anos de Pan, Cesar Rosa, Cesar Filho, Serginho Leite, Paulinho Leite, Zamarian, Joca, Caca Siqueira, Carlos Roberto, Rui Monteiro, Mônica Venerabile, Selma Boiron, Miriam Lane, Luis Torquato, Zé Américo, Paulo Mai, Marcelo Petito, Rick Ricardo, Heraldo Zanni, Paulinho Figueiras, Vera Aranha, Paulinho Alcoragi, Rogerio, Sombra, Delphis, Aninha, Salete, Leão, Silvio Arnaldo, Pezelta, Pexinho, Robertinho, Iraí, Kadico, Lelio, Luiz Fernando Megiloca, Dilson Maia, Arnaldo Saccomani, Emilio, Beto, Luis Augusto, Julinho Mazzei, Paulinho Ribeiro, Leandro, Henrique Terra, Wagner Rocha, pessoal do Nation, Juninho Tonon e muitos outros que eu devo ter esquecido.

Bom pessoal mateço total, pra vocês verem como é dura a vida de um diretor de rádio, no final da história até o Dance Chart a gente tem que escrever.

Bye, bye,
Tutinha.

DISCO MIX CLUB

editorial

Ser criativo e animado sempre. Todos os noites e matinées. Sempre eles têm uma receita para manter o alto astral do público. Cada um do seu maneira.

A missão dos DJ's não parece das mais fáceis. Eles são responsáveis pela animação de milhões de pessoas que todos os fins de semana, religiosamente, vão aos clubs e salões. Alguns ganham êxito na comunicação pelo microfone. Falam, fazem piadas, sorteiam prêmios, motivam a galera. Outros deixam de lado o microfone e mostram sua sensibilidade pela música, pela escolha de um repertório alegre e de uma seqüência de fazer a cabeça.

Entre isto e aquilo, ou misturando tudo, há ainda aqueles que acrescentam uma performance cheia de scratches e malabarismos ao ato de tocar discos. O objetivo é o produto final de satisfação e bem-estar daqueles que estão ali pra curtir.

Temos dois bons exemplos que vêm manipulando a discotecagem com talento e competência. Waltinho Bernacca e Vadão, dois DJ's que ganharam espaço nos shows do Technotronic no Brasil.

Num show inédito com 4 toca-discos, os dois DJ's abriram a tour do Technotronic em Curitiba, Porto Alegre, Santos, Goiânia, Campinas e em São Paulo, no Ibirapuera. As apresentações misturavam performances e som de pista e davam o ritmo para a entrada do Technotronic.

O prestígio foi imediato: Waltinho e Vadão estão circulando pelo Brasil, com shows, cursos e apresentações.

Saudações, DJ's! O DMC espera poder noticiar aqui a glória de muitos disc-jockeys como vocês.

Ajudando os DJ's a manter as pistas em ebulição, o módulo de discos do DMC traz este mês:

- *Um megamix do Police*
- *Minimix da Betty Boo*
- *Um remix de "Naked in The Rain", do Blue Pearl*
- *Um remix de um dos maiores hits de todos os tempos nas pistas: "I can't Go For That", de Hall & Oates*
- *E uma surpresa em cima dos sucessos de Snap.*

Não fique sem estes discos no seu club.

COLISÃO FATAL

Primeiro veio o *Rap*. Depois o *House*. E então o *Hip House*. Coisas do destino e da lógica na música dançante. Coisa de DJ's que ouvem e misturam todas as fontes captadas.

O *Hip House* tomou sua forma. Cresceu em quantidade e qualidade. Vieram pessoas como Mr. Lee pra dar elegância e um grito definitivo ao ritmo. Vamos acender os refletores sobre esse *showman*.

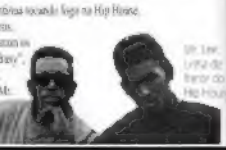
Quando criança, aos 7, Mr. Lee já estava com as baquetas nas peças de bateria que seu irmão tinha em casa. Mais tarde, aprendeu a tocar teclados, baixo e percussão, ensaiando algumas músicas de *Rhythm & Blues*. Tornou-se produtor e *remixer* na explosão do *Hip House* em Chicago, participando do grupo de produtores que armou a colisão fatal do *Rap* com o *House*.

Hoje, com Tyree e Fast Eddie, Mr. Lee forma o trio que continua tocando fogo na Hip House.

Eles misturam todos os elementos possíveis dos ritmos negros.

Nas pistas de dança, "Get Busy" e "Pump That Body" marcaram os passos certeiros de Mr. Lee. E seu LP de estréia, "Get Busy", condensa ritmos dançantes e sons da sua formação musical.

Que o *Hip House* seja eterno enquanto durar. Se depender de Mr. Lee, vai durar eternamente. Vai nessa!



Mr. Lee, o rei de terror do Hip House

Rogério Finatelli

COOL CUTS

1. GROOVE IS IN THE HEART – Dee-Lite
2. THIEVES IN TEMPLE – Prince
3. PEOPLE (Remix) – Soul II Soul
4. (New) IF U KEEP IT UP – Liz Torrez
   Mais uma de Civilles & Cole na produção. Sucesso garantido.
5. YOU CAN'T DENY IT – Lisa Stansfield
6. (New) DIRTY CASH – Stevie V
   Há mais de 6 meses nas paradas européias. Tremendo *hit*, chegando agora no Brasil.
7. (New) LIVING IN THE LIGHT – Carol Wheeler
   Ex-vocalista do Soul II Soul em produção do Jungle Brothers. Exciting.
8. (New) TOM'S DINNER – DNA
   Versão para pistas do *accapella* de Suzanne Vega. Bem Soul II Soul.
9. (New) DOIN' OUR OWN DANG – Jungle Brothers
   Samples de Raw Silk e participação de Monie Love.
10. WON'T TALK ABOUT IT – Beats International

Dá pra colocar qualquer grupo de aeróbica no bolso. É a volta da moda. E nos bailes *black*, a moda sempre volta com o maior vigor.

Hoje, nos salões, lá do alto da mesa de som, você chega a ver centenas de grupos dançando passos diferentes, que eles mesmo criam e vão ganhando adeptos. E isso, em bailes onde circulam mais de 4.000 pessoas.

Esses movimentos começaram na era da *Soul Music*. Os grupos de dança se apresentavam em turmas nos palcos dos salões com passos sincronizados. Havia turmas muito boas e, geralmente, promovia-se concursos para seleção dos melhores.

Por onde você passava, uma nova dança estava sendo criada. Tudo se desenvolveu de uma forma que várias danças foram consagradas. Veja algumas das mais importantes:

- ESTRELINHA: dançava-se com os braços erguidos e movimentando-se as mãos. Foi marcada pela música do Club Noveau, "Lean On Me" e pelo *rap-torpedo* de Kool Moe Dee, "Do You Know What Time It Is?"
- SOUL: a dança pioneira. Tony Tornado (lembram-se?) apareceu com a dança e todo mundo achava que ele tinha [illegible] rodinhas sob os sapatos, como patins. Aí, descobriu-se que ele estava dançando do jeitinho que James Brown dançava nos seus shows.
- DANÇA DA CAUINHA: Um garoto que cantava rap criou o estilo. Era a dança que mostrava como seria o herói da época, Sassá Mutema, dançando *funk*. Era uma dança muito engraçada e fez o maior sucesso.
- BLACK VOGUE: mais recente, a dança usa os movimentos do Vogue, com poses e tudo, da maneira mais *black* e cheia de *swing* que existe. Dança-se ao som de Silk Lace e Piano Negro, entre outras.

Se você freqüenta, ou pretende freqüentar, um baile *black*, não hesite: forme seu grupinho e crie o seu passe. Com certeza, você não vai conseguir ficar parado.

Sem vacilar, registrei aqui uma seqüência de músicas para você se enturmar com a dança em grupo:

1. **A tribe Called Quest** ("Bonita Applebum")
2. **Pianonegro** ("Pianonegro")
3. **2 Deep** ("I Didn't Do My Homework")
4. **DNA** ("Tom's Dinner")
5. **Tony Toni Toné** ("Let's Have A Good Time")

Grandmaster Ney SP DJ's

NENEH CHERRY – "I've Got You Under My Skin" *David Z Remix* – Primeiro bis extraído do projeto "Red Hot And Blue", um álbum com regravações de hits de Cole Porter por artistas contemporâneos. Toda a renda do disco será destinada à pesquisa da cura da Aids e a informar sobre os perigos da doença. Contribuem para o álbum, entre outros, o U2, Lisa Stansfield e Jungle Brothers. Neneh Cherry transforma este clássico para as pistas, com a produção de Baby Bambaata e *remix* de David Z (que trabalhou com Fine Young Cannibals).

INNER CITY – "That Man (He's All Mine)" Dupla de Detroit, EUA, formada por Kevin Saunderson (tecladista) e Paris Grey (vocal). Responsáveis pela introdução [illegible] *Dance Music*. Procure pela versão: "Techno Logical Mix".

SNAP – "Cult Of Snap (Ibiza, 90 Edit)" Lançado por pressão popular, este foi o maior hit das pistas de Ibiza no último verão europeu. Junto ao ritmo característico da banda, melodias árabes e cantos africanos são sobrepostos ao *rap* de Turbo B. Não perca.

LL COOL J – "The Boomin' System" [illegible] Cool J é um dos artistas mais influentes de todos os tempos. Mantendo-se sempre na vanguarda, com a ajuda de seu DJ Cut Creator e produtor Marley Marl, LL é o primeiro a se apropriar de trechos de "Hold On" (sucesso do En Vogue) tornando-a mais acessível à galera *Hip Hop* dos EUA.

THE CURE – "Let's Go To Bed (Remix)" A banda dispensa apresentações. O interessante é que o preconceito de dividir *Rock* e *Dance Music* está cada vez mais "out" em países civilizados. O The Cure [illegible] esperamos que o resultado seja tão *funky* quanto neste 12".

Paulo Tavares

Dudu Marotti é um nome que você deve guardar. Por trás do que há de principal na *Dance Music* brasileira, está esse produtor e músico multi-talentoso. No momento, está passando pelas suas mãos alguns projetos que o Dance Chart vai anunciar em primeira mão. Breve breve.

Como diria aquele piloto de avião, o tempo passou voando. Nem bem a gente se toca e lá se foram 14 anos de Jovem Pan. Enfim, valeu a pena esperar todo esse tempo pra conseguir a chave de casa. Agora, já dá até pra chegar tarde.

Nesse tempo todo, além de fazer a melhor programação, ditar moda, marcar época, a Pan conseguiu se consolidar como a FM mais bem humorada. Até quando a gente não tem programa de humor no ar, todo mundo acha graça. Pra quem sempre curtiu, pra quem curtiu e esqueceu, pra quem nunca soube, vamos rememorar alguns momentos inesquecíveis do humor Jovem Pan.

pensamentos do DJALMA

MR DJ A filosofia do DJ Djalma Jorge, com seu 1,90 de puro sexo e voz macia como um ralador de queijo, encantou milhares de minhocas e trevos de quatro folhas. E, claro, também agradou o dois ou três ouvintes que passavam pela rádio entre uma estação e outra.

Aqui vão algumas pérolas do pensamento Djalmajorgiano pro quem sabe que o importante é o que a gente tem por dentro, do bolso.

SOBRE O AMOR:

Amar sem ser correspondido é como almoçar sem ter comida.
Amar sem ser amado, é como atravessar a 23 de maio sem ser atropelado.
Amar a quem nos odeia, é como botar o tênis embaixo do meio
Amar a professora da escola, é lamber selo só pra comer cola
Amar um bicho feio é como comer pastel sem ter recheio
Amar e depois perder, é como pagar o motel e não fa... mor

CASAMENTO:

Casar sem ter paixão, é gritar Palmeiras na torcida do Coringão
Casamento sem traição é como cadeia que não tem ladrão
Casamento sem adultério é que nem morto sem cemitério
Casar com mulher idiota é pior que bater no camburão da Rota
Casar sem ter transado é como passar de ano sem ter colado
Transar com mulher quarentona, é como comprar empada só pro comer a azeitona.

Silly love songs
Paul McCartney/Wings

Don't go breaking my heart
Elton John/Kiki Dee

December 1963
Four Seasons

I write the songs
Barry Manilow

Fly, Robin, fly
Silver Convention

More, more, more (Part I)
Andrea True Connection

Get up and boogie
Silver Convention

(Shake shake shake) Shake
K.C./The Sunshine Band

You should be dancing
Bee Gees

You'll never find
Lou Rawls

All by myself
Eric Carmen

AULAS DE INGLÊS

[illegible]

MUST GO

[illegible]

TO SEE

[illegible]

THE HATS

[illegible]

ENJOY THE TRIP

[illegible]

APPLE PIE

[illegible]

JOHN MUST GO FAR OFF

[illegible]

E agora: o sucesso de "Acredite se quiser", que fez sucesso bem antes da atual reprise...

1. Você sabia que de cada 20 cigarros de um mesmo maço, pelo menos 5 tomaram uma decisão inteligente; 4 se encontram na terra de Marlborough; 2 têm alguma coisa em comum e apenas 1 acha que o importante é ter charm?
2. Você sabia que os ovos de um bife à cavalo tem aulas de equitação desde pequenininhos?
3. Você sabia que o Mar Morto foi assassinado pelo Oceano Pacífico?
4. Você sabia que disco voador também tem lado A e B?
5. Você sabia que quando uma pessoa dá o último suspiro, o saquinho de suspiro acaba e ela tem que comprar outro?
6. Você sabia que durante a primeira guerra mundial, a segunda guerra ainda não tinha começado?
7. Você sabia que quando o sol torra a paciência, a luz fica cheia?
8. Você sabia que o maior prazer de um pé de sapato é chegar em casa e tirar o dono apertado de dentro?
9. Você sabia que quando um marido fanho põe o tênis, sua mulher fica... grávida?

INTEK

Esta publicação foi produzida pela Intek Editora Ltda., ficando a cargo da Jovem Pan 2 as responsabilidades editoriais. Colaboraram neste número: Alejandro Rosas (direção de arte e ilustrações), Claudio Rosas (diagramação), Marcos Ribeiro Franco (produção gráfica).

JOVEM PAN

Pos.	Ant.	Música/Artista
1º	1	**STEP BY STEP** New Kids on The Block
2º	8	**ERA UM GAROTO** Engenheiros do Hawai
3º	2	**REBEL IN ME** Jimmy Cliff
4º	-	**THIS ONE'S FOR THE CHILDREN** New Kids on The Block
5º	22	**PAPO CABEÇA** Lulu Santos
6º	3	**ADVICE FOR THE YOUNG AT HEART** Tears for Fears
7º	-	**MIDNIGHT** Nikka Costa
8º	6	**KNOCKIN ON HEAVEN'S DOOR** Guns N'Roses
9º	-	**SOBRE O TEMPO** Nenhum de Nós
10º	-	**TONIGHT** New Kids on The Block
11º	-	**O-OK** Plaza
12º	5	**OPPS UP** Snap
13º	4	**MONTE CASTELO** Legião Urbana
14º	-	**THINK** Information Society
15º	-	**FOUND LOVE** Double Dee
16º	14	**PÃO** Guilherme Arantes
17º	16	**FALLING SLOWLY** Shana
18º	9	**IT MUST HAVE BEEN LOVE** Roxette
19º	7	**SENDING ALL MY LOVE** Lineal
20º	17	**O QUE EU SEMPRE QUIS** Heróis da resistência
21º	10	**BLUE SAVANNAH** Erasure
22º	-	**CRUYING IN THE RAIN** A-ha
23º	24	**EVERYBODY EUSRY BODY** Black Box
24º	20	**A NOITE** Fernanda Abreu
25º	21	**THE POWER** Snap
26º	-	**VISION OF LOVE** Mariah Carey
27º	-	**HEART LIKE A WHEEL** Human Legue
28º	-	**YELLOW BIKINI** Bom Balurina
29º	28	**BELOS E MALDITOS** Capital Inicial
30º	18	**YO YO** Plaza

SUBINDO NA PARADA

DMC BRAZIL

Pos.	Ant.	Música/Artista	BPM
1º	4	**OOPS UP** Snap	103
2º	8	**SITUATION RAP** MC Crown	120
3º	18	**SWING II** Deff Boyz	112
4º	15	**FOUND LOVE** Double Dee	122
5º	-	**PIANO NEGRO** Piano Negro	102
6º	3	**MOVIN'** Lee Marrow	130
7º	2	**SENDING ALL MY LOVE** Linear	108
8º	5	**THE ROOF'S ON FIRE** West Bam	122
9º	1	**CINEMA** Ice MC	119
10º	9	**PUMP THAT BODY** Mr Lee	125
11º	13	**ROCKING OVER THE BEAT** Technotronic	126
12º	14	**GET DUMB** The Crew	121
13º	10	**VENUS** Don Pablo's Animals/Shocking Blue	125
14º	21	**DON'T MISS THE PARTYLINE** Bizz Nizz	120
15º	-	**WIGGLE IT** 2 In A Room	122
16º	6	**YO YO** Plaza	123
17º	23	**FEEL THE RHYTHM** Jazzi P	119
18º	-	**O-OH** Plaza	127
19º	17	**EVERYBODY EVERYBODY** Black Box	118
20º	7	**THE POWER** Snap	109
21º	26	**OK CORRAL** Ice MC	122
22º	11	**COME HOME WITH ME BABY** Dead Or Alive	121
23º	12	**VOGUE** Madonna	116
24º	16	**GOING ON** KC Element	123
25º	30	**DANCE DANCE** Deskee	118
26º	-	**CULT OF SNAP** Snap	98
27º	25	**U CAN'T TOUCH THIS** MC Hammer	124
28º	-	**HEART LIKE A WHEEL (REMIX)** Human League	105
29º	20	**DO WHAT YOU WANNA DO** 2 In A Room	119
30º	19	**TOO NICE TO BE REAL** T 99	123

COMPILADO PELOS DJ's MEMBROS DMC BRAZIL

SUBINDO NA PARADA — BPM: BATIDAS POR MINUTO

Behaviour.

PET SHOP BOYS

seu mais recente comportamento.

em Lp, K7 e CD

EMI

BMG

(011) 826.4288

SETE SETE CINCO BRASIL